



SUMMARIO

| | |
|--|------------------------|
| Chronica | Olavo Bilac. |
| Estado do Rio (gravuras)..... | |
| Tragedia da Borboleta..... | Cunha Mendes. |
| O Snr. Uchida, Ministro do Japão..... | |
| Romance velho..... | Alcebiades Furtado. |
| Notas sobre a marcha da operação dos xiphopagas | |
| Moedas & Sellos..... | Gonzaga Duque. |
| Sete Lagoas..... | Pedro Dutra Filho. |
| No Extremo Oriente..... | Moreira Guimarães. |
| O Rio Grande do Sul na Exposição de Milão. | |
| Penelope..... | Costa Macedo. |
| O Novo Reservatorio d'Agua em Construcção, Belém—Pará. | |
| O Açude de Quixadá..... | |
| S. A. o principe D. Luiz..... | |
| Os sinos de Marianna..... | Mario Behring. |
| De Relance..... | Celso Vieira. |
| Péga | Dr. Lucio de Mendonça. |



Malaguti

A Equitativa

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A
✦ ✦ VIDA — TERRESTRES E MARITIMOS ✦ ✦

Apolices Sorteaveis em Dinheiro em Vida do Segurado

Os sorteios d'esta classe de apolices tem lugar em 15 de Abril e 15 de Outubro de cada anno.

A Equitativa tem sorteado, desde a instituição d'esta classe de seguros, apolices no valor de Rs. 595:000\$00 pagos em dinheiro

A apolice de sorteio EM DINHEIRO, de exclusiva invenção da A EQUITATIVA, é a ultima palavra em Seguro de Vida

TODOS OS SORTEIOS SÃO PUBLICOS

O proximo sorteio terá lugar a 15 de Outubro p. f.

TABELLAS E PROSPECTOS EM SUA SÉDE

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

E em suas agencias e filiaes em todos os Estados da União e na Europa

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

COMPANHIA MINERVA

SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

DEPOSITO NO THESOURO FEDERAL — 200:000\$000

Rua 1.º de Março, 29 — RIO DE JANEIRO



DIRECTORIA

Emilio do Amaral Ribeiro

Affonso Burlamaqui

Jacinto de Magalhães



KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. 20\$000 EXTERIOR. 25\$000
NUMERO AVULSO 25000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

MAIO 1907

N. 5

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

CHEGOU a estação elegante do Rio, que começa em Maio e vae até Outubro. Estamos em plena *season*... É a prova disso é que já os jornaes annunciam um concerto por dia...

O Rio de Janeiro é, de todas as grandes cidades do mundo, a cidade melomana por excellencia. Aqui tudo se faz por musica ou com musica. Nós vivemos da, pela, e para a musica. A musica, arte admiravel, foi inventada para ser um dos encantos da vida, uma porta aberta para o sonho, uma janella rasgada sobre o páramo do ideal, um repouso e um goso para o espirito; nós, porém, fisemos da musica o proprio fim, o proprio fundo, a propria essencia da vida: ha cariócas que só comem solfas, que só bebem sustentidos, que só respiram claves.

Por isso, é pela extraordinaria abundancia e pela prodigiosa successão dos

concertos que se caracteriza a nossa estação elegante. Além dos musicos indigenas, temos no inverno os musicos advenos: e a nossa vida, durante estes seis mezes, é uma serie ininterrupta e continua de symphonias, de cantatas, de romanzas, de arias, de barcarollas, de duetos, de sólos, de córos, de walsas...

Este anno, o inverno carióca parece que se vae distinguir dos outros pela maravilhosa e nunca vista profusão dos pianistas.

Chegam-nos pianistas da Europa, da America, da Asia, da Africa, da Oceania, do Céu, do Purgatorio e do Inferno. Não se pode passar os olhos por um jornal, sem encontrar estas linhas: chegou hontem o notavel pianista F...» E' uma nuvem de pianistas!

Como se no Rio de Janeiro houvesse falta de pianistas!

Uma cidade, em que as crianças já nascem sabendo martellar no piano a gamma natural dos sete sons!

Do—ré—mi—fa—sol—la—si... Si—
la—sol—fa—mi—re—do...

Jesus! onde me esconderei eu,—em que apartado suburbio, em que esconso arredor, em que alpestre recanto desta cidade me poderei enlappar, para não ouvir, de sol a sol, do amanhecer ao entardecer, e do anoitecer ao alvorecer, esta medonha escala tocada da direita para esquerda, e da esquerda para a direita, do *do* ao *si* e do *si* ao *do*, em dez pianos, em mil pianos, em um milhão de pianos assassinos?

O Rio de Janeiro é a cidade dos pianos. O seu padroeiro, dizem, é São Sebastião... Foi mal escolhido. O Rio de Janeiro deveria ter, não um padroeiro, mas uma padroeira: a melodiosa Santa Cecilia, bema-venturada tocadora de cravo e de órgão.

Sahi por ahi fóra, ide de bairro em bairro, de rua em rua, de casa em casa,— e não encontrareis uma só casa em que não haja um piano, pelo menos. Porque ha casas que têm dois: um, de cauda, para as pessoas grandes, e outro, de meio armario, para as crianças principiantes.

E ha casas, que têm tres: um para a dona da casa e as filhas mais velhas, outro para a pirralhada, e outro para as criadas!

No lar mais pobre, sempre achareis um desses "monstros negros de dentes brancos", como já os denominou um poeta. Talvez não vejais, na mais humilde habitação carioca, panellas no fogão, nem comidas nos pratos, nem louça no armario, nem roupa na commoda, nem lenções na cama, nem munições de bocca na dispensa, nem agulhas e carreteis de linha na caixinha de costura: mas haveis de ver, por força, um piano. O piano é a ultima cousa que entra e sae das casas, quando ha mudança, porque é o traste mais presado, mais respeitado, mais cercado de amor e desvello. E' tambem a ultima cousa de que o pobre se desfaz. Quando se diz de um chefe de familia: "vendeu o piano", está dito tudo: nessa phrase se resumem e definem a miseria suprema e o supremo sacrificio; depois disso... o suicidio!

Bem sei que a mania do piano não é exclusivamente carioca: é brasileira.

Em 1894 (*ça ne nous rajeunit pas!*) visitei, em Minas, o local em que esplende hoje a opulenta e formosa cidade de Bello-Horizonte. Chamava-se aquillo o Curral-d'El-Rey. Era menos do que uma villa, menos do que uma povoação; era apenas um arraial; tinha uma igreja, e desoito casas. Pois bem! nesse modesto e apagado cafundó de desoito casas, havia nove pianos! Quantos pianos haverá actualmente na esplendida Bello-Horizonte? sei lá! talvez cem mil, talvez um milhão...

Mas em ponto nenhum do Brasil, ou do mundo, o imperio do piano é tão absoluto e tyrannico como no Rio de Janeiro. Aqui, as meninas ainda engatinham, e já sabem o do—re—mi.

Trecho de conversa que se ouve em todas as casas:

—Então, como vão as suas meninas, nos estudos?

—Ah! muito bem! tem todas muito gosto para o piano!

Ninguem pergunta a uma mãe de familia se as suas filhas sabem temperar um guizado, ou pospontar uma bainha, ou fusticar uma meia velha, ou engommar uma saia, ou marcar um lenço. O que se pergunta é se ellas já adquiriram o *doigté* indispensavel para a execução de uma sonata de Liszt.

E não nos espanta ver, em qualquer familia, um galopim de dez annos ainda analphabeto, passando os dias na rua a soltar papagaios de papel, em vez de ir aprender na escola publica do bairro a soletrar o nome e a conhecer a filiação zoológica de um papagaio de verdade: não nos espanta o analphabetismo do petiz, porque consideramos que cada idade tem a sua occupação, e que isto de saber ler é cousa que tem causado a desgraça de muita gente. Mas se nos dizem que uma irmã d'elle, contando já oito annos, ainda não sabe sacar do teclado a mellosidade da *Prière d'une vierge* ou os repiniques do *Vem cá mulata*, esbugalhamos os olhos

com assombro, como se estivessemos diante de um caso teratológico. Uma menina de oito annos, que ainda não toca piano! que monstruosidade!



Admittida essa pianolatria carioca, não admira que o Rio de Janeiro seja o melhor mercado do mundo para os fabricantes de pianos, e para os compositores de musica facil.

De musica facil, — porque poucas, muito poucas dessas meninas chegam a poder executar musica difficil, musica seria, verdadeira musica. Quasi todas páram nas polkas, nas quadrilhas, nas walsas, que os compositores indigenas e estrangeiros fabricam ás fornadas, com titulos de um lyrismo babão, ou de um heroismo estapa-furdio: *Lgrimas de Sinhá Gloria a Santos Dumont, Pingos de orvalho, Morrer pela Patria*, ou *Mata-me, ingrata!* E algumas dessas pianistas falladas nem chegam a tocar a mais facil das polkas; envelhecem na escala, e vão até a sepultura atormentando os ouvidos da vizinhança com o eterno do — re — mi — fa — sol — la — si ...

Quanto aos fabricantes de pianos, esses teem no Rio de Janeiro um mercado seguro, amplo, eterno, inabalavel. Já contastes as casas de vender e alugar pianos, que ha no Rio de Janeiro? Só na Avenida Central, ha tres. E já encontrei uma no Encantado, que fica perto do logar em que Judas perdeu as botas!

Li ha pouco uma estatística que me impressionou.

Sabeis quantos pianos se fabricam annualmente no mundo? trezentos e noventa e cinco mil: — quinze mil na França, cincoenta mil na Inglaterra, oitenta mil na Allemanha, e duzentos e cincoenta mil nos Estados Unidos! E' allucinante!

Chego a acreditar que tudo isso vem para o Brasil. E pensar que todo o Brasil

conta apenas vinte milhões de habitantes!...

Como acabais de ver, os paizes que mais pianos fabricam são a Allemanha e os Estados Unidos... Esse é que é o verdadeiro perigo allemão! esse é que é o verdadeiro perigo *yankee!* E é licito dizer que esse é tambem o verdadeiro perigo amarello, — porque o amarello é a cor do Desespero...

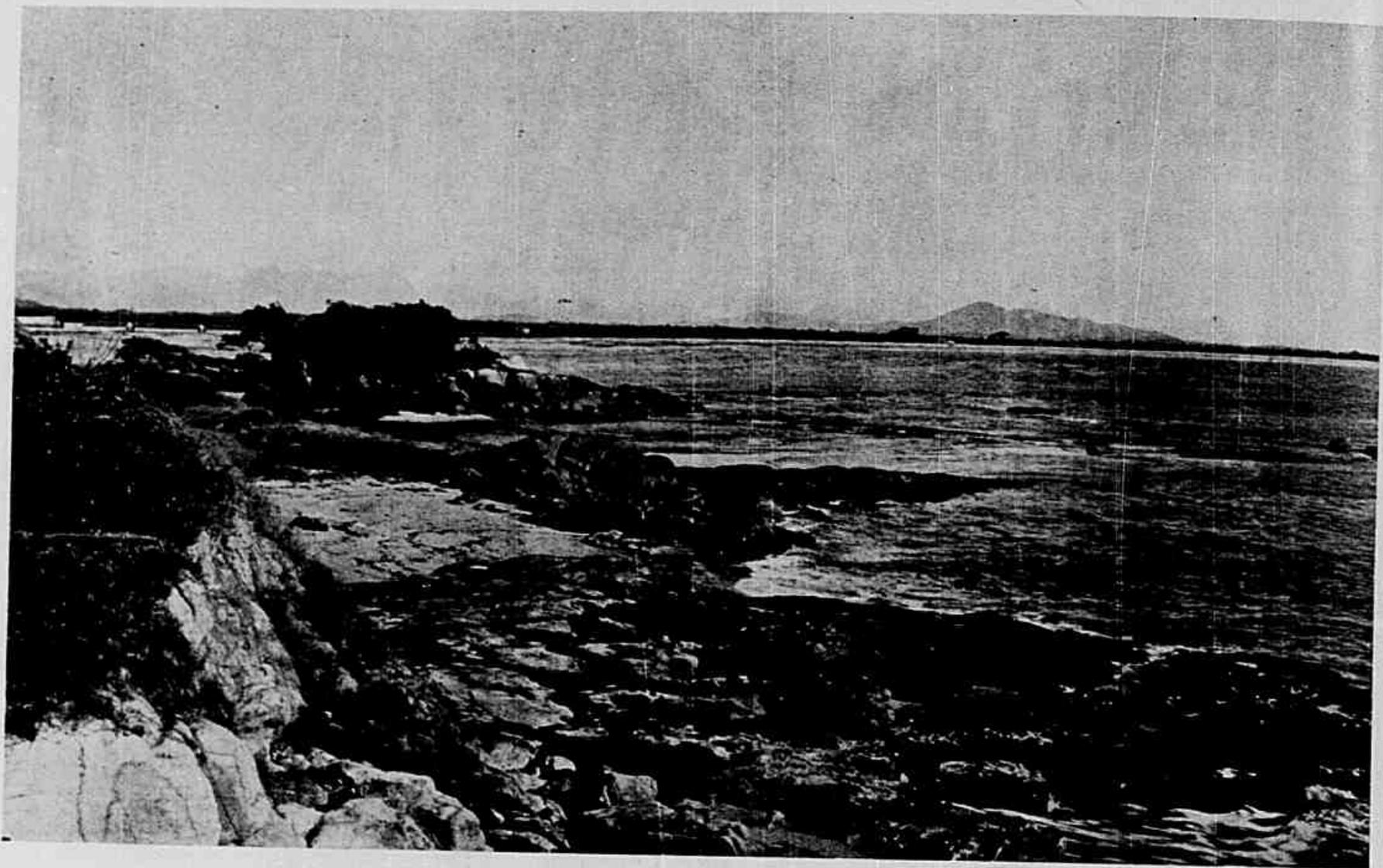


Neste mesmo momento, uma das minhas visinhas começa a dedilhar o teclado do seu piano: do — re — mi — fa — sol — la — si... si — la — sol — fa — mi — re — do ... E, á hora em que os trinta mil assignantes da *Kósmos* estiverem lendo esta chronica, trinta mil pianos lhes estarão provando que não exagéro: si — la — sol — fa — mi — re — do ... do — re — mi — fa — sol — la — si ...

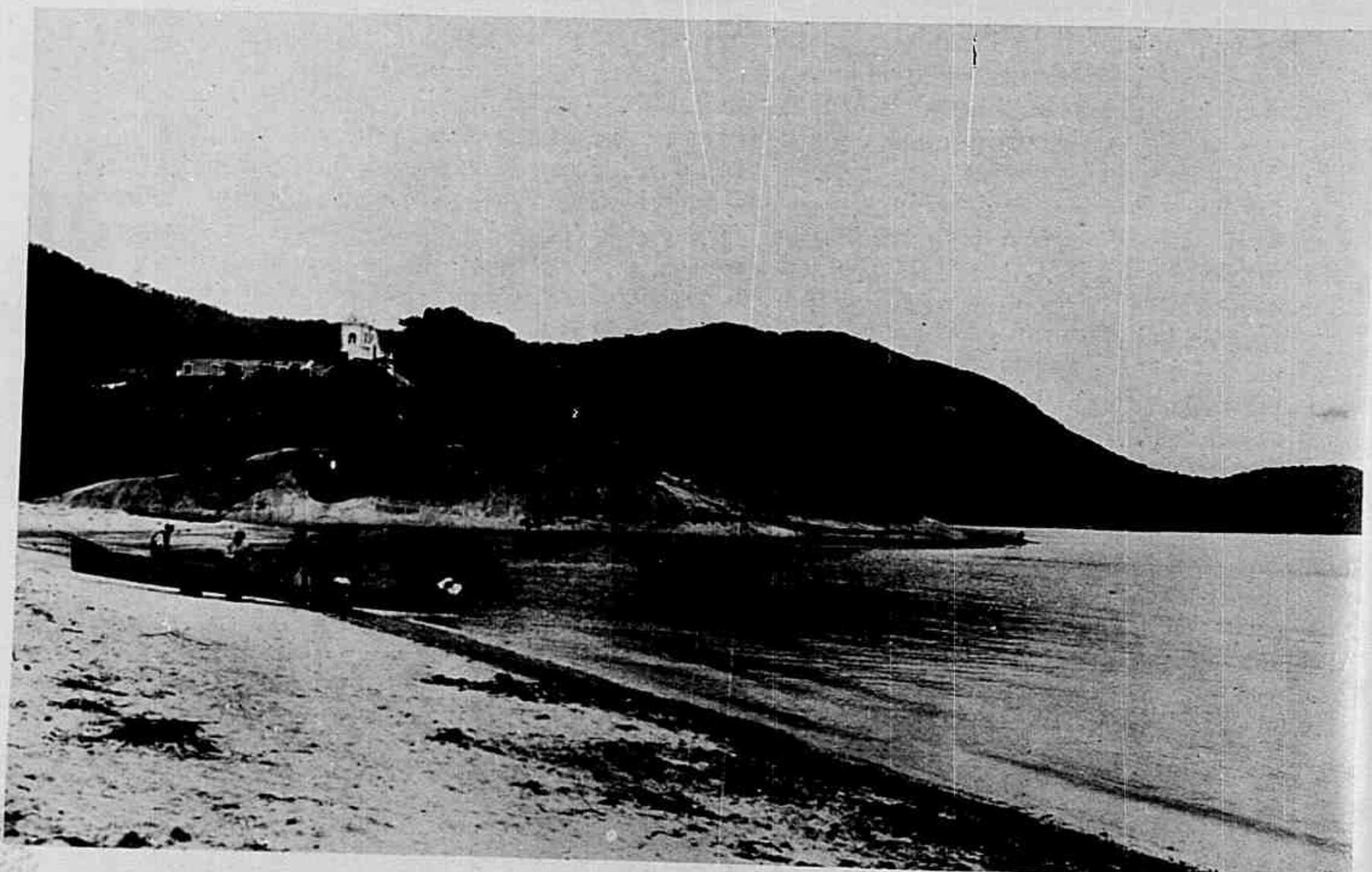
E' a escala infernal das torturas, é a gamma demoniaca dos martyrios. Os chins, que refinaram e apuraram de modo maravilhoso a arte dos supplicios, — a canga, os anjinhos, a polé, as aspás, a braga, o eculeo, o estremalho, o estrepe, a ferroeia, as bastonadas, o borzeguim de ferro, o esquartejamento, a roda, a fogueira, a taboa de prégos, — nunca se lembraram deste supremo requinte do tormento: um piano perto do padecente, e uma pianista, debruçada sobre o teclado, deixando pingar dentro do ouvido e do cerebro do misero, durante um dia, uma semana, um mez, um anno, um seculo, uma eternidade, a chuva hedionda das notas da escala: do — re — mi — fa — sol — la — si... si — la — sol — fa — mi — re — do ...

Deuses immortaes! e ainda nos chegam pianistas da Oceania, da Africa, da Asia, da America, da Europa, do Inferno, do Purgatorio e do Céu!

O. B.

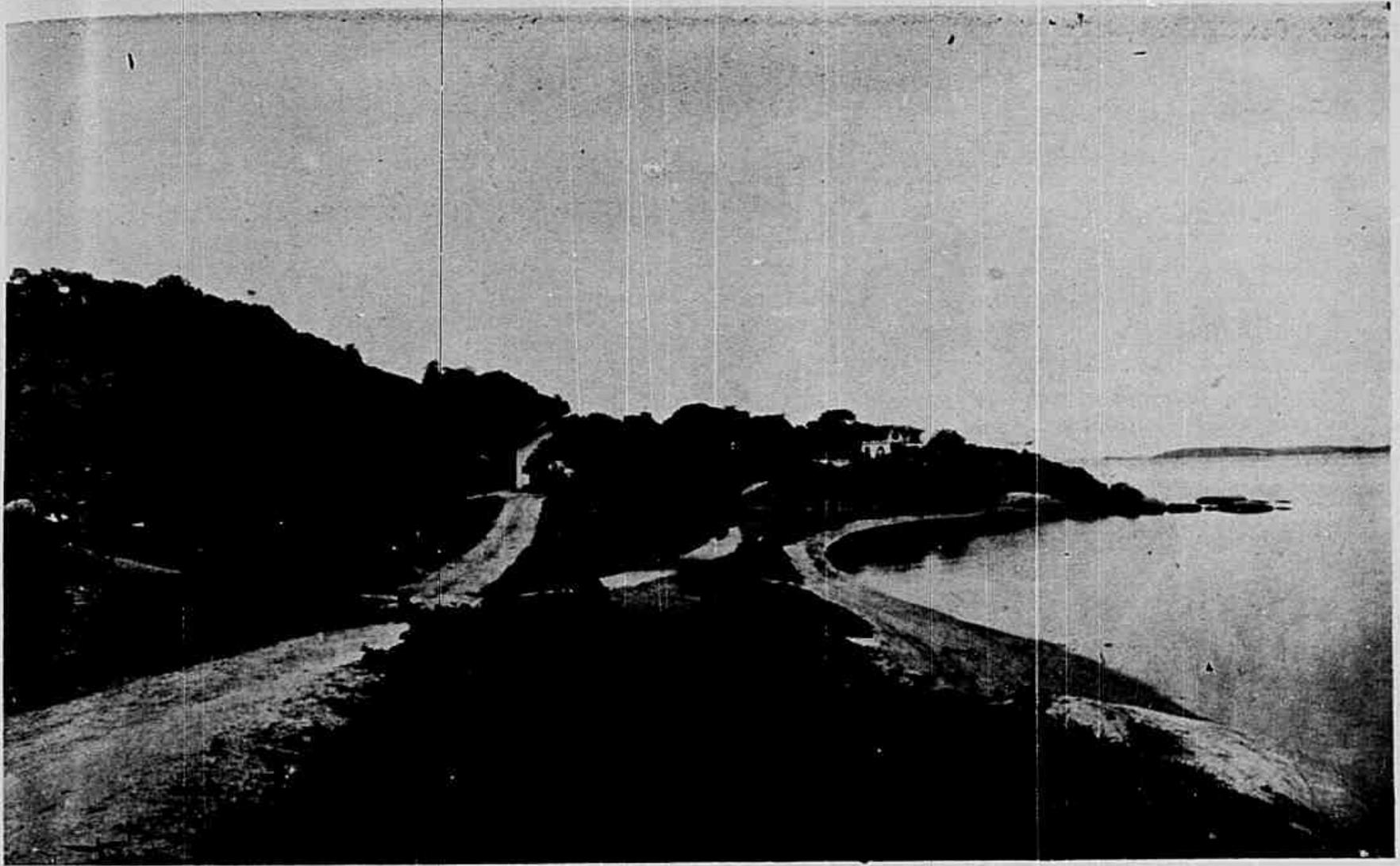


PRAIA DA CONCHA, MACAHÉ — CAMPOS

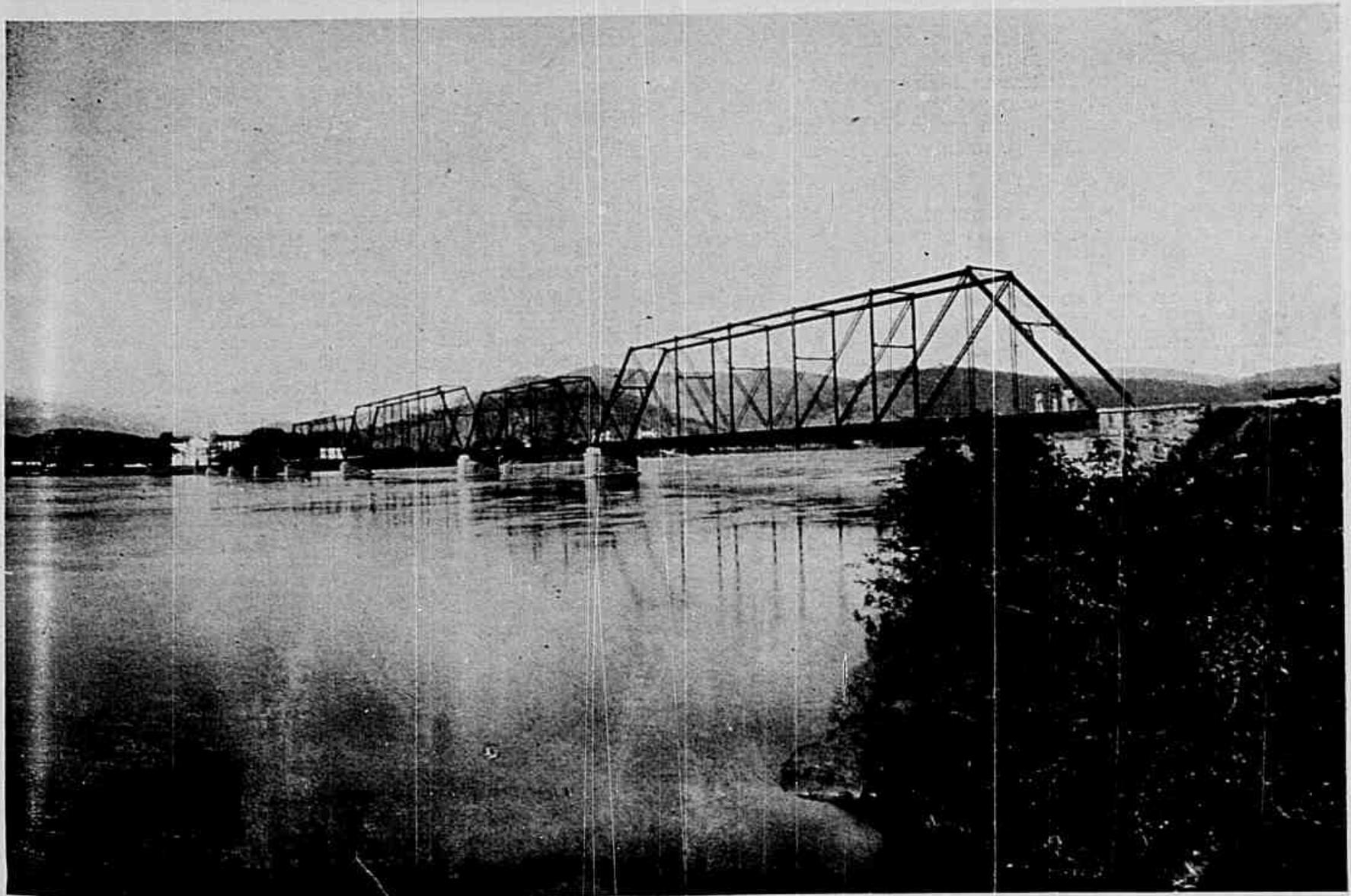


L. MUSSO & C.

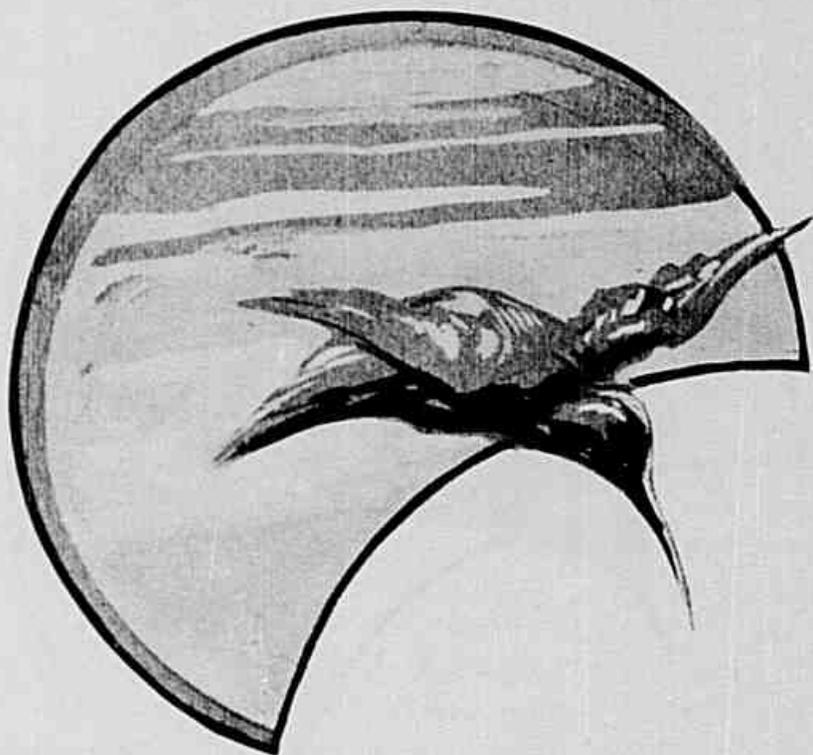
SACCO DE S. FRANCISCO — NICTHEROY



ILHA DE SANTA CRUZ



Tragedia da borboleta



I

Caso de assombro, aquelle.

Em silente paragem
Da matta, um colibri percorrera a folhagem,
E subito estacara.
— Era uma flor, de certo,
A voar, a voar. Passara-lhe tão perto
Do bico a flor extranha! Era uma flor: no mundo
Jamais vira, jamais! esse caso profundo
De haver asas na dhalia, ou na malva, ou na rosa.
Sem duvida, um mysterio. E, na mais silenciosa
Attitude, entrevira uma sombra discreta
De passaro, ou de flor, jamais de borboleta.
As petalas talvez fossem asas franzinas,
Encobriendo a belleza e as graças peregrinas
De alguma colibri.

Pesaroso, movendo
As pennas, apurando os ouvidos, contendo
O vôo, espraia o olhar pela floresta escura;
Embalde, a suspirar sobre um galho, procura
Vel-a mais uma vez. Onde pousou? Por onde
Esvoaça? Em que ninho, em que logar se esconde?
Nessas meditações foram-se as horas. Quando
Vinha a noute, de leve e de leve, tombando,
Ainda ali meditava, e em vão desejaría
Esquecer-se, daquella imagem fugidia.
Cerrava, pensativo, as palpebras: aquella
Imagem, sempre mais attrahente e mais bella,
Surge na placidez de su'alma; e, entreabrindo
Os olhos ao luar, no azul sereno e lindo,
Não podia vencer essa grande saudade
De uma sombra fugaz.

II

Assim, na soledade
Da floresta, occultando entre as asas mimosas
A cabeça, pensava em cousas melindrosas,
Sem gosar o tranquillo e ditoso abandono
Em que tempos atraz vinha enconral-o o somno.
E, aguardando o fulgor dos ceus crepusculares,
Mergulhava-se agora em profundos scismares:

— Que tormento, esta insomnia! Em meus dias d'outrora
Adormecia ao poente, e despertava á aurora.
— Uma flor a voar! Era um passaro!— A' noute,
Si do vento rugia, alto e rispido, o açoute,
Nem siquer me quebrava o repouso.— E tão perto,
A voar, a voar aquella flor. De certo
Era um passaro; não, era flor.— Entretanto
Não posso adormecer neste frio recanto.
A lua como é bella! e eu nunca me lembrara
Vê-la no alto do ceu, tão formosa e tão clara,
Como em sereno lago uma fragil galera.
— Era flor, a voar, a voar.— Eu quisera
Bem preguiçosamente os meus olhos cansados
Cerrar, na doce paz de sonhos delicados.
E, tão só, sem amor e sem ninho! Nem mesmo
Tenho uma companheira: a vagar, sempre a êsmo,
Percorro, dia a dia, a cheirosa floresta.
— A voar, a voar... Era um passaro. Lesta
E fugaz, pareceu-me uma flor.—

E, de brando,
Adormeceu.

III

Festiva e rósea, illuminando
Os ceus, n'um resplendor de sorrisos, a aurora
Dos ninhos despertava a alegria sonora.
Languidamente abrindo os olhos, a lembrança
Da visão transvasava uma tenue, esperança
No recesso feral dos intimos pesares.
E, n'ancia de apaixonado, arrojando-se aos ares,
Lá se foi, procurando atravez da ramagem
Essa, de seu amor, fascinante miragem.
Vôa aqui; vôa ali; vôa além; sobre um galho
Pousa; parte outra vez; sente gotas de orvalho;
Sóbe; desce; pesquisa o arvoredor; descansa;
Vae mais longe; por entre os espinhos se lança;
Volta; agita-se no ar; no ar fica suspenso;
Aos poucos se fatiga; e, n'um martyrio immenso,
N'um recanto se occulta.

— Aqui, n'esta emboscada,
Poderei esperar a apparição amada
Que o somno me perturba e me perturba a vida.
Que ella passe a meu lado! Hei de vel-a retida
Em meu beijo fatal, em meu beijo violento,
Que, sedento de amor e de praser sedento,
Um calice atravessa e, lá dentro, no fundo
Do coração derrama o seu goso profundo.
E' tão doce aguardar esse momento! Basta
Um instante. Mas como um instante se arrasta
Vagaroso, infinito! O tempo bem parece
Que, de inutil, de gasto, ou de exausto, se esquece
De seguir o seu curso. E' tão grande a tortura
De, minuto a minuto, esperar a ventura
De amorosa entrevista! Uma entrevista? Minto! —
Aqui estou na emboscada, assim como o faminto
Fica á espreita da prêsca. Ella que passe: fria
E muda, ha de soffrer a violenta ousadia
Com que, louco de affecto, immenso de desejo,
Soltarei em sua alma a furia de meu beijo.
E ella não passa!—

IV

Abrindo as asas de repente,
Partiu rapido, atraz de uma leve e ridente
Beija-flor. Era bella, ainda joven, de certo
Tambem virgem.

— Melhor abandonar o incerto
E ter as sensações de uma nova conquista,
Ditosa ao coração e agradável á vista!—

E, alcançando-a, beijou-a. Ella freuiu. As aves,
Em assumptos de amor, parecem menos graves
Que as mulheres. Beijou-a outra vez. E, enlaçados
Na realização de sonhos cobiçados,
Lá se foram voando e gosando os instantes
Que alvoroçam de gloria os noivos e os amantes.
«Vem commigo! exclamava a companheira; um ninho
Iremos construir para o nosso carinho.»
Queres então diser... —

«Que me sigas.»

— Portanto

E's minha, e o serás sempre?!

«E isto te causa espanto!»,

— Mais que espanto: loucura!

«E, a teu grande desejo,

Não sugaste, inda ha pouco, o nectar de meu beijo?
Si me vinhas ferir de desprezo e impiedade,
Porque então me sorveste o mel á virgindade?»

— Porque? Não sei dizer. Mas não te sigo: adoro
A minha liberdade; e si mesmo ao decoro
Faltei, debes culpar a divina influencia
De tua alta belleza e radiosa innocencia. —

«Galanteios... — Demais, quando te vi, pensava
Que eras outra... —

«Uma offensa.»

— Eras a flor, aquella,

A voar, a voar, tão mimosa e tão bella,
Que fugiu... —

«Uma flor a voar! Ironia

Com que fazes mais longa a sangrenta agonia
De minha atroz deshonra.»

— E' tarde: já não posso

Demorar-me: é tão grande a saudade do nosso
Encontro!

«Que perfidia!»

— Adeus, formosa! —

V

Occulto

Na floresta, aguardava o suavissimo vulto
Da sombra que o tortura, o persegue e o fascina,
Sem por veloz instante esquecel-a. Domina
Embalde o pensamento: embalde procurara
N'outra bella o prazer e, inda em vão, se enganara,
Enganando-a tambem. Assim, languido e triste,
Lança por toda a parte um olhar e persiste
Em descobrir a extranha e mysteriosa imagem.
Mas, subito, oscillando a virente ramagem,
Resôa um ciclar de profundo segrêdo,
De segrêdo a expirar entre malicia e medo.
Elle scisma: talvez d'essa moita compacta
Surja agora a visão. E, no escuro da matta,
Pasma, vendo um casal de colibris, trocando
Phrases dentro do ninho. Ambos, de quando em quando,
Na harmonica expansão de eloquente ternura,
Têm uns gestos subtis de carinho e ventura.
Rápido, abandonando o agasalho, em ligeiro
Adeus, partiu então o meigo companheiro
Que devia buscar muito longe o alimento
Para os filhos. E emquanto, em seu esolamento,
A consorte gentil, na plumagem macia
Branda e maternalmente a prole acaricia,
Escuta muito perto uma voz:

— Por ventura

Não passou por aqui uma flor quasi escura
A voar? —

«Uma flor a voar?!»,

— Parecia

Ser um passaro.. não, era flor. N'ella havia
Menos graça que em ti: és mais terna e formosa... —
«Eu?!»

— Tu! —

«Deixa-me em paz!»

E's muito mais graciosa

Do que a flor. —

«Meu esposo...»

— Abandona-o! —

«Que pensas

De mim?!»,

— Fico a pensar que nas moitas immensas

Ha sempre algum logar para os nossos amores:

Deixa o teu camarada; iremos entre as flores... —

«E's um louco!»

— Loucura?! —

«Eu nunca me confundo

Com as que rindo se vão por este flóreo mundo

Sem dos vicios siquer distinguir as virtudes.»

— Não, meu divino amor, em verdade te illudes! —

«Mas que queres de mim?»

— Quero tudo. —

«Que dises?!»,

— Quero tudo, meu anjo; ha que dias felizes

A teu lado... —

«A meu lado?!»,

— Então? contigo. —

«Basta

De aggressiva franquesa.»

— E's tão pura e tão casta,

Mas o amor é tão grande e tão forte! Sómente

Quisera suspender em teu biquinho o ardente

Beijo que está suspenso agora de meu bico. —

«De que falas?»

— De um beijo: á espera d'elle fico

Em teu ninho. —

«No meu ninho?!»,

— Perfeitamente. —

«Mas, si o meu companheiro, ao chegar de repente...»

— Fujo. —

«Como?»

— Porque tentar assassinal-o,

Si o bom senso me diz que é prudente evital-o?

Não hesites, formosa!

E, agitada de medo,

Procurando o tranquillo e cerrado arvoredor,

Lá se foi, escutando o barulho violento

De seu perseguidor.

VI

Ora, n'esse momento,

Como a tombar de um ceu de flores e perfumes,

Surge o esposo e, a offegar de terriveis ciumes,

Arroja-se de encontro ao passaro galante

Que estivera a ostentar as seducções de amante.

Foi tremendo o duello. A floresta admirava

Os golpes; cada flor, descorando, oscillava

E, fechando em deliquio as pétalas olentes,

Do alto vinha rolar por sobre os combatentes.

Pennas erravam no ar; cahiam folhas; tudo,

Ante a lucta de heroes, ficara quêdo e mudo.

E, ébrios de desespero, um ao outro ligados,

Ora em busca do azul, ora do azul tombados,

Escutavam, por fim, nas soledades calmas,

Gritos, brados triumphaes, aclamações e palmas.

VII

Fugira um beija-flor: a densa ramaria

Protegera-o da morte. Era aquelle, devia,

Ser o que profanara a alma da natureza

Ensinando o adulterio e lançando a impureza

Num casto coração e n'um formoso ninho.

Era o que conspurcava a innocencia e o carinho
 D'aquella colibri em plena mocidade
 E, depois da perfidia e da immoralidade,
 A' plena luz do sol, do flóreo mundo á vista,
 Cynico! de uma esposa almejava a conquista.

VIII

Tremulo, n'um recanto escuro meditava
 E, nodado de sangue, as penas alisava.
 Então, passeando o olhar por montanhas e valles,
 Maldisendo o poder de tão rispido males,
 Evocava, em profundo e grande abatimento,
 A aligera visão que de infando tormento
 A vida lhe embruscara.

— Ella está longe: certo
 A distancia seduz, como fascina o incerto.
 Era passaro?... Flor?... Habitante seria
 De bem longe paiz? Talvez, por phantasia,
 D'outras climas viesse e, voltando a seus lares,
 Legasse aos colibris a saudade e os pesares. —

E, enquanto assim pensava, entre a densa folhagem
 Uma sombra passou: ah, não era miragem,
 Sonho tambem não fôra.

E, ao vel-a, anceia e córa;
 Corta o espaço; atravessa os moitagaes; e, agora
 Timido, estaca e hesita; e logo sóbe e ascende;
 E, febril de emoções, subito a alcança e prende.

IX

Alcançal-a e prendel-a! Era sua! Um thesouro
 Espalhando em redor pulverisações de ouro.
 Vae beijal-a, talvez. Mas de chofre se agita
 Em tétrica expressão de uma dor infinita.
 Elle, que a amara tanto; elle, que a procurara
 Como o unico ideal da ventura mais rara,
 Sente a desillusão — a immensa dor secreta
 De prender uma escura e inutil borboleta!
 E, cortado de horror, clama na immensidade:
 — O' divina apparencia! ó triste realidade! —

CUNHA MENDES



O Snr. Uchida Ministro do Japão e sua Exma. Esposa

Romance velho

RAYMUNDO Freire e João de Castro eram amigos de infancia. Nascidos e educados na provincia, vieram cursar as aulas da escola medica da Côrte.

Aquí receberam juntamente capello e montaram escriptorio á rua do Sabão, onde davam consultas, no tempo que lhes sobejava da clinica do bairro.

Moravam em chacara no Rio Comprido, onde a mãe do Raymundo, D. Constança, era a dona da casa e a providencia de ambos; porque pareciam destinados ao celibato.

O João de Castro era orfão desde os dezoito annos, quando se matricularam, da mesma idade.

Na escola alcunharam-n'os de *irmãos siameses*.

D. Lidia chamava-os Damão & Phintias.

D. Lidia era a vizinha da rua do Bispo, onde reunia no aprasivel solar, aos domingos, a mocidade casadora daquelle tempo, em que o vestido de organdy e a calça larga, verde alecrim, eram requinte de elegancia.

Alice Neves era uma languida morena de grandes olhos mansos, magrinha e esbelta.

Entre outras qualidades que tinha, excellente soprano.

E como cantasse modinhas com tamanha meiguice, aconteceu que della se enamorassem os dois amigos.

Alice Neves não se decidia entre os dois, não tendo distinguido na assiduidade de ambos senão o derriço facil, a que estava acostumada, na companhia dos galantes que a cercavam.

Como, porém, a distincção de maneiras dos dois amigos a impressionasse melhor do que a insistencia do Pinho e do Alvim, os reis da valsa, e a do Fonseca, cujo talento cifrava-se em fazer caracollar o cavallo inglez, ao passeio, Alice não escondeo a preferencia pelos *siamezes*.

Raymundo apaixonou-se deveras. A côr da sua paixão era desse brando azul de verbena, que se estiola, se não n'o aquece o sol:

«Come verbana quando manca il sole...»

João de Castro soffria de vel-o emmagrecer.

D. Constança notava-lhe, apprehensiva, as olheiras.

De natureza expansiva, João de Castro disfarçava mal a paixão que lhe levava os sonhos de moço.

Tomara-lhe o rosto a côr do limão.

Era mais assiduo á clinica; enquanto o Raymundo, distrahido, retrahia-se e tornava-se raro.

Uma noite, em que João de Castro tivera um colloquio amoroso com Alide, disse-lhe meia verdade sobre a sua situação.

Alice respondeu-lhe versutamente, «que não sabia bem qual dos dois amava; que acreditava, porém, que fosse elle»; e deu-lhe, por antecipação, um beijo na bocca; beijo hysterico de enamorada, que o João sentiu ir-lhe até o fundo do ser, como chumbo fervendo.

A' noite, depois do chá, Raymundo sahira a ver uma parenta doente.

Os dois sós, D. Constança interpellou ao João de Castro.

O instincto de mãe presentira uma rival no coração do filho.

Mas, se elle amava, porque não seria feliz?

Porque lhe tinham fugido a alegria dos olhos e o sorriso da bocca amavel?

Que não fosse elle feliz no amor não lhe passava pela mente; que elle, o seu bello filho era naturalmente, o primeiro dos homens e ella adorava-o de joelhos.

João de Castro ouviu-a fallar.

Quando ella, se calando, ficou a olhal-o, anciosa, espectante:

«Não se afflija, mãesinha; isso do Raymundo vae passar depressa...»

E rindo: «E' mal que não dura, asseguro-lhe eu. Nada, porém, lhe digo da nossa confidencia.»

D. Constança não fallou ao filho.

Tres dias depois disto, levantava ferro no porto o *Douro*.

O medico de bordo, em uniforme branco, de pé, olhava, com o binoculo sobre o Rio de Janeiro, a manhã brumosa e humida.

Começara a machina a mover a helice; o vapor virava de bordo.

Neste momento, larga faixa de sol rompeu o nimbus, projectando o clarão entre os morros da cidade...

João de Castro olhou para ali.

Limpou uma lagrima.

E accendeu um cigarro.

RIO DE JANEIRO

NOTICIA Geral, Historica e Descriptiva da Cidade

— por —

FERREIRA DA ROSA

Edição da Prefeitura

Ilustrações photographicas de toda a cidade, inclusive
seus ultimos melhoramentos

IMPRESSÕES E GRAVURAS DAS OFFICINAS

—KOSMOS—

Brochura 15\$000

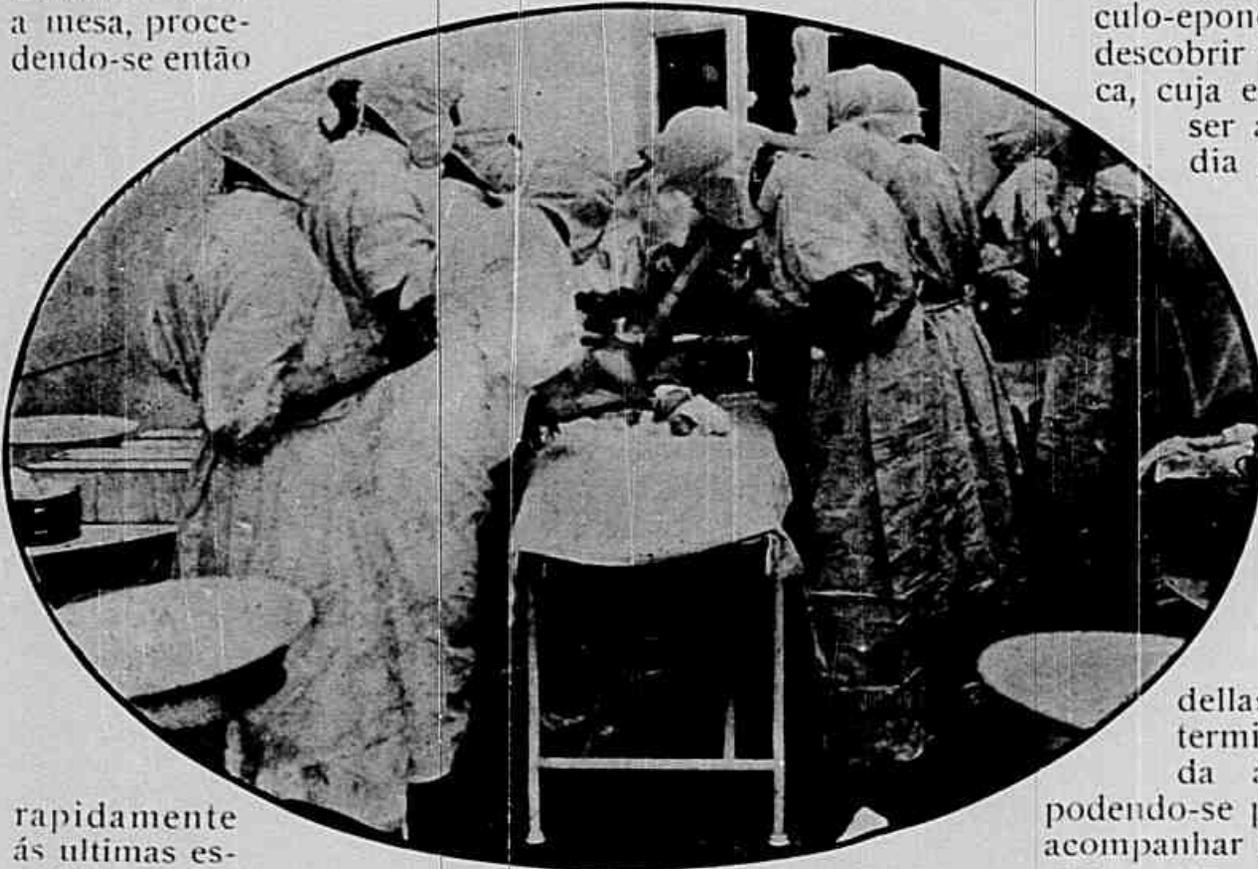
Encadernado em marroquim . . . 20\$000

REMETTE-SE AOS ASSIGNANTES DA
"KOSMOS" COM PORTE FRANCO MEDIANTE VALE POSTAL

A VENDA NA
RUA DA ASSEMBLÉA 62

Notas sobre a marcha da operação dos xiphopagas

DEPOIS de iniciada a chloroformisação na sala contigua, foram as meninas transportadas para a sala de operações e ali deitadas sobre a mesa, procedendo-se então



rapidamente ás ultimas esterilizações da pelle da região com o alcoolab soluto e ether sulfurico, (como se vê na estampa acima).

A principio Maria de Lourdes repousava sobre o lado esquerdo e Maria Francisca sobre o direito.

Nesta posição foi iniciada a operação por uma incisão da pelle e do tecido celular subcutaneo, partindo do limite superior da ponte de união e prolongando-se até a base da hernia, onde bifurcou-se para passar cada ramo entre a parede abdominal de uma das crianças e a saliencia constituida por essa producção. (A 2ª estampa mostra a applicação de compressas de gaze depois desta incisão).

Voltadas as meninas do lado opposto foi retomada a 1ª incisão em sua extremidade superior e continuada de modo analogo ao do outro lado, isto é, bifurcando-se ao nivel da base da hernia para irem seus ramos encontrar-se com os da bifurcação da 1ª incisão, de modo a circumscrever todo o sacco herniario em sua base por uma incisão continua.

Excisada a pelle deste sacco, foi facil penetrar-se na cavidade abdominal e explorar a região correspondente á face inferior do figado commum, onde foi verificada a presença de dous aparelhos biliares, um para cada organismo.

Feita uma ligadura dupla de uma adherencia bastante extensa dos epiploons gastrocolicos, reduzidos os intestinos e estreitado do lado de cada uma das meninas o orificio deixado pela incisão do sacco herniario, foi

feita a incisão da camada musculo-eponevrotica de modo a descobrir toda a ponte hepatica, cuja extensão, como pode ser apreciado, correspondia á que tinha sido revelada pela radiographia, isto é, a quasi toda a ponte.

Feita com todas as cautelas a incisão da arcada esteo-cartilaginosa que ligava as duas crianças, vio-se logo abaixo della fazer saliencia, de cada lado, o fundo de sacco anterior do pericardio de cada uma dellas vindo fazer hernia intermitentemente por baixo da arcada cartilaginosa, podendo-se por essas propulsões acompanhar as revoluções cardiacas.

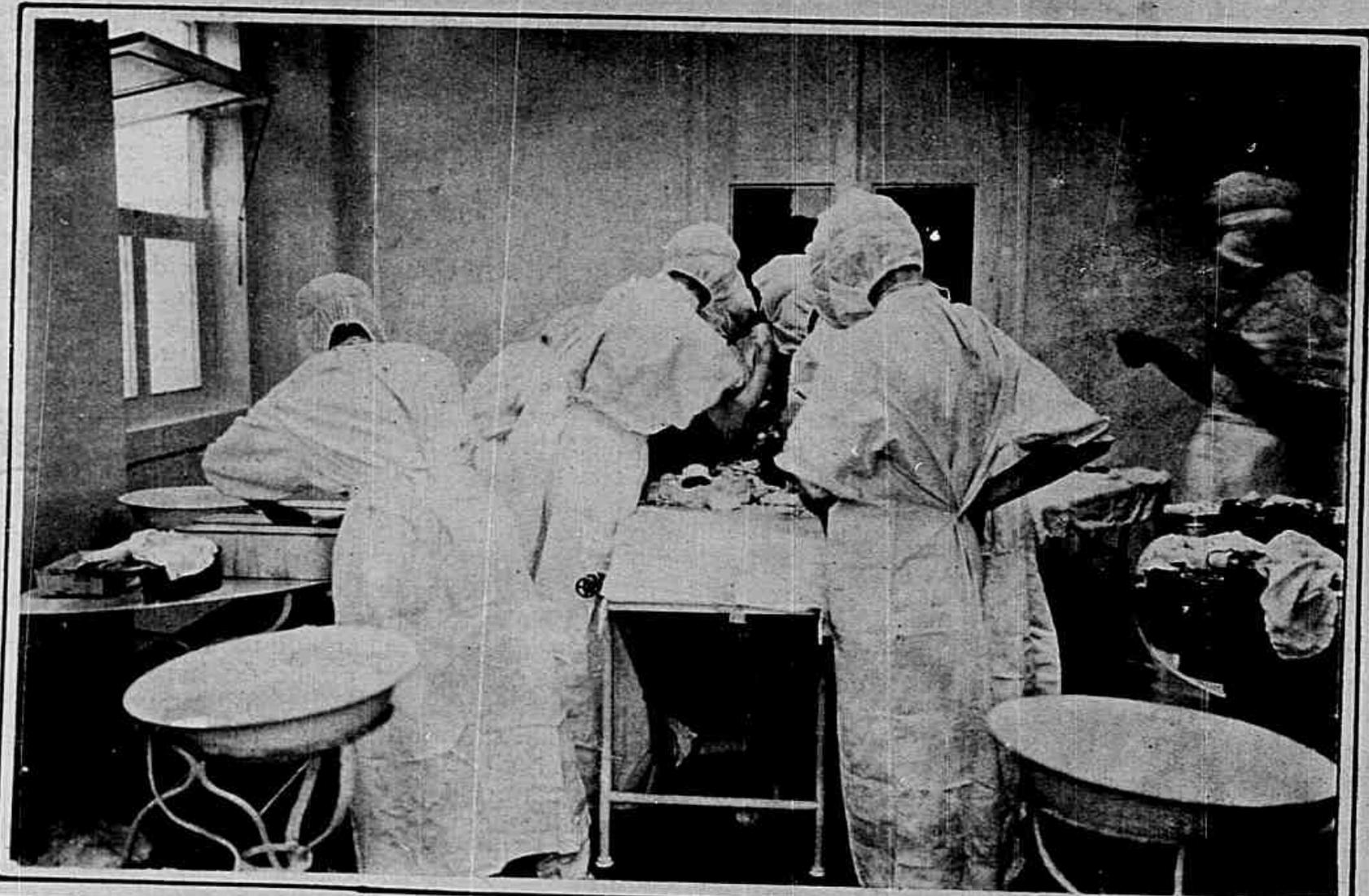
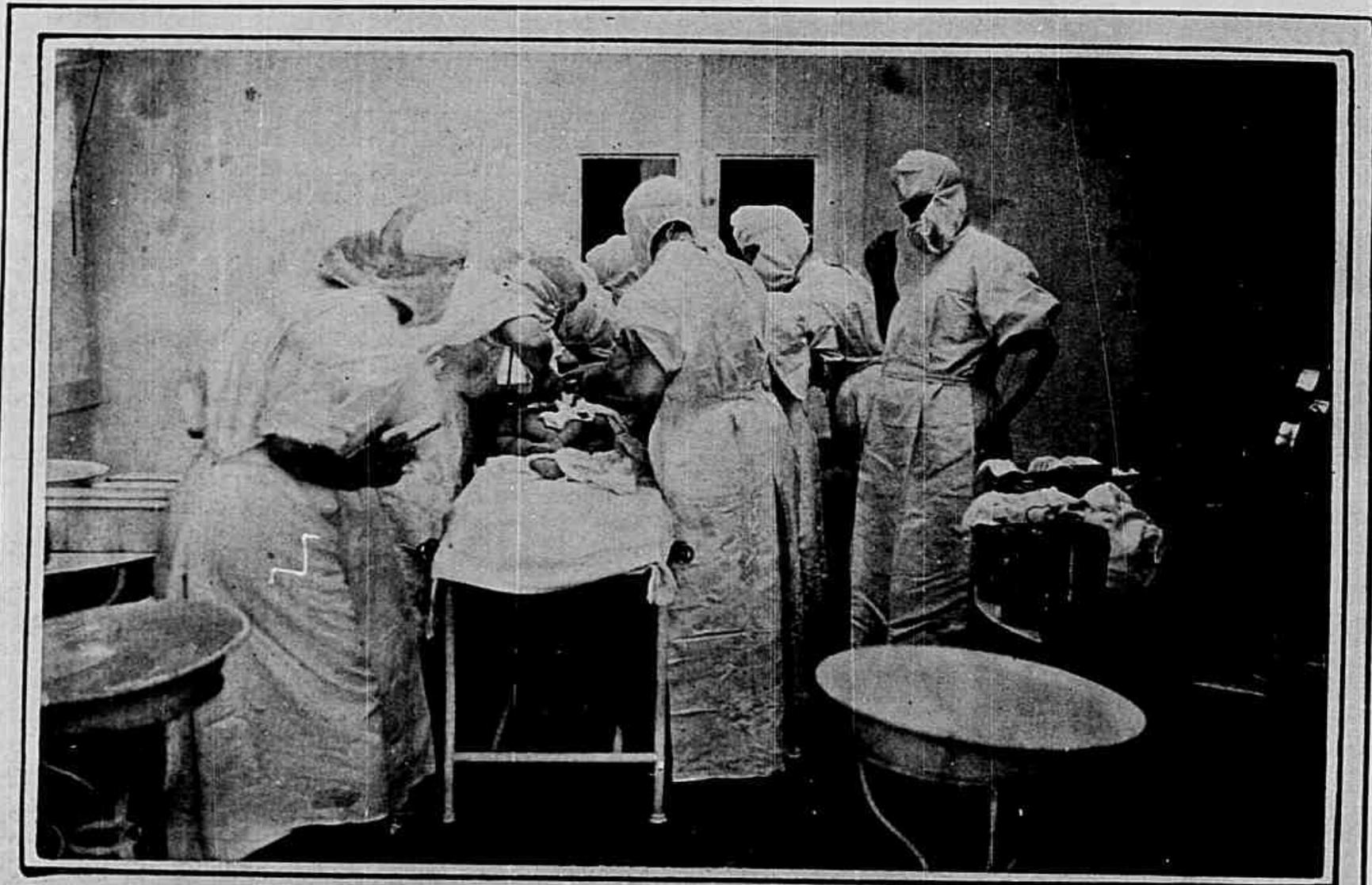
Bem exploradas as relações anatomicas das duas crianças acima e abaixo da ponte hepatica, fez-se a secção dos tecidos subjacentes á arcada cartilaginosa onde se encontrava um prolongamento em fundo de sacco da pleura direita de Maria de Lourdes, penetrando, além do plano de junção, no interior da cavidade thoraxica do lado esquerdo de Maria Francisca.

Feita a incisão deste prolongamento de pleura entre duas pinças de Kocker passou-se logo á ponte do figado.

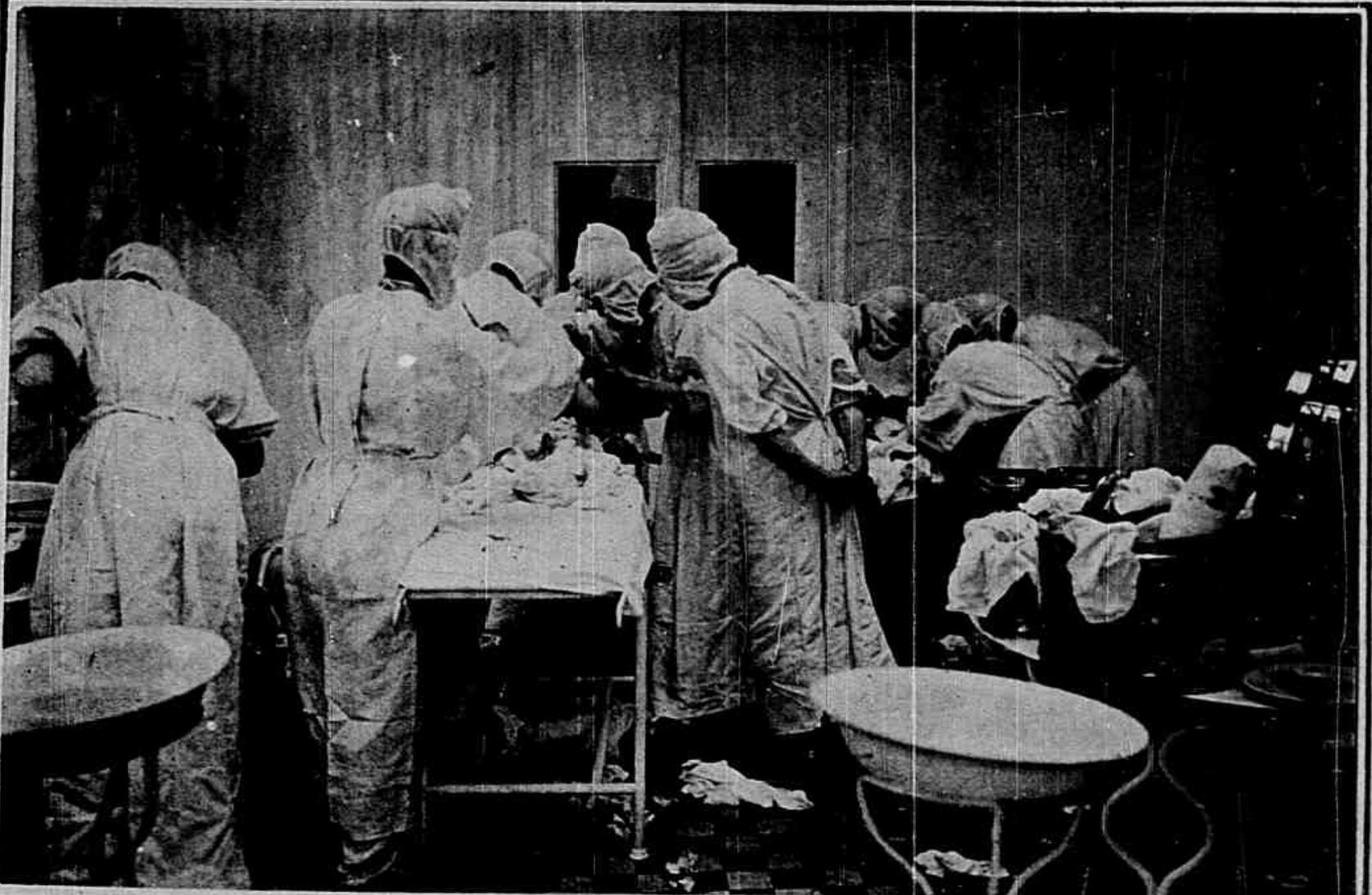
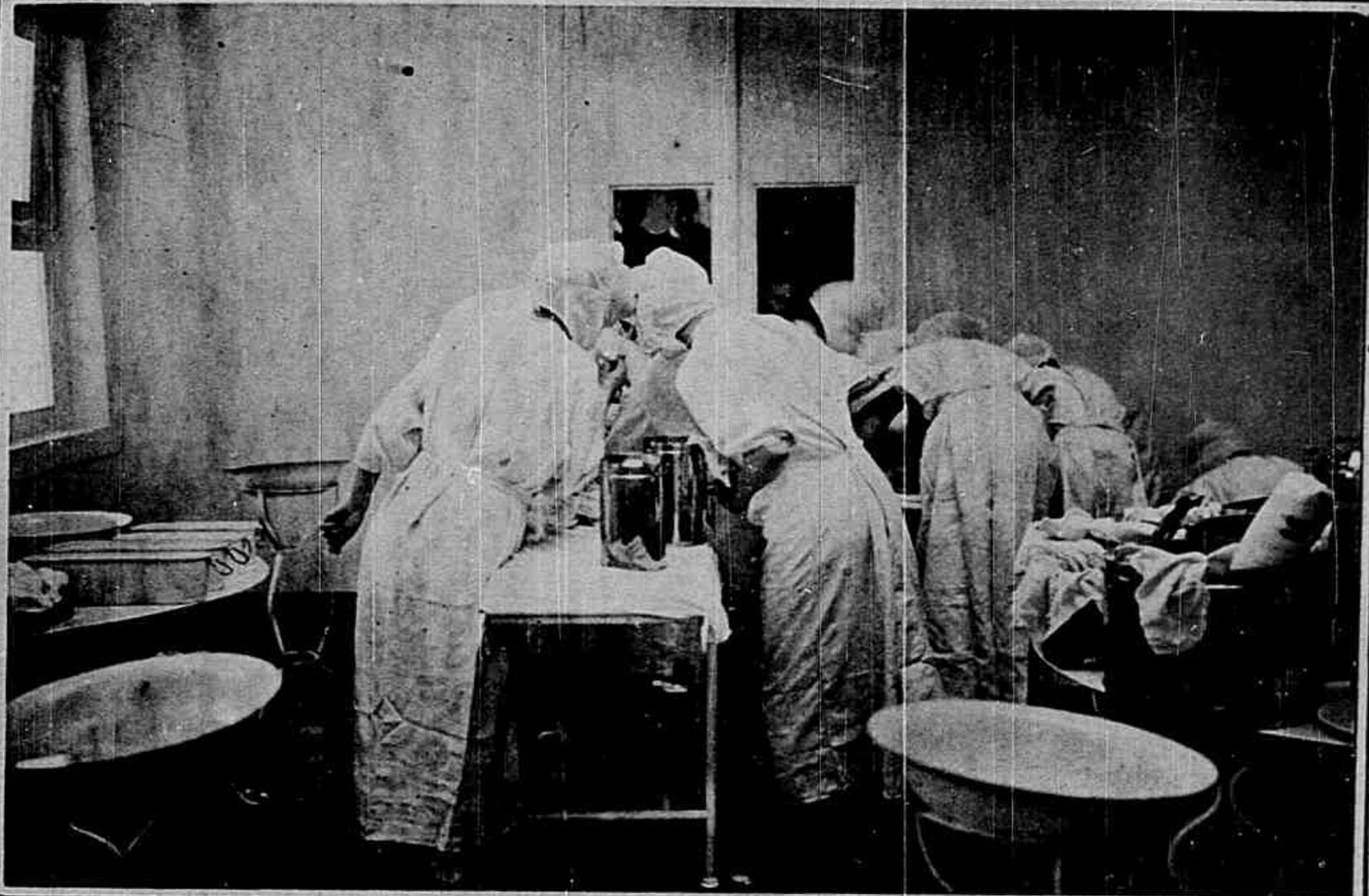
Tomando com uma pinça a pelle, do lado esquerdo de Maria de Lourdes, foi esta atravessada pela agulha trocarer que, em um ponto correspondente á zona mediana da faixa do figado a 2 centímetros do bordo livre da incisão, transfixou o figado e foi atravessar a pelle do lado direito da mesma criança para colher uma alça de fio de seda grosso montada sobre um rolete de gaze aseptica. Tomou-se uma alça com agulha e passando pelo interior da bainha da mesma, foi esta bainha

Ultima desinfeção da pelle antes da operação sob chloróformio

Aplicação de compressas de gaze depois da 1ª incisão



Passagem de um ponto profundo para hemostasia preventiva do fígado





retirada e mantida a alça por meio de outro rolete de gaze sobre o qual se exerceu uma compressão suficiente para obter uma hemostasia preventiva.

Continúa a sutura da pelle de ambas as meninas

tivamente nesta criança, a feita hemostasia do fígado.

Passado um ponto semelhante do lado de Maria Francina, foi feita a incisão da vasta ponte de fígado, podendo-se nessa ocasião apreciar a segurança da hemostasia hepática pelo processo preconizado pelo Dr. Chapot.

Separadas as duas crianças ficou a principio o Dr. Chapot cuidando da sutura da pelle de Maria Francina como se vê na estampa 4ª, tendo cautela de passar ainda dous pontos de transfixão para garantir melhor a hemostasia do fígado nesta menina.

No momento em que terminava o terceiro ponto de transfixão nesta criança teve de attender á outra para reforçar também com dois pontos de transfixão acima e abaixo do primeiro passado primi-

drenagem de gaze logo abaixo da arcada cartilaginosa, destacou-se um pouco a pelle nesta região para augmentar-lhe a distensibilidade e

Feita a sutura continua da pleura por meio de um fio de cat-gut n. 1 e deixada uma drenagem de gaze logo abaixo da arcada cartilaginosa, destacou-se um pouco a pelle nesta região para augmentar-lhe a distensibilidade e procedeu-se á sutura cutanea que consistiu em 3 pontos de approximação com fio de seda e todos os demais pontos metallicos com grampos de Michel.

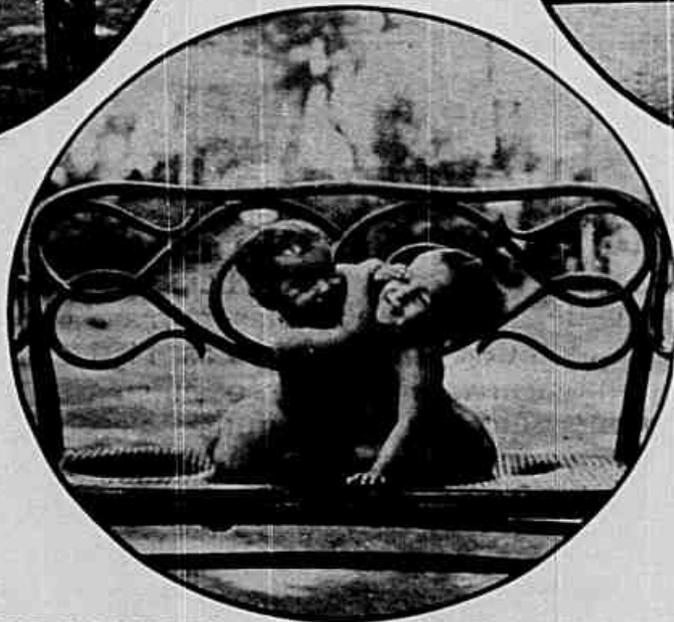
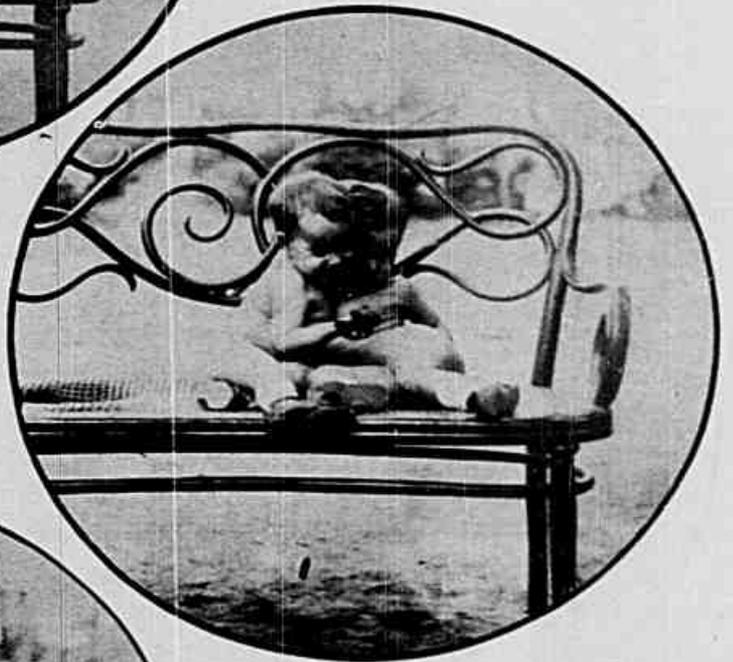
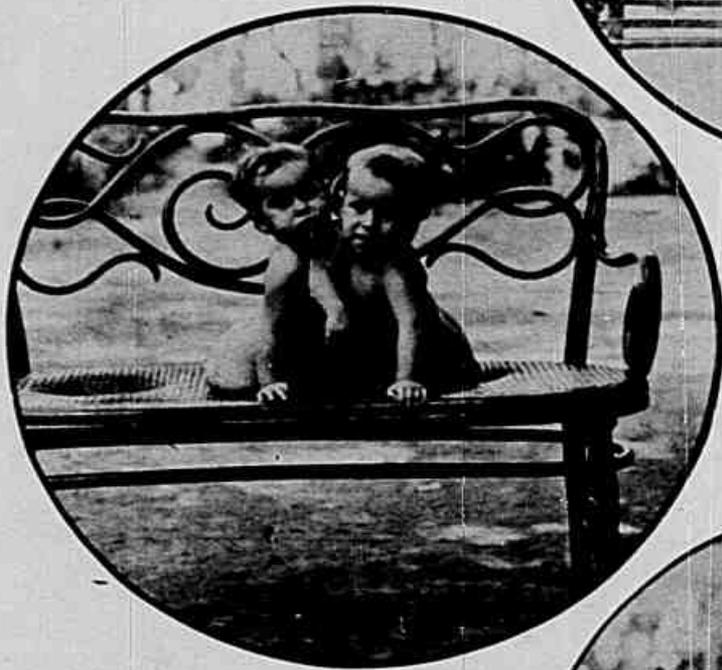
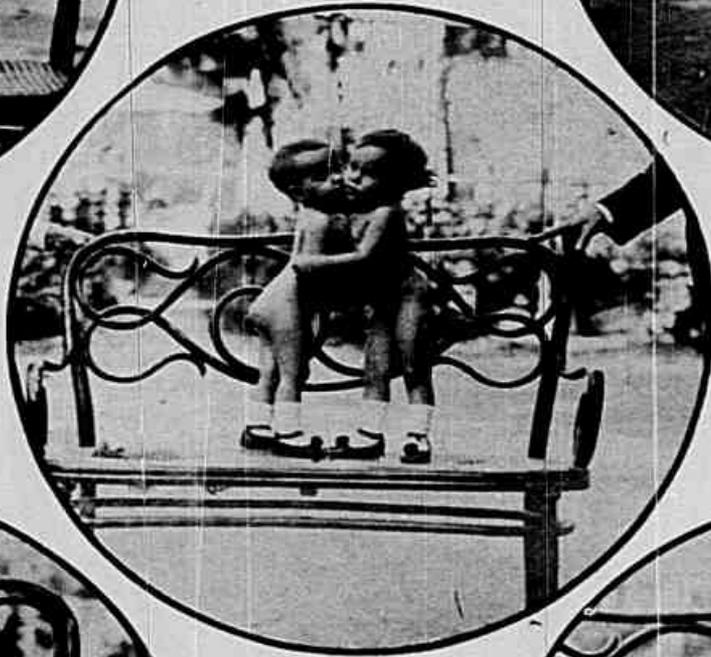
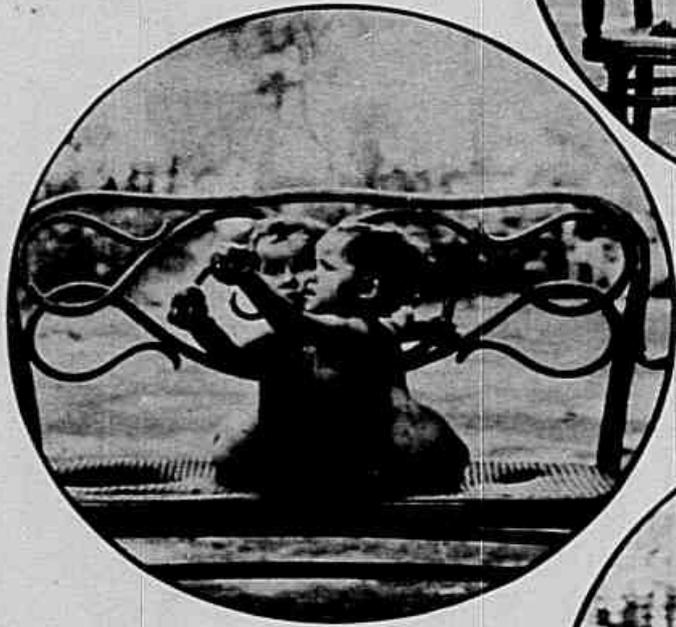
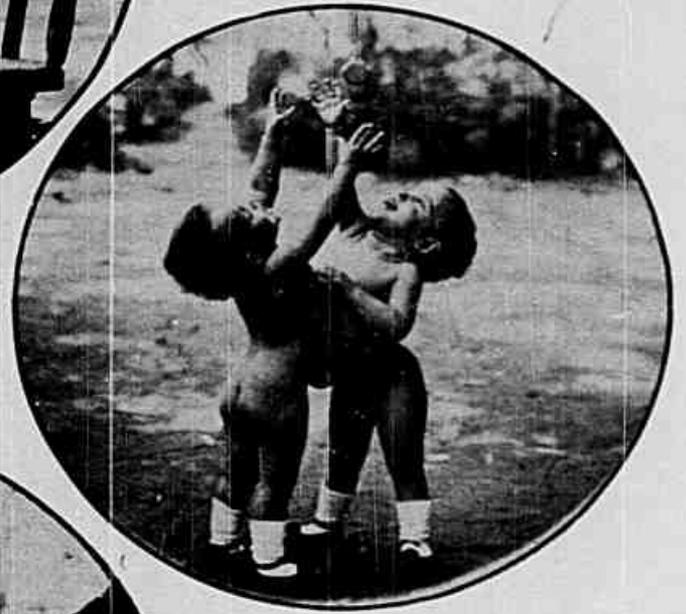
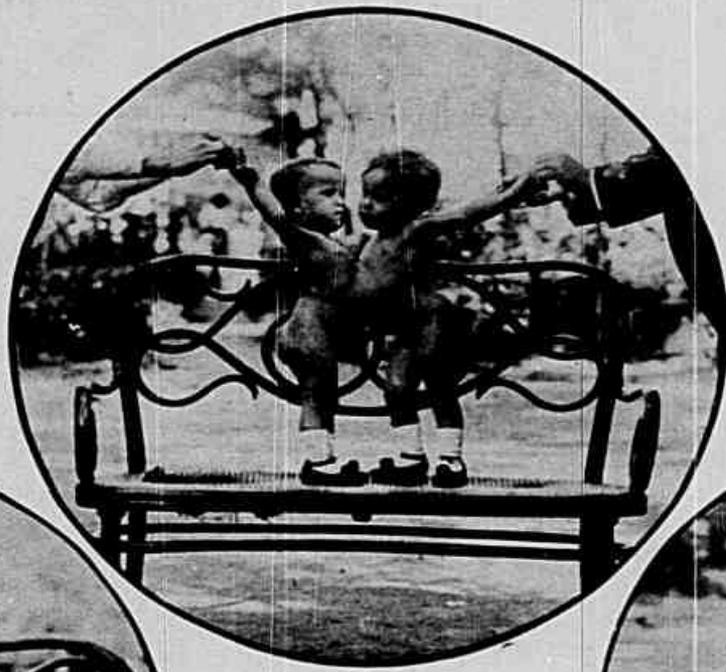
Esta phase terminal da operação pode ser apreciada nas estampas 6ª e 7ª.

Pouco depois de terminada a operação de Maria de Lourdes que já começava a fazer alguns movimentos, notou-se que as respirações della se tornavam menos profundas e que o pulso se apresentava muito frequente.

Tomadas logo varias providencias, como injecções de serum, de oleo camphorado, de esparteina, inhações de oxygenio, tracções



Termo das suturas



MARIA DE LOURDES

E MARIA FRANCINA

Francina

Lourdes



L. Musso & C.

DR. EDUARDO CHAPOT PRÉVOST

rhythmicas da lingua, respiração artificial, etc., nada impedio um desenlace fatal que se verificou pouco depois.

Maria Fransina, cuja sutura de pelle fora feita de modo analogo com pontos de aproximação de flos de sede e pontos metallicos com grampos de Michel conseguiu ainda reanimar-se, chegou mesmo a pronunciar algumas palavras, dando mostras de conhecer

as pessoas que a cercavam e parecia ainda permittir algumas esperanças sobre a sua resistencia organica; porém pouco antes de duas horas da tarde (a operação tinha terminado ás 11 1/2), começou tambem a apresentar o pulso mais frequente, falhando mesmo algumas vezes, dyspnéa, pouco depois outros phenomenos de schock, vindo a fallecer ás 2 horas da tarde.



estudantes de medicina e representantes da imprensa, permittio verificar a perfeita hemostasia do figado dos dous lados e a ausencia de qualquer liquido insolito quer na superficie da ferida quer no interior de qualquer das cavidades do organismo.



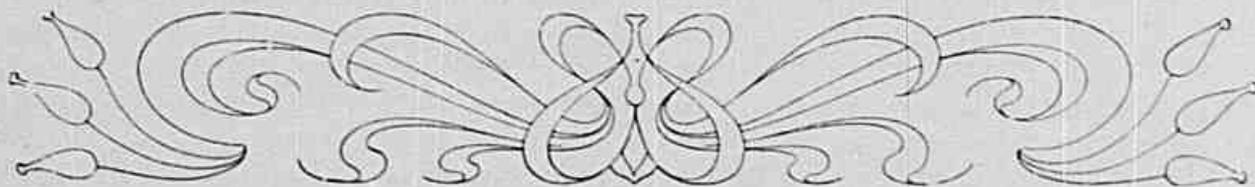
A interessante menina Rosalina, cuja photographia recente reproduzimos pouco adiante, continúa seus estudos no collegio das irmãs de caridade de Botafogo onde a pouco e pouco se vae desenvolvendo o seu organismo e aperfeçoando a educação que o Dr. Chapot Prevost deseja continuar a fazer com todo o esmero.

Ella tem actualmente 14 annos de idade e, embora apresente ainda algumas deformações pouco accentuadas, offerece um aspecto agradavel e uma physionomia sympathica e attraente realçados por predicados de affectividade pouco communs e de uma intelligencia lucida e viva.

Seus paes que vivem no Espirito Santo, confiaram-na aos cuidados do Dr. Chapot Prevost que a considera como uma filha.

A autopsia feita no dia seguinte pelo Dr. Afranio Peixoto, auxiliado pelo Dr. Bruno Lobo e assistido por numerosos medicos,

Traga ao menos a vida feliz desta menina algum conforto aos dissabores do seu salvador, taes são os votos da *Kosmos*.



Moedas & Sellos

NOVELLEIROS de outiva contaram pela letra de fôrma dos jornaes que S. Ex., o Sr. ministro da Fazenda, desapontado no seu gosto esthetico, que dizem cultivado, com a cunhagem das novas moedas de prata feita no estabelecimento official desta cidade, pensára em modifical-a. E com isso, referiram os mesmos *reporters*, S. Ex. affirmou que teriamos tambem a nossa *Semeuse*.

Para ignorantes em cousas de arte, mas que leem novidades, essa affirmacão prestigia o culto entendimento artistico do illustre financeiro e, do mesmo modo, pespega á *Semeuse* dos sellos francezes de 10 e 15 centimos um merito que não conheciamos.

Quanto ao preparo artistico de S. Ex., o muito sympathico Dr. David Campista, estou por lhe prestar inteira confiança, não o ponho em duvida; mas relativamente ao valor esthetico da *Semeuse*, essa é que me não passará sem protesto, não pelo vexame de que me supponha capaz de infligir á França, que a tanto não chega a minha muito conhecida e propalada pretencão... na bocca purissima dos modestissimos senhores meus desaffectedos; não porque, sabendo da minha auctorizada opinção, se levantem os povos da terra contra a manutençãõ dessa estampilha postal; unicamente senhores, amigos meus que me leem com sympathia e condescendencia, inimigos meus que correis os olhos por estas linhas para me maldizerem, unicamente porque tão alta fama emprestada á *Semeuse* faz suppôr incapacidade nossa para trabalhos de arte.

A *Semeuse* escolhida, entre muitas centenas de desenhos assignados, alguns, por notabilidades, deve o seu bom exito á obra e graça do *divino espirito santo*, que lá, como aqui e em toda a parte, é o inspirador da maioria dos actos officiaes. E, com franqueza, não vejo nessa figura simploria de rapariga, de fôrmas lambidas pela tunica cintada por sobre os seios, nada de engenho inventivo ou burilador que a destaque em claro irradiante sobre a obra commum da philatelia contemporanea. E'lhe o gesto corriqueiro. Vae ella pelo campo, semi-núa, em recacho e descalça, levando o cabaz das sementes sobre o ventre, a que o firma por pressão do braço direito em diagonal do hombro ao baixo tronco; e com o esquerdo, no largo estendi-

mento da prodigalidade, vareja á mão-cheia o farto punhado dos grãos proliferos. E'lhe o typo vulgar, desaccentuado de característica ethnographica, escambo para o grecismo por preocupação de modelagem, e pobrememente symbolico.

Não lhe percebo recommendaçãõ componidora nem merito de gravura.

Contrapondo-se-lhe, temos nós, barbaros catechisados e já empolados de basofias, a série magistral dos postaes do Sr. Elyseu Visconti, que faria a reputaçãõ philatelica de qualquer povo.

Essa, em verdade, é uma collecção extraordinaria, sem competidora na reputada Europa, e sobre o seu merito conheço a opinção competente do grande decorador, o eminente mestre Eugenio Grasset, que a transmettiu ao artista com sinceros elogios, dizendo-lhe que esses desenhos em sellos postaes honrariam uma nação!

Entretanto essas magnificas composições, que mereceram reproduçãõ na *Illustration* de 12 de Novembro de 1904 e aqui nesta revista, em cujas paginas foram impressas nas suas côres convencionaes, não obtiveram o enthusiastico acolhimento que mereciam.

E porque?

Não me anteciparei em tirar conclusões do estranho caso. Vou historial-o para que fique archivado, como documento escripto, esta prova do nosso desamor á arte.

Foi, se me não engano, devido aos esforços do Sr. Ernesto Pinto de Azeredo Coutinho; alto e dignissimo funcionario da Directoria Geral dos Correios, que essa Directoria conseguiu estabelecer um concurso para desenhos de novos sellos e demais formulas de franquia dos Correios dos Estados Unidos do Brasil. Ainda devido ao pendor para as bellas-artes, que distingue esse digno funcionario, foi que o Sr. Elyseu Visconti accedeu em concorrer á essa prova.

Para julgal-a e para lhe conservar a integra feição official foram convidados representantes da Escola Nacional de Bellas Artes, conceituados amadores da philatelia e funcionarios dos Correios de maior evidencia. Assim o jury compôz-se dos Srs. Rodolpho Bernardelli, director da Escola e professor de escultura, Rodolpho Amôedo, vice-director e professor de pintura, Daniel Berard, professor de desenho figurado na Escola, Augusto Girardet, professor de gravura na Escola; Dr. Villela dos Santos, reputado philatelista, Eduardo Roltz, mestre da offina de gravura da Casa da Moeda, e os funcionarios publicos Dr. J. C. de Miranda e Horta, Dr. B. de Aragão Faria Rocha, Antonio T. da Silva Costa e Ernesto Pinto de Azeredo Coutinho.

Como se verifica foi uma escolha cuidadosa, pensada, realmente de accordo com a causa julgada e o seu character official.

Esse jury votou unanimemente pelos desenhos do Sr. Visconti, destacando-os dentre vinte concorrentes. Mas, nem por isso, os desenhos lograram passar de projectos. A boa vontade e o fino gosto artistico do Sr. Azeredo Coutinho esbarraram na indifferença do governo. Creio mesmo que o então ministro da Industria, apesar do seu espirito apprehendedor e da sua larga visão, não se emocionou com essa magnifica obra ou, mais positivamente, não a comprehendeu.

E' que a cultura mental, mesmo a pretendidamente mais solida, não implica cultura artistica. Aqui tivemos um estadista, dos mais notaveis d'America do Sul, que, uma occasião em que se tratava de assumptos relativos á aula d'esculptura da extincta Academia de Bellas Artes, encolheu os hombros e disse:

— Ora! para fazer estatuas bastam os marmoristas da rua d'Ajuda.

Inclino-me pelo regeitar tal conceito nos labios do illustre Sr. Lauro Muller, não o julgo capaz de semelhante heresia; mas o despreso, se despreso houve, que S. Ex. mostrou por essa formosa collecção dos formosissimos desenhos do Sr. Visconti, depõe com agravo contra o seu sentimento esthetico e a sua indispensavel cultura artistica. E digo «com agravo» porque, após esse desastre, S. Ex. commetteu outro com a rejeição do modelo apresentado pelo professor Amoêdo para um dos sellos commemorativos da reunião do Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro.

Esse facto nos deixou, a nós todos, perplexos, aturdidos, varados de decepção. O professor Amoêdo trabalhára o seu modelo com aquella incomparavel consciencia, que sóe dispensar ás suas obras, o que o torna um artista de rara intellectualidade. Era lindo o modelo apresentado, lindo pelo simples arranjo da composição, pela firmeza do seu precioso desenho, pela intensa significação do symbolismo.

O então ministro da Industria, que attrahia as sympathias publicas por suas idéas de grandiosos planos de melhoramentos, não o quiz ou consentiu que os seus auxiliares o recusassem!

No emtanto, S. Ex. ou os que, sob a sua responsabilidade abandonaram esse excellente modelo, aceitaram um desenho réles, desastrosamente copiado de uma estafada composição antiga, a que deram a honra de substituir o trabalho do grande pintor e o fizeram collocar ao lado dos desenhos do professor Henrique Bernardelli que, com o Sr. Rodolpho Amoêdo, fôra incumbido, pelo Sr. Azeredo

Coutinho, da confecção dos novos modelos para essa série especial (*)

Voltando, porém, aos bellos desenhos das estampilhas postaes do concurso de 1904, devo dizer com a maxima franqueza, e sem medo de exaggerar, que não ha, até hoje e em qualquer paiz, padrões artisticos mais conscienciosamente trabalhados do que os do vencedor desse concurso.

Ali o desenho, que, em alguns, vale uma obra de arte, é correctissimo; as composições obedecem a uma associação logica de idéas, cada qual de per si tem a sua significação propria, se decompõe explicitamente como as partes d'um problema mathematico, se unem e se fundem n'uma intenção clarissima, acessivel á razão e resistivel á analyse a mais rigorosa, a mais exigente, a mais prevenida.

A fantasia não ultrapassa a criação, isto é, o arranjo artistico da estampilha; no mais tudo é systematisado ao assumpto, cingido ao seu respectivo symbolismo.

Em um temos a electricidade, em allegoria ao futuroso invento do brasileiro Oswald de Faria; em outro a lei aurea de 13 de Maio de 1888, quando o Brasil se transformou em patria de homens livres, sem preconceitos de raças; aqui homenagêa-se o Commercio, naquella presta-se reverencia á Republica; nesse é a Aéronautica, que nos tendo dado a gloria do Padre Voador nol-a engrandeceu com Santos Dumond; ness'outro é prestado culto á Mulher Brasileira, e n'outro ás Artes, n'outro á Engenharia, naquell'outro á União...

E' uma série de factos significativos, de datas gloriosas, de homenagens dignificadoras.

Só o sello (taxa de quinhentos réis) representando o *Descobrimento* vale uma edição amorosamente feita. E lhe não faltará oportunidade porque as festas da abertura dos portos estão proximas. Edital-o seria uma reparação.

A esses desenhos de sellos ordinarios reuniu o Sr. Visconti, quatro desenhos para carta-bilhete, sendo a do valor de trezentos réis representando a communhão republicana; a de taxa de duzentos réis a fundação da nacionalidade brasileira; a de cem réis a evolução historica do Brasil e, finalmente, a de taxa de cinquenta réis a lenda brasileira.

Como se depreheende dos citados titulos é uma obra meditada, combinada, seriamente composta, em cuja feitura o artista teve de pensar muito, e jogar com conhecimentos de historia patria, de reconstrucções de costumes e de typos, de regras precisas da difficil arte

(*) Deve-se notar que o Sr. Elyseu Visconti, também convidado, se recusou terminantemente a esse convite, já experimentado com os resultados do anterior concurso.

decorativa, hoje em dia rigorissima nas suas applicações. Bastar-lhe-ia a criação do typo da mulher brasileira, a que elle deu traços de intelligencia, simplicidade e carinho, destacando-o das interpretações vulgares, bastar-lhe-ia essa feliz tentativa para fazer da sua obra cousa recommendavel á estima e conceito de homens cultos.

Pois bem; para substituir esses magnificos trabalhos (com os quaes o artista nenhuma recompensa pecuniaria obteve, além da insignificancia da quantia dada á titulo de pagamento do «material empregado») para substituir esses verdadeiros specimens da philatelia, foi encommendado o sello de effigie, o medonho, o caricatural, o insignificativo sello-retrato! E' espantoso, mas é verdadeiro. Os Estados-Unidos, a Hespanha, Portugal, o Paraguay e a Italia têm sellos assim, nós tambem o devemos ter. A subsistencia do motivo affecta a sã razão. Por esta logica não deveriamos nos corrigir de graves vicios e feios prejuizos porque, em summa, as mais adiantadas e poderosas nações occidentaes os têm e não se corrigem delles.

Assim a aspiração do illustre Dr. David Campista, actual ministro da Fazenda, (se S. Ex.^a me consente a phrase) não se deve limitar a conseguir uma *Semeuse*, mas sim a termos o que podemos e devemos ter. Os nossos governos, quer os da monarchia, quer os da republica, gastaram e gastam muito dinheiro com o ensinamento das bellas-artes, mantiveram e mantêm na Europa apreciavel quantidade de artistas para se aperfeiçoarem

nas suas especialidades, portanto é justo que para aproveitamento desse dinheiro e em retribuição dos sacrificios feitos com elles pelo Erario Publico, se lhes exija em honra da sua patria um pouco do que aprenderam, além de que essa exigencia não será a titulo de gratuidade.

Um concurso accessivel a todos os artistas nacionaes e estrangeiros aqui domiciliados, com premios relativamente recompensadores, poderia dar bom resultado. Para os julgar não seria descabido ao governo convidar tres ou seis summidades artisticas da velha Europa.

Só assim o Brasil daria uma bella prova da sua capacidade artistica e, ao mesmo tempo, um grande exemplo de comprehensão da justiça.

O jury, composto de escolhidas notabilidades na arte europeia, ás quaes todos, absolutamente todos os nossos artistas prestariam respeito, senão como discipulos, pelo menos como humildes collegas, não se deixaria suspeitar de parcial nem nos aconteceria o que em França aconteceu com a *Semeuse* nem tão pouco o que aqui muitas, muitissimas vezes, tem acontecido.

Verdade é que, para isso conseguir, teriamos de pôr de parte a nossa vaidadesinha... mas, antes essa insignificante prova de fraqueza (eu a considero modestia), do que o ridiculo de uma cunhagem de hottentotes e os costumarios julgamentos de compadrio.

Maio de 1907.

GONZAGA DUQUE.



SETE LAGOAS

A cidade de Sete Lagôas acha-se engastada em pleno sertão, onde a natureza esplende toda a sua grandiosa formosura.

As montanhas que a circumdam, não têm o aspecto ponteagudo e abrupto contrastando com a planicie, nem as massas graniticas collossaes afloram o verde da vegetação sylvestre, em plena e perenne primavera, como na Serra do Mar, ás margens do Parahyba.

Não! A terra desce em talude suave sem socalcos, nem socavões, dos cimos os mais

elevados ao fundo dos valles que se estiram numa quasi superficie de nivel.

A natureza é diversa no S. Francisco, entre o Paraopeba e o Rio das Velhas, attrahe o viajante cada vez mais para o planalto central, e lhe desafoga a vista com amplos e magnificos horizontes.

O terreno é geralmente de grês argiloso e, em varias formações, se mostra britado e em alimpaduras de camadas superpostas, verdadeiros cascalhos e seixos rolados, com veios calcareos, fazendo lembrar a hypothese poetica e fantasiosa de que as aguas dos oceanos, talvez, em tempo remoto, pela acção erosiva e mecanica lhes aplanasse as arestas vivas.

Estes sedimentos se encontram pelas chapadas extensas de campo aberto, formadas de estratos que testemunharam o trabalho millenario da elaboração dos taboleiros suspensos e archi-seculares, cobertos de gramas e cyperaceas.

A physionomia enrugada da topographia de Minas Geraes, com as grimpas escarpadas de suas serras, pontões e cumeadas fortemente rampadas, toma um ar suave e docemente melancolico á medida que se caminha e se avança para o norte.

As arvores, bem como toda a vegetação, perde a forma selvagem e dura de uma lucta titanica em procura da luz e apenas se vêem, de raro em raro, faixas de arbusculos de mediana altura, nas depressões cavadas no solo pelas enxurradas, e á borda da maremmas as palmas erguidas dos buritys.

As florestas do Rio Doce, que lembram, perto de sua foz, a India ou a Amazonia pela sua grandiosidade suberana, não encontram simile nestes extensos chapadões. A vista se perde muita vez na vasta e larga extensão, e os espigões das quebradas e alcantis longinquos se assemelham, quando vistos do alto de um desses taboleiros suspensos, ondas reflexas de um mar afastado na fimbria azulada do horizonte.

O sol derrama cascatas de luz na paisagem monotona, porem, sempre attrahente pela suavidade e disposição do relevo do sólo.

Os contrastes da luz e das sombras são de um effeito magnifico: madrugadas e occasos simplesmente encantadores.

A natureza, durante o dia, brilha illuminada na instabilidade de vistas que desfilam rapidas num stereoscopo, ou cosmorama, e pelas noutes profundas e caladas, os astros se espelham nos grandes lagos e lagôas de aguas puras e crystallinas que se encontram espalhadas e perdidas por toda a região, fornecendo agua potavel, evitando a drenagem rapida do sólo, fertilisando as áreas de cultura e regulando o clima com a vasta superficie de evaporação de pequenos caspios interiores.

A relva macia e verde cobre seus bordos e sobe as encostas dos morros até os cimos distantes que a vista mais não pode distinguir na confusão das margens.

E' no seio destas zonas privilegiadas que se rasgam os veios diamantinos, auriferos e cupreos.

A queda dos planaltos é para o norte e as cordilheiras eriçadas se desfazem, achatam-se e se despedaçam em innumerables serranias pouco elevadas. Ha um verdadeiro tumultuar de morros alaranjados, em medios e baixos relevos, onde, de quando em vez, a

terra se abre em lapas e grutas fantasticas, como a do Maquiné, que tem um lago interior.

O conjunto de tantos e tamanhos factores, que se juntaram para deslumbrar o visitante destas remotas plagas, é assombroso.

A cidade fica, pois, entre pequenos lagos que se alimentam das aguas de erosão e de infiltração das chuvas, tendo sua feição característica e inconfundivel.

Pasma-se, emtanto, quando se pensa que este vasto espaço de terras fertes, onde a media da temperatura annual oscilla nas proximidades de 18° c. tenha permanecido inexplorado durante um percurso mais de quatro vezes secular que vem do Descobrimento aos dias fluentes.

As primeiras habitações confortaveis começaram de surgir depois que o silvo da locomotiva accordou as energias latentes e os trilhos de aço a abraçam ao convivio da civilização occidental.

A população brasileira, de accordo com a configuração geographica do meio physico, adensou-se por dilatado tempo ao longo do litoral opulento e o sertão ficou esquecido como se não existisse nunca.

A flora é excepcional: o tronco das arvores é pleno de flexões, tortuosidades nodosas e as folhas espessas, retesadas e fortes, para resistirem á acção destruidora dos agentes externos.

A variação da columna thermometrica não se faz aos saltos bruscos, antes gradativamente em um pequeno intervallo de limites.

O clima é secco e saudavel, e nem o verão é assolador e adusto, nem o inverno castiga a terra, em sua contextura, com agua-ceiros e chuvas diluvianas.

A acção dynamica do calor e da humidade nos seus effeitos bons e máos para o homem, opera-se com a regularidade synchrona, modificando a face do planeta num entrelaçamento harmonioso e continuo.

As serras correm para o Norte e do mesmo modo as caudaes que se arrimam em suas faldas, e de uma qualquer chapada se descortina o relevo do sólo, como se fosse um modelo de estudo, descahindo levemente para as margens do S. Francisco. Esta disposição orographica veiu facilitar muito a construcção de estradas de ferro, pois que se não encontram outros obstaculos que não sejam a raspagem para assentamento dos dormentes e trilhos e uma ou outra ponte de aroeira, madeira resistente e de longa duração que se encontra por toda a parte.

O riacho das Melancias, assim denominado, banha grande parte da cidade que se desenvolve sobre seus flancos, corre lento e tece

meandros imitando o crescimento da flora em redor.

O povoado abriu suas ruas largas e levantou habitações pela encosta das colinas, margens do rio e ourela dos grandes lagos e lagôas, abandonou a pouco e pouco o uso exclusivo da madeira pelo mixto com adobe e, neste ultimo decennio, nas edificações modernas, começou a applicação da alvenaria de tijollo, não empregando ainda a cantaria lavrada, o ferro e o cimento armado, que são os materiaes preferidos nos palacios das grandes metropoles,

As vias publicas são macadamizadas com empedramento de seixos de facil conservação pela dupla circumstancia do trafego não ser pesado e a declividade sufficiente para dar rapido escoamento ás aguas das maiores borrascas.

As acções geologica e topographica guardam entre si uma relação de equilibrio e de harmonia com os demais elementos e agentes em sua tecedura, que se não pode delimitar a traça preeminente de qualquer delles na feitura do caracter popular.

O animo pacato da gente sertaneja reflecte a calma solidão desses extensos chapadões que descambam tardinhos para o centro e norte do paiz.

O aneroide regista, na Estação, 771^m,000 de altitude, quando nos contrafortes das cabeceiras do Rio Doce e Grande, muitas vezes se elevou a mais do dobro e, mesmo comparado com as nascentes do proprio São Francisco, varia nas proximidades do duplo a differença acima do nivel medio do mar e a partir do Rio das Velhas, até á cataracta do Paulo Affonso o terreno apanha uma declividade quasi constante e uniforme.

Os ventos regulares e dominantes sopram com pequena velocidade, não turbilhonam desordenados em todos os quadrantes e o céu azul anilado percorre a gamma das cores em occasos longos e deslumbrantes, enviando muitas vezes, ao se sumir, uma tenue restea de luz aos outeiros affastados do oriente, contrastando de modo encantador com as sombras visinlias da noute.

O crepusculo é longo, demorado, constituindo pela refração dos raios solares na atmosphera, um dos mais bellos phenomenos physicos destas regiões.

A columna barometrica permanece por dias quasi estavel e a termometrica cahe um pouquinho com a frescura agradável da noute.

A vida intensa, com sua marca de civilização hodierna, surge a pouco e pouco, nos planaltos mineiros, com a viação ferrea que é o caminho preferido.

A parte velha desta cidade, como a de muitas outras suas co-irmãs e coevas, anky-

losou-se na feição emboaba, ou bandeirante, não ultrapassando o adiantamento de Villa Rica, proximamente de ha tres quartos de seculo já passados.

O mesmo typo de cidade, casas, ruas, templos, usos e costumes ficaram estratificados no seio das povoações separadas uma das outras por legoas e legoas de distancia atravez da soalheira dos serrados sem abrigo.

O contraste entre a parte nova e a antiga é blagrante;—a primeira cresce e se espraia tendo como nucleo a estação da Estrada de Ferro, e a outra se afunda e precipita com suas velhadas no abysmo do esquecimento e num cahos de ruina inevitavel.

São os dous periodos maximos da vida, nestas paragens, e o que se nota, aqui, é a synthese da Historia das outras cidades antigas como Sabará, Queluz e Santa Luzia.

Houve um largo periodo, maior de meio seculo, de estagnação na vida do interior sertanejo que vae do bandeirante, que passou lavando o fundo dos rios, rasgando catas e devastando a fogo as bordas do caminho em procura de riquezas mineraes, e o da nova phase industrial e commercial trazida pelos grandes e rapidos meios de transporte, tanto de mercadorias como até da palavra falada e escripta.

Principia-se, actualmente, a se utilizar da natureza abandonada como agente da riqueza e o trabalho humano começa a auferir lucro do aproveitamento das abundantes pastagens que estiveram enfeudadas no regimen da grande propriedade, em detrimento do progresso e da civilização.

O gado e rebanhos espalhados pelas encostas, planicies e chapadões, dão á paysagem um aspecto alegre e bizarro.

O sertão é immensamente bello, embora a fauna e a flora sejam relativamente pobres, porém existe entre ambas uma elegante proporção de harmonia, porque nenhuma se desmarcou, nem se desmedio e concorreram para formarem um conjuncto de grandiosidade sublime.

A terra, nestas plagas, tem a força centripeta dos paizes fartos que prendem os homens pelo amor, que é um corrector ethnico de primeira ordem, no congraçamento e fusão das raças.

As estações guardam durante o anno inteiro as galas da primavera e deixam no espirito de quem visita este valle grandioso e soberbo uma impressão duradonra, indelevel, de surpresa encantadora e belleza sem rival.

Sete Lagoas (Minas) 1907.

PEDRO DUTRA FILHO.

NO EXTREMO ORIENTE

(CAPITULO DE UM LIVRO EM PUBLICAÇÃO)

SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS

A alma de um povo é feita de superstições e crenças. Estas indicam rumo definido; traçam uma rota em direcção do futuro. Aquellas fazem germinar a duvida na orientação que se procura; mas prendem o espirito humano ao passado.

Não direi que as superstições representam os elementos primeiros de todas as crenças. No entanto, é força reconhecê-lo, crenças existem que se formam com o barro de preconceitos populares.

No Japão as superstições pullulam pela propria natureza do solo. Aquellas ilhas em que os tremores de terra se não acabam; aquellas aguas que vão de queda em queda sulcando a crosta do archipelago e se deram aqui, alli, e jorram e espadanam em cada canto do Dai Nippon; aquella flora essencialmente melancolica, flora em que se deparam agigantadas arvores como legitimas raridades em meio de florestas de pequeninas arvores seculares todas recurvadas ou contrafeitas por uma especie de esforço a que se

amarram para melhor deixarem cahir pelo chão os seus ramos muito mais caprichosos na curvatura de suas linhas do que os caules correspondentes;—tudo isso vale como o alicerce inaba-

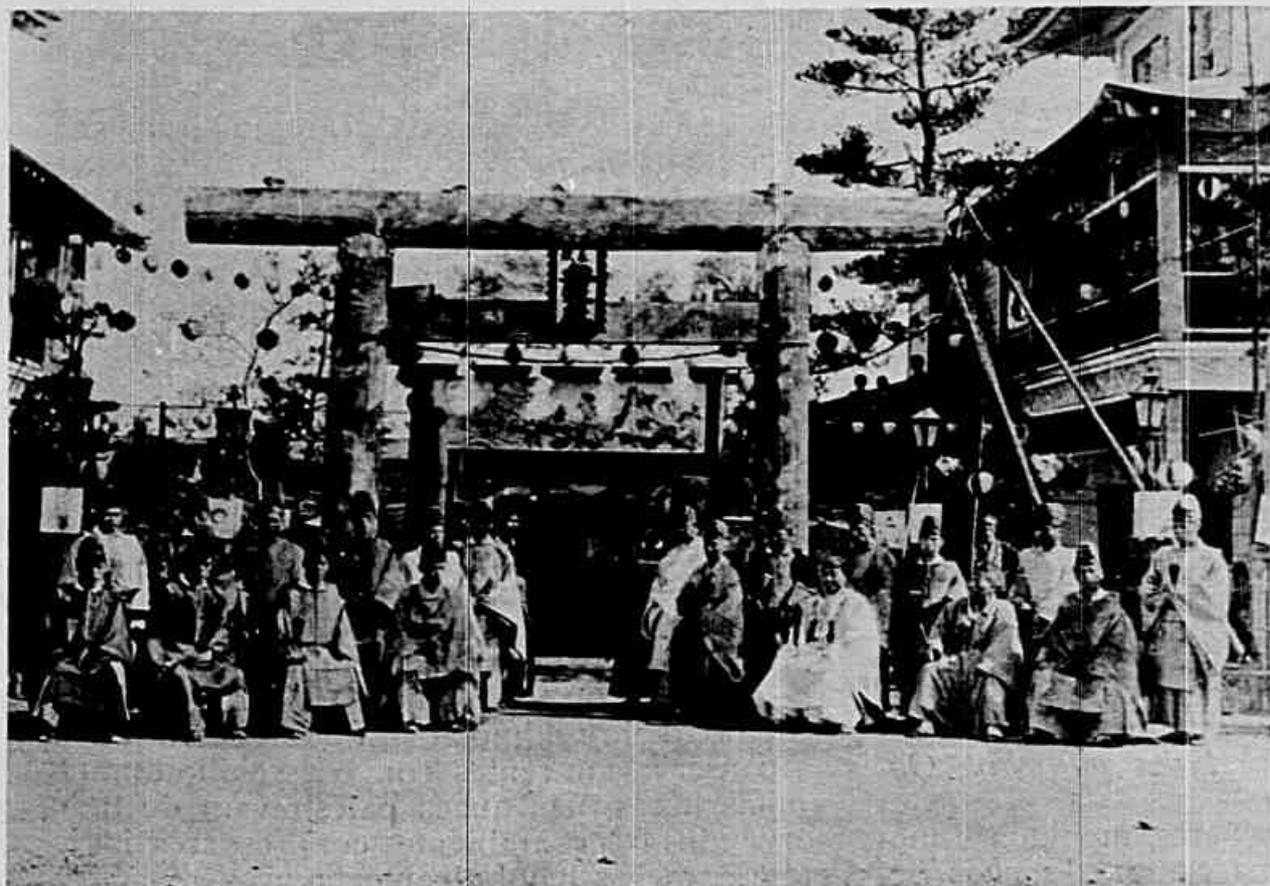


SAUDAÇÕES PELO NOVO ANNO

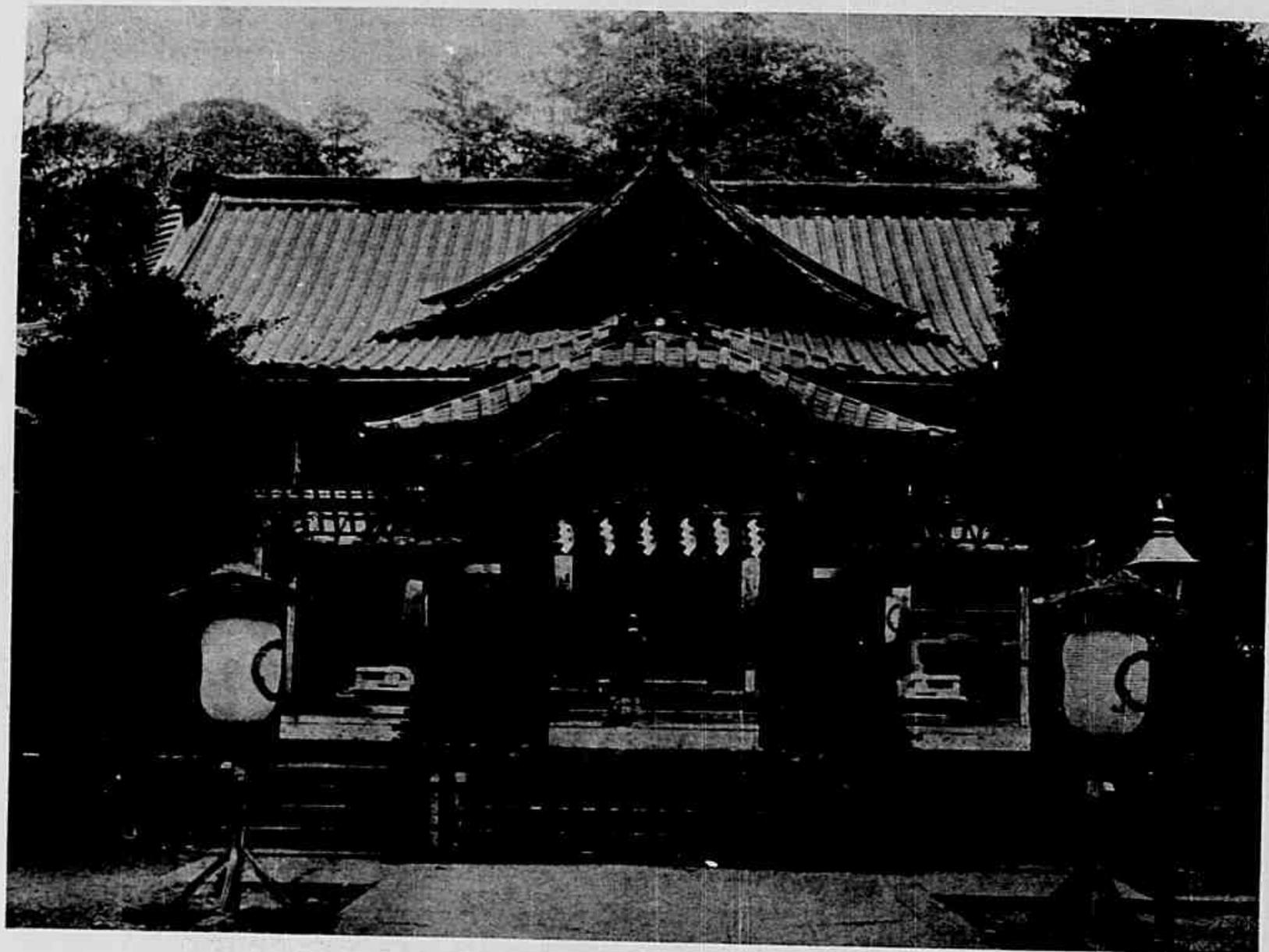
level de mil credices japonezas que nascem e se desenvolvem na imaginação popular. Tudo isso commove. E a alma ingenua do povo ajoelha-se commovida, assim absorta no enlevo de creações que se lhe afiguram estranhas ás suas proprias energias!... E então acredita que o Japão é de origem divina; comprehende que em cada montanha do archipelago está a moradia de um Deus, julga que o Imperador é o descendente incontestado da Deusa do Sol, a phantastica e interessante Amaterassú!...

Forma-se dessa maneira uma deliciosa mythologia nacional, que reconforta a alma japoneza, amorosa e boa.

Um dia, dentro em Yokohama, ouço que se repetem muitas vezes as seguintes palavras:



PADRES SHINTOISTAS NO RESPECTIVO TEMPLO



TEMPLO BUDDHISTA

—*Fuku a utchi! Oni ua sôto!* E procuro compreender o que ellas então queriam significar.

Disse-me alguém que, assim com essas palavras, inauguravam os japonezes o período da sua primavera.

Saio de casa para observar o facto. Deixo o *Bluff*, onde era minha residencia.

Encaminho-me em direcção de moradias puramente japonezas. E em meio de ruas estreitas, olhando para um e outro lado em que, enfileiradas, se encontravam pequeninas casas de madeiras, ia eu observando que se arremessavam, no interior dessas casas, ervilhas ainda aquecidas ao fogo, ervilhas um tanto torradas... E dest'arte me chegavam aos ouvidos, misturadamente com a rumorejante queda dessas ervilhas, as palavras que então se pronunciavam com energia: *Fuku a utchi! Oni ua soto!*

E eram homens, mulheres, meninos e meninas que por todos os cantos de suas pequeninas casas de madeira, proferiam essas palavras jogando pelo chão ervilhas torradas

para dest'arte fazerem sahir, expellirem com força espiritos máos ou malfasejos que porventura se recolheram no interior dessas pequeninas casas japonezas... Com a primeira phrase exclamativa, diziam os japonezes: «*A felicidade que entre em nossa moradia!*» E com a segunda egualmente exclamativa: «*As desventuras que se não conservem senão no exterior de nossa residencia!*...»

E, logo depois, em cada casa os respectivos moradores se reuniam em torno do melhor brazeiro que possuíam. Ahi aqueciam as suas mãos.

Em seguida, preparavam-se para fumar um pouco, um pouquinho, — este com cigarro, aquelle com pequeno cachimbo cujo fornillo apenas cabe uma pitada de tabaco... E todos sentados sobre almofadas de algodão, assim se conservavam rentes com o assoalho durante muitas horas, nas quaes palestravam de tudo, sorvendo o ar ambiente com esgares indiscretos, cabeças bamboleantes, musculos labiaes contrahidos nesta ou naquella rara figuração bem caracteristica de genuino rosto japonéz.

E eis o ceremonial do *setsebun*, da passagem do inverno á primavera, ceremonial esse feito de superstições ou de crendices populares na terra do sol Nascente.

das casas japonezas aquellas ervilhas torradas, por uma simples questão de costumes anfigos que se não apagam na vida intima, no viver particular dos japonezes. Não se vê nisso senão a existencia de um reflexo que



UM TRECHO DE YOKOHAMA

Tem elle logar aos 4 de Fevereiro de cada anno. Mas pude observal-o tão só aos 4 de Fevereiro de 1906. Até então o tempo me não sobrava, que se fez a guerra russo-japoneza a minha exclusiva preocupação de todos os dias.

A coisa é, com effeito, impressionadora. Porem não vae além das exterioridades do alludido ceremonial. Entrou nos habitos da generalidade dos japonezes, mas não penetrou a deliciosa alma dessa gente do extremo oriente. Não se percebe no ceremonial do *setsebun* nenhum vestigio de ardorosas crenças. Ahi existe uma indifferença de intelligente scepticismo; traços accentuados ahi existem de tolerancia profunda na alma religiosa desse povo activo, operoso. Proferem-se as palavras *Oni ua sôto! Fuku ua utchi!* e atiram-se pelo assoalho e pelo jardim e pelas pequenas areas

velhas superstições crearam, e o conserva, e o desenvolve o amor á tradição.

Mas na festa dos mortos, na solemnidade que todo o Japão effectua em homenagem á memoria de seus filhos, de seus amigos, de seus paes, de seus parentes, de toda a gente em summa que seguiu viagem á região de onde se não volta; nessa solemnidade, nessa festa ha mais do que a simples manifestação de um reflexo. E o curioso é que não são os vivos que se encaminham á moradia dos mortos; são estes que vêm visitar aquelles na tranquillidade da noite, no silencio de horas que se destinam ao repouso!... Que encantadora superstição, essa que alimentam os japonezes, e faz que elles comprehendam a possibilidade de serem visitados em suas casas pelos seus mortos queridos!

Pelo mez de julho, nos dias 14, 15 e 16 é de ver o bello de innumeras lanternas de forma oval, lanternas com desenhos meigos, suaves, com tintas pallidas, melancholicas, impressionadoras, que se contemplam no alto de janellas, portas e varandas de todas as casas



UM CAVALLO SAGRADO

dos filhos de Amaterassú. E, ao lado disso, sobre pequeninas mesas interessantes que se chamam *sambô*, deparam-se offerendas de bôlos de arroz, tão brancos que a mim pareceram como o attestado inequivoco da pureza das crendices que se constituem o fundamento da festa dos mortos dentro no Japão.

Ah! que ventura para os japonezes que podem comprar essas offerendas de arroz e essas lanternas... Como a alegria se estampa na physionomia desta gente nos dias sagrados do *bon matsuri*, quando lhe não fallecem os recursos para a aquisição dessas modestas offerendas e dessas magnificas lanternas!...

Mas as lanternas esplendorosas que se apreciam nesta e naquella casa nos dias 14, 15 e 16 do mez de julho, balançando-se ao sopro da brisa, sem luz, com o brilho proprio de suas côres naturaes, com a elegancia irreprehensivel do

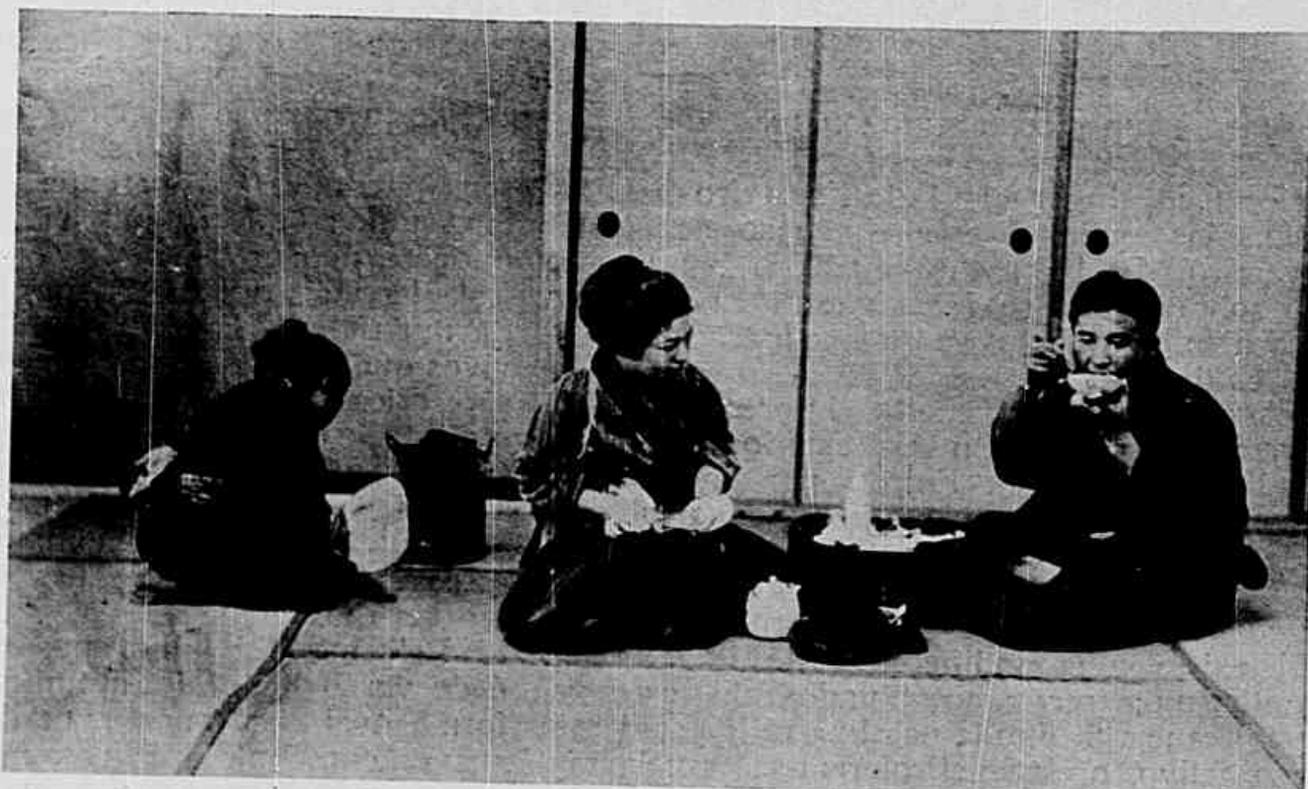
traçado de suas linhas; essas lanternas se illuminam logo ao lusco-fusco desses dias, e assim se conservam pela noite afóra para que possam os mortos visitar aos vivos...

E, mais para dentro no interior de suas moradias, lá estão sentados esses vivos sobre pequenas almofadas rentes com o chão. E assim conversam e bebericam chá... fazendo passar pela imaginação os seus mortos queridos...

Ora, parece que os japonezes deviam preoccupar-se com o espiritismo .. E não se vos affigura que tenho razão, leitor amigo?!... Os seus mortos delles lhes visitam... E quasi estou a dizer que uns e outros se contemplam, se vêem com abundancia de coração, cavaqueam, conversam, discutem ligeiramente... Mas é tudo isso puro devaneio. Gosam os japonezes com esse idealismo consolador... Ficam elles contentes, e não perdem a continuidade, a propria solidariedade com os seus mortos queridos, que são deuses protectores do Japão.

A primeira superstição aqui lembrada é inoffensiva. E' innocente o que se faz no *set-sebun*. Mas, alem de não prejudicar, reconforta a alma o que se pratica alli no Dai Nippon por occasião do *bon matsuri*. A segunda superstição é deliciosa. Mas ahi não ficam as superstições japonezas. Ha uma terceira, uma quarta... Emfim, innumeras superstições povoam a imaginação desses orientaes que não fecham olhos nem ouvidos ás grandes reformas dos occidentaes.

Uma, porém, dessas superstições é barbara. Não lhe vejo nenhuma nobreza. Nem lhe descubro nenhum sentimento alevantado.



COMO SE COME ARROZ EM FAMILIA

Quero referir-me ás praticas celebradas na hora da morte, na occasião do *rinju no toki*

Já em dias anteriores, parentes e amigos estão acercados do futuro morto; e ahi rezam em altas vozes, e tilintam, ou com pequenas campainhas, ou á custa do choque de quaesquer peças metallicas. A medicina, essa já não tem entrada na casa desse morto de amanhã... Pois, se a morte d'elle é certa!... E pelas ruas afóra lá se vae o rude som de muitas vozes juntas, o murmuro de preces que se não interrompem. Porfim a vida que se extinguia, está extincta. Mas o rumor não pára; cresce, augmenta em meio de mais fortes tlin-tlin, ou com pancadas de madeira contra madeira, embates violentos que a mim pareceram a forma selvagem da intensidade de paixões, de sentimentos, de affectos puros, — affectos, sentimentos e paixões que assim se desencadeavam na hora de uma separação eterna, ao desespero de uma dôr immensa, extraordinaria. Pá, pá, pá, pá, pá... E com o ruido dessas pancadas de madeira contra madeira, ouvem-se notas musicaes de algum original cantochão, vozes graves e gutturaes com inflexões estranhas, pa-



JAPONEZAS JOGANDO PETECAS

lavras que desse modo vibram em uma gamma inculta e sob um diapásão primitivo, rudimentar.

Ora, é isso positivamente barbaro.

Quem se acha nos momentos da morte, hade sentir-se bem com o silencio respeitoso dos seus parentes e dos seus amigos. A mais ligeira perturbação dos que lhe acercam o leito, amplificam-lhe as dôres, aggravam-lhe os padecimentos. Ahi a tranquillidade origina o goso antecipado do repouso eterno... Aliás, morre-se na duvida que é inquietadora. Ah! morrer debaixo do pallio de uma crença, ou em meio das doçuras ineffaveis que ella sabe offerecer aos seus devotos, — é bom, util, venturoso. Mas como são raros os que morrem, os que se sentem despenhar pela encosta ingreme, alcantilada de abysmos infindaveis, e estão presos, agarrados ao rochedo da crença!...

E nada mais necessario ao cyclo vital da morte — para não dizer ao cyclo mortal da vida — do que a firmeza, a solidez desse rochedo em meio do mar procelloso da excessiva descrença dos tempos de hoje.

A crença que se faz ideal e inspira fé, — conforta, dá novo alento, revigora. Forma a alma dos povos, e lhes estimula as acções. Mas com o esboroamento da crença, parte-se uma ancora, quebra-se uma bussola... A viagem já não pode proseguir. E sem bussola e sem ancora, os viajantes perdem a esperanza de arribar, de chegar a algum porto; desesperam, irritam-se.



RUA EMBANDEIRADA NA FESTA DOS MENINOS

Ora, o conflicto já não tarda. A conflagração começa no centro desses viajantes, que são todas as populações do planeta. Tudo se convulsiona. E tem-se a perspectiva de revolução tremenda. Percebem-se os symptomas de mal geral. Já existem indícios de grande desmoronamento. Apaga-se o brilho de certos povos. Desapparecem civilizações.

Mas as crenças religiosas de além tumulo, cada vez mais se substituem pelas crenças propriamente sociaes. As illusões de Buddha e de Christo já não satisfazem as exigencias do moderno scepticismo. A duvida bateu em cheio contra o prestigio dessas illusões...

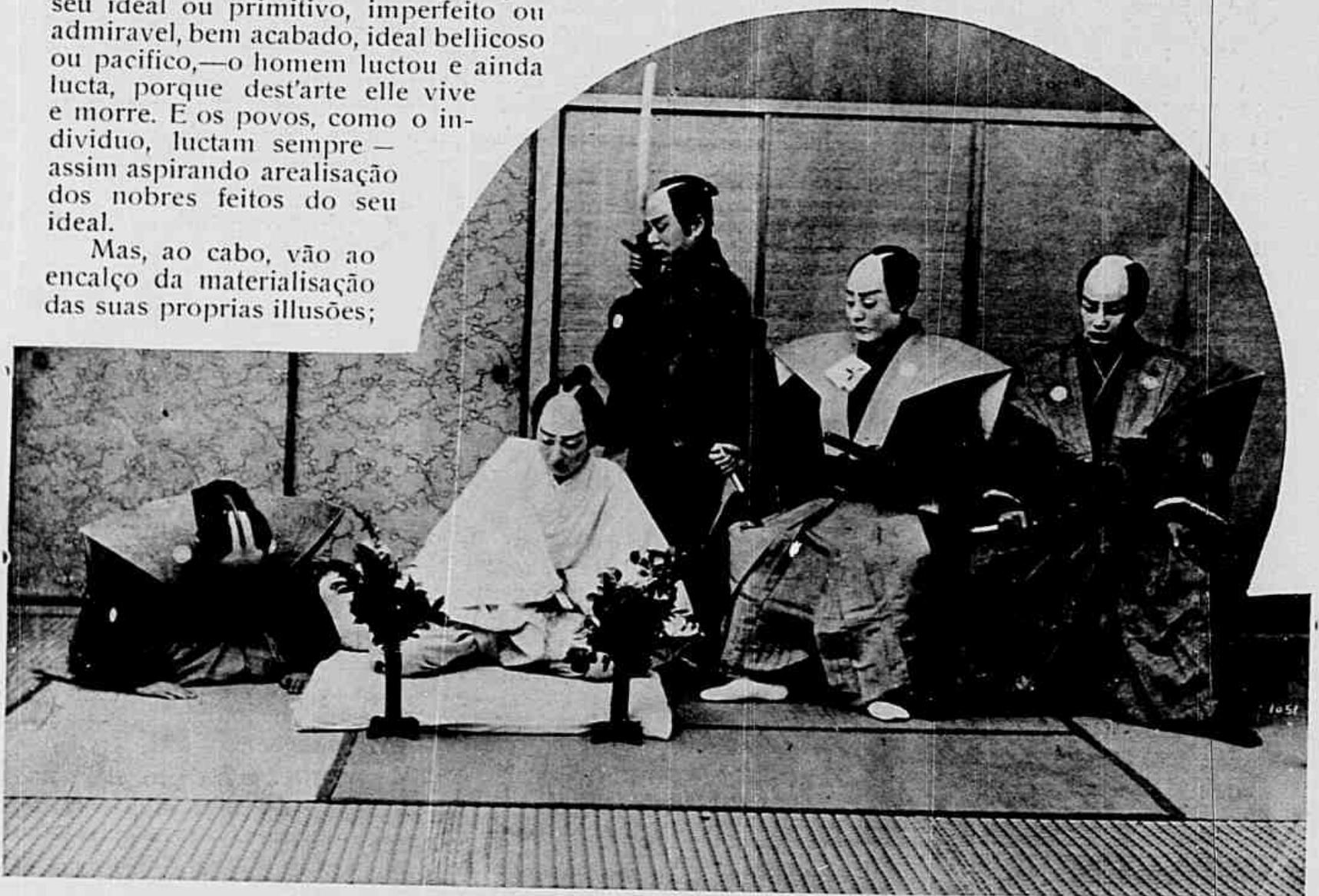
Mas, ao certo que sempre por seu ideal ou primitivo, imperfeito ou admiravel, bem acabado, ideal bellicoso ou pacifico,—o homem luctou e ainda lucta, porque dest'arte elle vive e morre. E os povos, como o individuo, luctam sempre — assim aspirando a realisacão dos nobres feitos do seu ideal.

Mas, ao cabo, vão ao encalço da materialisacão das suas proprias illusões;

des. Houve, entretanto, uma epocha em que o ideal não mais consistia nessa prosperidade, nem nessa grandeza. O ideal fôra alçado a alturas inaccessiveis á contingencia humana. Aspirou-se a vida de além tumulo. O ideal era então puramente religioso.

E dahi o shintoismo, o confucianismo, o buddhismo e o christianismo, para dizer tão só das mais fecundas syntheses religiosas que ainda se deparam na vida super-organica do Japão. São essas syntheses e o *bushido* que fazem nascer, e permittem que se desenvolvam todas as crenças na alma japoneza.

E como o *bushido*, que é o codigo da



SCENA DE UM SUICIDIO LEGAL (HARÁKIRÍ)

querem a corporficacão do seu ideal, a principio adorado, e mais tarde sob os golpes da critica, em plena decomposicão, destruido por completo.

E esse ideal, que ha sido elle no evolver das edades? em que elle tem consistido para infundir coragem nos mais desanimados?

Nos primeiros tempos, a lucta feria-se pela prosperidade material. E só depois é que se luctara pela grandeza moral das collectivida-

honra do bom japonez, paira em plano mais alto que o das syntheses religiosas aqui referidas,—quasi não se vê o aspecto religioso dessas crenças. Extingue-se o clarão da religiosidade de sêmelhantes crenças, que divinisaram o Dai Nippon, e ainda hoje inspiram aos seus sectarios certo convencimento na immortalidade. Já se não observa a claridade intensa nos altares em que se elevavam. Mas tambem alli não ha trevas... E da luz pallida

que tudo alumia nesses altares, ressuma o doce misticismo da alma japoneza, que já tem, no passado da sua evolução, vinte e cinco seculos de cultura artistica...

Mas pertença a este ou áquelle credo religioso, não sabe sobrepor-se o japonéz aos seus sagrados deveres para com a patria. E' elle antes de tudo patriota. Acredita nas energias da sua raça. Crê no Yamato. E lucha e morre por elle, satisfeito, contente, prazenteiro.

Tambem ainda creança já lhe ensina a familia, pelos labios de sua querida mãe, que o Japão é a mais formosa e encantadora das nações. E depois, na escola, se desenvolve essa creança, que então se arraiga no intimo do pequeno japonéz.

Ahi na escola não se examina a superioridade de Alexandre sobre Annibal, nem a de Cezar sobre Alexandre... Mas nas horas vagas, o professor em palestra com os seus alumnos faz interrogações como esta:

— Quem foi maior Hideyoshi ou Napoleão?

E aqui se responde, aos impetos naturaes da verdade:

— Napoleão é maior do que Hideyoshi, porque conquistou a Europa.

Mas logo alli se objecta:

— Sim, é verdade que Napoleão conquistou a Europa. Mas o Japão vale mais do que a Europa, e pois conquistal-o é haver gloria inexcedivel. Assim Hideyoshi, o nosso grande Taikô ou Hideyoshi Toyotomi, é maior do que Napoleão.

E o professor, rejubilando-se, declara com ares graves:

— A questão tem suas difficuldades. E não a resolveremos, porque para o caso seria ne-



NA FESTA DOS CHRYSANTHEMOS

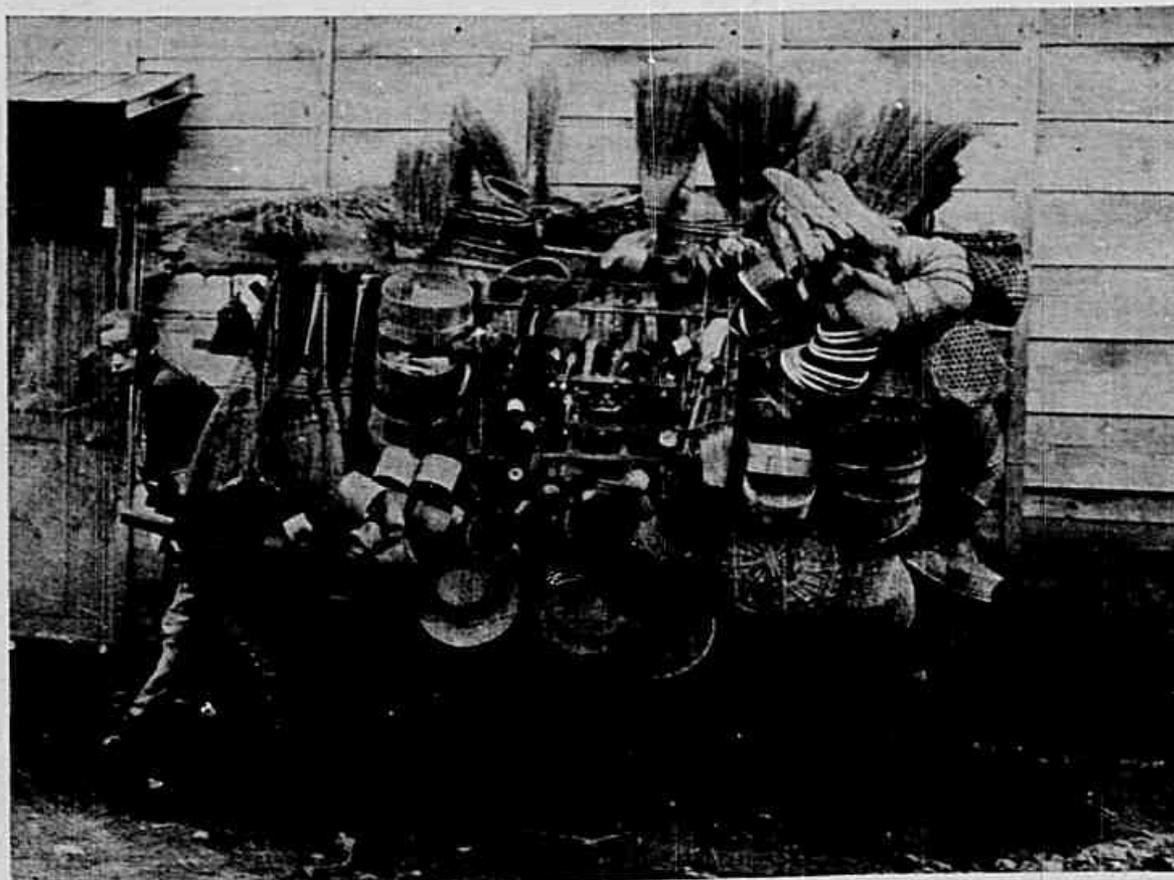
cessario que se enfrentassem, que pelessem um contra o outro, Hideyoshi e Napoleão...

Ora o japonéz nasce, cresce, trabalha, lucha, vive e morre, embalado por essas emoções de grandeza do Yamato. Nunca lhe passa pelo

organismo a tibieza da descrença. A propria duvida sobre o futuro da patria não chega a derramar-lhe melancholia pela existencia afora. O esplendor desse futuro não se empallidece; não ha sombras que lhe reduzam a intensidade.

São crentes os japonezes. O scepticismo da civilisação do occidente, elles o ignoram; não o sentem.

Ao cabo da guerra russo-japoneza, o imperador do Japão, acompanhado dos grandes do Imperio, seguiu a Provincia de Shimé e, ali no templo shintoista de Issé, o divino descendente de Amaterassú prestou conta, á memoria sagrada dos seus gloriosos antepassados, do quanto se



COMMERCIO AMBULANTE

fez, e do que elle mesmo fizera, em nome dos japonezes durante essa guerra. Curvou-se o monarcha illustre deante do altar principal,



ACROBATA EM PLENA RUA NA FESTA DO NOVO ANNO

que se ergue dentro nesse templo. E falou aos seus grandes mortos.

Togo, o tigre do mar como o chamaram no Japão, tambem seguiu com toda a sua esquadra para as proximidades daquelle templo; e ahi, em nome das crenças do Dai Nippon, rendeu homenagem de gratidão á memoria santa dos batalhadores pela causa da patria, sendo nisso acompanhado com sympathia por todos os seus commandados.

Nogui, o grande Nogui, a personificação do bushido como o appellidaram em Tokio, elle, logo depois da capitulação de Porto Arthur, proferiu em memoravel solemnidade, aos 14 de Janeiro de 1905, as seguintes palavras:

«Eu, Nogui, commandante em chefe do terceiro exercito, celebro uma festa com sake e muitas offerendas como preito de honra dos bravos officiaes e soldados que pereceram no decorrer do sitio»

«Desde o dia do desembarque de nosso exercito na península de Liao Tung, marchastes com bravura, combatestes cheios de coragem, assim vos encaminhando para a morte durante mais de duzentos e dez dias. Outros succumbiram pela molestia. Mas certo não foi inutil o vosso nobre sacrificio. As tropas inimigas foram batidas completamente, e a fortaleza capitulou. Ora essa gloriosa victoria se deve, e por muito, ao vosso devotamento incondicional».

«Todos nós jurámos vencer ou morrer. E porque sobrevivo ou fiquei com os que não

morreram, recebi as calorosas felicitações do nosso chefe supremo, o imperador. Mas não é justo que me caiba o monopolio dessa gloria, que tambem vos pertence, oh! espiritos dos que se foram... E sinto que me invadem tristezas, quando penso que pagastes bem caro o preço do nosso triumpho, permanecendo agora no grande alem».

«Escolhi para esta festa um lugar que domina as collinas, os valles, os arroyos e os fortes, que ficaram assignalados pelo vosso sangue, e são as eternas testemunhas da vossa morte. Preparei com cuidado o terreno em que estou. Depois, nivelado o solo, levantei este altar sobre o qual colloquei estas offerendas. Invoco os vossos espiritos, impetrando a graça não só de receberdes as nossas modestas offerendas, senão de acceitardes a gloria da nossa victoria».

Ora tudo isso é manifestação do que podem superstições e crenças, quando essas crenças e superstições se cultivam com seriedade.

E assim se vae aos campos de batalha, repetindo a bella phrase que os japonezes segredavam aos seus parentes na hora da despedida, no momento em que partiam para o theatro da guerra:—*Ictê kaeruká shindê kaeruká*. Tornarei a patria; vivo ou morto voltarei.

Realmente. Vi no Skôkon-chá muitos nomes dos que cahiram mortos. E no Shokon-



ENTERRO DE UM SOLDADO

chá, grande templo que se aprecia em Tokio, o registro desses nomes é a indicação da immortalidade dos que não mais se acham entre

os vivos. Esse registro quer dizer que se ergueram á altura de deuses protectores do Japão os que falleceram na peleja. E, deuses, ali se conservam no Shokon-chá para que o povo lhes renda o culto que merecem.

Todos regressaram á patria... Vivos, tornaram aos seus lares, voltaram ás suas familias. Mortos, fiseram-se deuses, e lá estão no Shokon-cha, onde a vida se prolunga pelos tempos afóra...

E já que me refiro ao Shokon-chá, se me permita aqui transcrever o que o *Hotchi Shimbun* publicou aos 7 de Maio de 1904, assim descrevendo a festa chamada *shokonsai*, isto è, a festa da evocação das almas:

«O fogo sagrado alli no jardim, acaba de lançar no occaso do dia as suas claridades moribundas. As verdes folhas das arvores, banhadas ainda pela chuva da manhan e agitadas pela brisa da tarde, parece que deixam cair lagrimas sobre o fogo que se extingue. A esquerda do templo está, em uma serena magestade, o altar em que se fará a evocação dos mortos na guerra que prosegue. Uma força do exercito, marchando em uma ordem irreprehensivel, avança e penetra pela entrada principal do parque, e se colloca, dividindo-se, nos dois lados do altar. Entram, depois, representantes dos ministerios da guerra e da marinha, assim como os funcionarios do departamento dos cultos. Todos se conservam em os seus logares. Uma fileira de bambús verdes contornava a area da cerimonia. E bem situada nessa area estava o carro de madeira branca, sobre o qual deviam descer as almas divinas dos heroes. Os padres se encaminham para o altar. E se ouvem ruidos de verdadeiras palmas compassadas. E' a cerimonia que vae começar; e por isso, com essas palmas, quebrando o silencio, chamam-se as almas. Procede-se a oblação. Veem-se dez pequenas mesas brancas, muito brancas... Sobre ellas estão as offerendas sagradas e peixes

e verduras... Cada padre ergue uma dessas pequenas mezas á altura da cabeça. A musica faz-se ouvir. Depois o celebrante, com respeito, se arma com um ramo sagrado em que se prendem grinaldas de papel, e magestosamente caminha para o altar da evocação. Agora é o momento da oração endereçada ás almas dos heróes. A melopéa religiosa dos padres desperta aos assistentes, que se curvam instinctivamente, acreditando todos elles que chegou o instante em que os espiritos descem do céu. A oração vai quasi terminada, e de novo a fanfarra estruge os ares. Então o *kan nushi* principal, o celebrante, pega da perola preciosa em que repousavam as almas divinas dos heróes, e, sahindo do circulo em que se acha, vae depor solemnemente o thesouro sagrado no templo central. Ahi foi uma perola encerrada em um tabernaculo, e deante delles virão os fieis testemunhar sua veneração aos manes dos heróes. Concluiu-se a cerimonia. E a fanfarra executa as suas mais religiosas melodias.»

Ora a festa é essencialmente religiosa, segundo o ritual da religião shintoista. Mas o

governo japonéz declarou que essa festa e todas as ceremonias effectuadas nos templos nacionaes, não pertenciam á religião e sim a um rito puramente civil, destinado a honrar a memoria dos heróes nacionaes bem como a perpetuar no povo essa memoria santa.



JAPONEZA EM PLENO INVERNO

MOREIRA GUIMARÃES



EXPOSIÇÃO DE MILÃO



PAVILHÃO DA AMERICA LATINA

EXPOSIÇÃO DE MILÃO



SALÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL NO PAVILHÃO DA AMERICA LATINA

O Rio Grande do Sul na Exposição de Milão

DEPOIS dos memoraveis triumphos pelo Brasil obtidos no certamen internacional de S. Luiz, a pujante cidade da Norte America, por sem duvida era de esperar que os productos da actividade brasileira fossem figurar na Exposição de Milão, levando á Europa o frisante desmentido de quanto assoalham contra nós os mal contidos despeitos de irrequietos concurrentes.

E era necessario que isso se fizesse, ligados como estamos á Italia por tantos interesses communs, sendo italiana a mais numerosa colonia que no Brasil vive e prospera, factor poderoso da grandeza do Estado de S. Paulo e tantos outros. Era necessario porquanto essa mesma colonia com a exhibição da sua fortaleza daria a mais convincente demonstração do lugar de honra que entre nós occupa, e faria cessar, quiçá, a campanha que se agita contra a Patria brasileira, pintada como um verdadeiro inferno para o co-



CHAVES MOUTIÉR

lono que deseja expatriar-se.

Razões financeiras porem ou outras, fizeram com que a União não aceitasse o convite que lhe foi dirigido.

Isso porem não impediu que o prospero Estado do Rio Grande, a sentinella do extremo sul, com os seus proprios recursos acudisse ao convite levando ao certamen os productos da sua industria e de sua lavoura, obtendo esplendido triumpho representado pelos premios que obtiveram os expositores.

Muito concorreu para esse resultado a acertada escolha feita pelo benemerito estadista Dr. Borges de Medeiros que preside os destinos daquelle Estado, do commissario Sr. Chaves Moutiér

a cuja extrema gentileza deveu a *Kosmos* ser premiada com a medalha de ouro na secção de artes graphicas.

Publicando hoje o seu retrato, aqui lhe prestamos a publica homenagem do nosso reconhecimento.



MEDALHA DE OURO CONFERIDA Á KÓSMOS

PENELOPE

GUILHERME Arronches creara-se, a bem dizer, um vibrante lunatico da Grandeza. Inda destruiu calçotes fendidos atraz, e já papagueava vastidões, cousas de entontecer os fedelhos apoucados d'intelligencia. E, ávante, pelo periodo escolar, não havia condiscipulo que lhe chegasse aos calcanhares nessa balda: o seu delirio, inflado como ôdre cheio, é por pouco megalomania esbrozeada.

O estudantelho, em vez de dizer que é filho de um modesto, senão arruinado ourives, diz que seu pae é a pessoa mais rica do lugar.—Caramba, só de uma pancada havia comprado no Porto, com estupefacção de patrões e caixeiros, todas as barras d'ouro que topara nas ourivesarias! — Que se quizesse estrearia todas as semanas um fato de magnifico panno, trajando como o mais apurado janota. Que seu pae lhe daria...— isto era segredo, não o fossem espalhar— um dote de alguns contos de reis quando elle casasse: mormente se o fizesse, como eram seus desejos, com a filha do fidalgo da Ponte, a rapariga mais linda, mais frunida d'heranças, mais anciada de toda aquella immensa comarca...

As boccas dos ouvintes, mal elle virava costas, cachoeiravam a gargalhada estrondante da caçoada e atacavam a seguir, algumas com pena, a facundia jactanciosa do collega, punham ao léo toda a verdade sobre a sua condição.

Todos o sabiam, o seu lar estava em miseria desde a noite de ha 14 annos, em que o pae, indo a dormir, fôra roubado no comboio de Braga para o Porto: Levava todo o seu pequeno capital em obra de contas e arrecada para vender, nesta cidade, ao seu freguez Rosas e ficara, coitado, nessa malfadada hora sem nada e com uma derreante carga de filhos e dividas.

Valera então de muito ao pobre homem o ter alguns filhos em apresto de poderem ganhar a brôa. De contrario, estava no arroxado da fome.

Os collegas sabiam de tudo. Menos, aliás, quando havia nascido Guilherme: se antes, se depois do roubo.

Nascera antes, dois annos. Era o mais novo, não estava em caso de suar tão cedo

pela codea. Viera ao mundo, ouvi, duros chasqueadores, por uma madrugada outonal, com vento a rondar pelo olivedo, como a chamar a invernia proxima, e fileiras densas de andorinhas passando por defronte da casa, caminho do exilio, facto a querer balbuciar aos supersticiosos a fuga de bem-estar, que dahi a dois annos se daria, ao recém-nado. Fuga de bem-estar, visto Guilherme, ao envez dos irmãos, que espigaram sob todas as mimalhices e tafularias, nunca o chegar a gosar na casa paterna, nunca haver tido uma pequena aspiração satisfeita, um exiguo querer realisado, começando a trabalhar no satão, d'official, mal soubera de cór a taboada.

E quiçá devido a isso, a essa aspereza do berço, a esse esbater continuo, aniquilador, dos seus votos—elle concebesse lento a lento, particula hoje, particula ámanhan, a phantasia de se julgar, entre estranhos, filho de um ricoço. Mas, mais tarde, essa phantasia riscou-se-lhe da memoria e elle, então, forte telhudo, ambiciona o solio de potentado do Dinheiro.

O pae, quando os seus beijos vasavam com farfalhice alguma nota deste fraco, chamava-o a contas de juizo, apontava-lhe, por entre dentes aperrados, o seu humillimo dever:—Trata mas é d'embutir, ou de tocar, escutas ó idiota? e dá ao diabo essas tuas idéas!

E Guilherme, promptamente, sem pestanejar, atacava com ardencia o embutimento dos cascaveis de contas ou perpassava febril o ouro bruto sobre a heraclia. Mas, d'ahi por deante, não se furtava a idealisar, a anciar.

Até que, desenvolto e vigoroso, opimo aos olhos das mulheres, teve um dos seus desejos consummado: casou com uma rapariga que jungia á Belleza e á Virtude um dote bem pesado em moeda.

Essa rapariga é Delfina, voz d'ave melodiosa, olhos de serenar pantheras enraivadas, camelia extravagante de um casal de depravados: o marido, beijos froixos da Sensualidade, a enganar agora a mulher; a mulher, rebolices de gata ciosa, a enganar logo o marido: os quaes, fugindo da Cidade, mumificados, nauseantes, septicos,—cahiram naquella clara terra sylvestre e lá acabaram, um após outro, roidos pela gangrena syphilitica e execrados de todos.

Deixaram, os miserandos, alguma cousa á filha e ella, assim, teve com que viver.

Como era um anjo, boa e lyrial, teve tambem gasalhado e protecção de uns lavradores escorreitos de alma e carne. Posera a esse tempo o seu affecto vibratil a trabalhar pelos doentes necessitados: casinhoto em que

faltassem um caldo para uma bocca esfomeada ou mãos para o penso de uma perna chaguenta, lá estava Delfina com a sua esmola e a sua dedicação. O povo, grato e crente, tratava-a de Santa. E ella era assim feliz: feliz no sacrificio intergiversavel pelo proximo.

Por teimosia da mãe tinha sido educada nas Irmãs Dorotheas de Villa do Conde; e lá, onde não havia materialismo nem tampouco mortificações dos cenobios medievos, dera lustre ao espirito e castidade á alma.

Depois, cá fóra, se se não fundia em recatos extraordinarios, espirituaes, sustinha-se comtudo no bello traço da decencia per modo a fazer mozza a um mr. Figuiet e aparvalhar os rudes, aos quaes parecia sobrenatural o nascimento daquella açucena em tam lamacento jardim.

E floriu impolluta, sem o mais evaporante grajejo do rapazio, até chegar o Amor.

Guilherme, posto de condições minguadas, agradou-lhe absolutamente, prendeu-a com a arcaria potente do seu torax, a sua face erguida, torrada como a de um vulcano, com todo o seu ser lavado e forte, intelligente e utopista. A gente que a gasalhava, por certa questiuncula que tivera havia bons annos com os Arronches, deu-lhe d'opinião que não devia casar com Guilherme, espelhou, com scentellas de o enterrar, a pobreza e a doudice delle. Mas, Delfina, sob toda a sua brandura de grande indulgente, insistiu e, por um dia vernal, casou.

Ao findar de alguns mezes o velho Arronches, vendo o filho senhor do dinheiro de Delfina, quiz que elle lhe emprestasse o bastante para mercadejar como em antes de ser roubado, em grosso, por sua conta. Porem Guilherme negou-lh'o, disse que não era seu. O pae então deu a entender que se mudasse mais a mulher e elle, que naquelles dias havia comprado uma quintaloria perto da pre-historica Citania, lá se foi a cultival-a com bombasticos ideaes de progresso e resolvido a deixar para sempre o lar paterno.

Durante quatro annos, gastos, aliás, em holocausto ao Engrandecimento, houve riso no tecto de Guilherme. Nada mais natural: alem de verdejar sempre com suavidade o galho da Paz, se gizaram, ao calor dos beijos dos paes, as feições a um filho, um rapazinho bello e edenico como o poderia ter desejado mestre Solon.

De subito centuplicam em Guilherme as ancias de se tornar homem de fortuna.

E estas se acaloram infrenemente, tomam a fervurura de caldeiras, quando elle vê haurida a mór parte da herança de Delfina pelas terras bravias da sua herdade, que, debaixo da risota arreliante dos calejados lavradores,

queria transformar em searas feracissimas, em jardins maravilhosos. Debalde a esposa, meiga e esclarecida, quer arrefecer-lh'as: elle, ao contrario, quando ouve os conselhos de moderação e modestia, mais se enthusiasma.

De sorte que parece ter no intimo, ridente e viçosa, a esperanza de ser millionario em epoca não tardia.

E um dia, com olhar rutilo e firme, diz á esposa que partirá breve para a America.

— Delfina, acrescenta, á guisa de balsamo. Precisamos de ser ricos, muito ricos, donos de todos aquelles sitios que abrangem os nossos olhos.

E chegando á bocca da porta, um pouco vergado sobre as espaduas de Delfina, aponta, com o braço della, para a aldêa que fica á frente, em uma allegoria graciosa, a escalar uma riba de giestaes nos rebordos. Aponta para as varzeas ondulantes, fartas de luz e fructo. Aponta para as tapadas cerradas, fulgurantes, como aço brunido, ao cahir do sol sobre as ramadas. Aponta para os valles risinhos com as suas papoilas e amargurados, espaço a espaço, com as flores roxas das suas olaias. Aponta para as montanhas longinquas, quasi intangiveis da retina, que occultam terras d'alem.

A esposa, como em sonho fulgente, olhava para o quadro vasto, sem termo tal se fosse o céo. Olhava... Mas depois, em si, molhou de lagrimas as mãos de Guilherme, implorou, com alma dorida e seios em onda apaixonada, que não partisse, não os deixasse a ella e ao filho.

Elle, para lhe soffrear a dor, prometteu que não iria... Porem, d'ahi a uma semana preparou esconsamente a partida, dispoz tudo de maneira a, na sua ausencia, nada faltar no tecto que abandonava por pouco tempo; e logo, em uma madrugada de abrir desalentado, sem rosa no horisonte, accordou resolutamente Delfina para se despedir.

O aventureiro queria ir para a America de Cabral. Mas, em Lisboa, dias antes d'embarcar, relacionou-se com um açoreano, rico negociante de Boston; e, desviado por elle com o informe de que Boston era a Summa Terra da Riqueza, preferiu a America de tio Sam. De resto o açoreano, magnanimo e patriota, déra-lhe uma carta de recommendação valente: «Embora homem d'annos e sem pratica, — ordenava, no fecho da carta, o chefe do negocio aos seus subordinados, — empreguem-no ahi em nossa casa». O que equivalia a dizer-se collocado logo que botasse pé em terra.

Com tal arrimo, ia esperançado, — certo, é melhor, de que em periodo não serodio, acugularia de dinheiro o seu bahú de sequioso, como o seu compatricio das lindas ilhas es-

meraldinas do Atlantico, que, pouco depois de largar com lagrimas de parvulo a sua pobre costa... apenas rico de penedos e musgos e algas—recolhia ás mancheias as tam almeçadas «aguias» ao seu sacco bostelento d'imi-grante.

E o que se segue é que meia duzia de annos em Massachusettes foi o bastante para que Guilherme se tornasse um regular negociante de Boston, o seu credito de burguez remediado nas casas fornecedoras, o seu posto de coripheu consilheiral na *honest* Colonia. E isso sem o auxilio de ninguem, da propria casa do açoreano, cujos socios lhe disseram ala! ao cabo de poucos mezes de lide.

E' verdade que até ascender a esse sócco mourejou muito, derreou todo o seu vigor, mesurou bastas vezes como reles vendilhão, esqueceu conforto, sopitou descanso.

E ao de mais, nos primeiros tempos, custara-lhe golpes na alma o aguentar as saudades pela esposa e pelo filho, sempre em crecência de amarguras quando chegavam cartas de Delfina, todas a lhe supplicarem com lagrimas e gemidos o regresso.

Cartas que elle lia aos golpões; e no fim, abalado, impetuoso, tracejava regressar immediatamente, na mesma hora, se houvesse paquete. Entrementes, vinha a sede febrênta do Dinheiro, escaldava-se o violaceo da saudade, e se esbatia em um apice o bosquejo da partida, como, outr'ora, a cõr sanguinea dos dedos de Guilherme ao ser queimada pela agua-forte escorrida dos toques.

Em uma semana, porem, de optimos lucros em titulos d'especulação de petroleo, elle assenta partir definitivamente, «nem que estoirassem todos os diabos», no proximo vapor.

Nisto, antes de correar as malas, recebe esta carta satânica... engendrada naturalmente por todos os diabos que, furiosos, estoiraram á sua jura:

«Guilherme.

Tua mulher, que, diga-se de raspão, cada vez está mais bella, devido talvez áquelle ventre harmonioso ter gerado apenas um filho, —tua mulher, ó morta! engana-te quasi desde que partiste.

E's um candido e por isso cuidas que ella é a Penelope do epopaico Homero, a cisterna de todas as virtudes conjugaes. Como te enganas!

O ditoso que surripiou o coração da tua Venus é um ex-estudantinho do beatifico Espirito Santo, bem amoedado, heraldica tersa, ares de grande estheta, mas que, a dizer a verdade, bem merece ser rolado de uma Tarpeia abaixo, visto a sua espremida, incompleta figura. Veio para cá em pratica de resumido

sueto. Mas sorveu tamanha ventura durante essa folga, que, finalmente, resolveu estical-a «tempus in omne».

Eu nada devia dizer-te, porem, por amizade ou inveja, não resisti.

Esta informação—verdadeira, a ponto de poderes confial-a ao mais puro Baccarat—esta informação quiçá te não agrade... Emtanto, meu caro, soffre... soffre ovantemente, com despreso! e não desças á patetice de vir agora até cá, para lapidares judaicamente a adúltera e derrubares, com dous murros d'athleta, o malhão da tua encantadora mulher. Porque, não ha fugir, perderias o teu caro tempo, tam necessario para as tuas formidandas operações mercantes, pois nem por isso deixarias de ser o que Sgnarelle de Molière se julgava.

E em tal ponto, continua a atulhar os bolsos por ali, por esse celebrado «Hub of Universe», ninho da aguia da Liberdade americana, berço ditoso do pantheista Emerson e, mais do que tudo isso, para esta depauperada e fallida Europa,—terra do atrevidaço Dollar. É gosa. É represalia com alguma *miss* de cabellos de amarello tostado, lidima tempera *yankee*,—pomposa e arrojada, que salte com agilidade caprina, ou como quem salta portellos, dos mais altos ribanços e pule a sorrir aos mais cavados pegos.

Teu

Guarda».

Atordoado, Guilherme ao principio julga que essas linhas lhe não dizem respeito. Depois porem de as lêr calmamente; d'examinar o sobrescripto carimbado na villa onde elle havia deixado a mulher, o filho, a propriedade, e de considerar sobre a Volubilidade feminina, acha-as suas, vê-as a escorrerem as falhas da Peccadora, sente-as, emfim, a lhe despejarem na alma, de vagar, com escarneo, todo o travor ruborisado no cadinho do Ciume.

E soliloga, de mistura com suspiros:

—Por isso ella me não escreve ha tanto tempo!... Emtanto... resignemo-nos e esperemos a mala de amanha.

A mala chegou, Guilherme não teve carta. Era, pois, verdade que ella se enleçava, em compressão de serpente, ao tronco delgadoço do ex-candidato a leis canonicas.

Guilherme medita então vingança terrivel, bravia. Mas, philosopho de repente, não a pratica: segue em pontos os conselhos do denunciador, não parte; accêita indifferente, abandonando pieguices passionaes, a catastrophe do lar e limita-se a soluçar alguns dias a perda do seu Raul, o filho que iria occupar, ao cabo de poucos annos, uma carteira na sua casa de mercieiro atacadista.

Porfim, passaram, em corrente de solda, mais alguns annos, e o coração de Guilherme fechava-se hermeticamente para Delfina e escancarava-se, com todos os tecidos, para o Negocio.

O negociante quiz fazer-se grande, especie de sobre-homem nietzcheano. E, aos poucos, adaptou-se ao methodo tenaz de trabalho dos nacionaes. Quiz guindar-se a emprezas fabulosas, audazes. E sonhou competir com Henry Havemeyer no mercado assucareiro, imitar-lhe simiescamente a rapacidade gelida, o egoismo monstruoso de syndicateiro formidavel. Quiz o monopolio das mercearias. E desejou fechar nos punhos, ao cantarolar de sarcasmos, toda a multidão de modestos, classificados ou importantes negociantes do seu ramo. Quiz subjugar aos pés todos aquelles que lidassem para sustentar milhares de familias. E desejou arruinal-os virtualmente, com inflexibilidade de carrasco, ser, em uma palavra, Havemeyer!

Mas tudo isso, para felicidade dos collegas, não avançou da sua deliciosa imaginativa.

Todavia trabalhava sem treguas, hallucinadamente, os olhos rebrilhando-se-lhe no monticulo crescente dos seus ganhos.

E em pequeno praso possuia capital para comprar uma villota portugueza.

De subito o desprezado lembra um asceta, quasi que abdica de todos os bens terrenos: apenas, d'oito em oito dias, visita sem demora, ás escondidas, uma bem talhada peccadora, toda linhas severas, academicas.

Conhecidos, que não sabem da sua vida intima, perguntam-lhe se elle não tenciona ir breve á Patria, correr mundo, gosar.

E elle soergue os hombros, já em corcova pelo excesso da pugna, e machina:

—Por ora não penso nisso, preciso de lutar mais. Góso mesmo por aqui com a minha occupação. Emtanto é bem possivel que um dia me não importe de correr terras...

—Principiando pela sua, não é?

Guilherme quebra a passividade, dá vasas ao sentimentalismo meridional:

—Essa não tornarei a pisar! Nunca mais olharei aquelle céo eternamente azul, aquelle sol d'amor, aquelle luar claro como patenas sacras, aquelles almargeaes floridos, aquelles toques suaves dos montes pelas vesperas primaveris.

Mas o commerciante não é de ferro. não tarda muitos mezes a ficar esfalfado, entediado, dyspeptico, dores de cabeça todos os dias. E, homem precavido, faz testamento, distribue solemnemente metade dos seus haveres por seu filho Raul e outra metade por a pessoa que o amparar á hora da morte

Nem de proposito: augmenta a sua doença. E os asclepios, para se verem livres delle, do tremendo massador, mandam-n'o passar uma

epoca d'aguas na Europa. Um, até,—aquelle em quem tinha maior confiança,—sabedor da sua naturalidade aconselha, como hiera, as aguas de Portugal.

O doente renite, feito capro, e troca-as pelas da Bohemia e Altos Pyreneos.

Agora Karlsbad, com a sua fervida Sprudel, e Cauterets, com as suas thermas de alta fama desde periodos romanos, de nada lhe valem. E um dia, desesperado por melhorar,—fosse aqui ou no inferno! sempre se resolve a recorrer ás aguas da Patria.

Mal havia avançado meio da epoca nas Caldas do Gerez e já Guilherme era outro: abriu-se-lhe o appetite, empinou-se-lhe a carcassa, desapertou-se-lhe o riso. Depois, com maravilha de todos aquelles que o viram chegar amarfanhado e esqualido, arrastando como um madeiro os sapatos americanos, espalhou os seus desejos d'ir a pé, qual teso andarilho, até á Portella d'Homem, para gosar aquelle assombro florestal, os rios que rolam a fervilhar pelo fundo das ravinas, a matta de Leonte formando abobadas de carvalhas priscas, os gorgolhões de prata do despenhadeiro do rio Homem descendo pela sua escadaria granitica, a Geira com os seus grupos milliares, d'inscrições remotas, prestes a serem de todo lambidas pelos tempos d'eras em fóra. E, finda a estação, elle acreditou-se curado, poz-se a correr o seio da terra lusa.

Mas, alfim, farto de andar, de ver, escolheu uma villasinha ridente do Alto Minho para descançar, para passar um anno, dois...

Hospedou-se no hotel de um senhor atarracado — grandes bochechas escarlates servindo umas barbas de Hades, ventre falstaffeano—cuja maior occupação era perguntar aos srs. hospedes de fóra se já haviam visto as faladas preciosidades historicas da terra: o castello, ainda sobranceiro nos seus revelins desafiantes, a servir hoje de cadeia e quartel, a matriz, com as suas reliquias de duplo valor, por serem offerendas de monarchas, e os seus caprichos architectonicos em talha e pedra, a casa da Camara, mais a sua fachada carrancuda, um pouco suavizada todavia pelas graceis caryatides que carregam docemente as architraves dos flancos, e cujo projecto era atribuido a um Vignola compatricio.

E se alguns dos srs. hospedes dizia que não, não tinha visto nenhuma dessas maravilhas, elle, sapientissimo sr. Domingos, varava de tamanha ignorancia e offerencia logo a sua fraca companhia para o ignaro as ir ver.

Guilherme, só dois dias depois de chegar, soffrera essa pergunta.

E, de resto, sua Excia. já tinha visto, conhecia toda a historica villa desde o dia em que abicara! Mas o hospedeiro fôra logo illuminado:

—O que lhe posso afirmar, emtanto, é que V. Excia. ainda não viu certo quadro ribeirinho... Valeu irmos lá um dia?

O atacado só o precedeu d'ahi a alguns mezes.

Realmente a tela valia a longura do caminho. Passaram a ponte affonsina e fincaram-se na borda opposta do rio. Pouco abaixo, em nesgas de terra bem cultivada, corriam, de cada lado, longos renques de amieiros e choupos, corriam a levar as aguas até longe, até se sumirem, tingidas da luz immaterial do crepusculo, nos ilhaes iriçados d'escarpados longinquos. E, pouco antes, as aguas folhadas de uma levada batiam nas pedras corridias do leito, estrondeando, roncando. Em volta, a correr das duas margens, o verdor dos campos, a symphonia bronzea dos montados galgando para as cordilheiras.

E, como d'encommenda, para remate do motivo, em um recanto de tapada, sob olmeiros, um grupo de raparigas e creanças quedava-se em mansuetude d'extasi a ouvir os rouxinoes cantarem perto, occultos, em gloria e affecto ao seu Amor, que, por entre os ramusculos dos sarcaes, e com um veio d'agua a correr-lhe aos pés, acalenta e cria a pequenina prole.

Sua Excia. deleitou-se, envoltou a alma, durante largos minutos, de todo aquelle hymno de pastorela arcadica.

Ao voltar, o sr. Domingos apresentou-o ao sr. Ramires da Cruz, o melhor boticario daquelles sitios, uma das almas mais puras que conhecia.

Guilherme ia tendo as suas relações, já não passava, como ao principio, horas monotonas, já não era, naquella terreola de bisbilhotices, um ser exotico, face glabra brilhando sempre sobre fatos de flanela alvadia, já não era um viajante de arredar, cujas malas chapejadas de rotulos mortecôres, d'hoteis e caminhos de ferro de toda a parte, parecia denunciarem algum falcatrueiro fugido das mãos inhabeis da Policia de meio orbe.

A's tardes ia sempre para a botica.

Até que uma vez o sr. Ramires lhe desfechou:

—Desculpe a curiosidade. O sr. é estrangeiro, inglez?

—Não. Porque?

—E' que, pela sua pronuncia, pelo seu trajar, pelo seu rosto... me parecia.

Então Guilherme, em phrase concisa, esclareceu:

—Sou portuguez, de Bertiandos. Fui para os Estados Unidos ha desoito annos. Tenho casa de negocio em Boston.

O boticario estarreceu ás primeiras palavras e ergueu-se insensivelmente da cadeira, os olhos a quererem pular das orbitas, como em ancia de sugarem o resto da informação.

—Guilherme... Ou o sr. é a pessoa que penso, que por signal, a estas alturas de tempo, já deveria estar desfeita pela terra, sem as tibias sequer por pulverisar, ou o diabo por ella!

Guilherme vibra deante de uma recordação remota: vê de chapa um seu antigo conhecido, o Ramires Fortuna, como o tratavam, quem, em solteiro, acompanhara pela noite alquebrada, a logares escusos, á procura de pêgas; que estudara, no Porto, o seu boccado e que, ao fim de correr terras e terras do céu luso, sempre atraz da Fortuna esquiva, mercara uma botica na terra onde ficou aquella cujo nome não pronunciaria mais.

Dá-se a conhecer. E logo, meio perplexo:

—Mas como veio o sr. parar aqui?

—Ora. Sonhos. Sonhos por dinheiro: o sr. lembrou-se d'enriquecer indo para o estrangeiro, eu, aventureiro nativista, vindo para aqui. A terra onde eu estava não rendia nada, os doentes eram raros, lá de lua a lua um com umas quartãs, outro com algum braço partido ao podar. E como me dissessem que aqui só havia uma pharmacia, e muito fraca, —a frascaria quasi sempre vasia, vim. Até hoje não me arrependi.

Ramires põe de parte a fama do millionario, passa a tratá-lo no seu tom de velho parceiro de noitadas:

—E dize-me, Guilherme, como vieste tu, por teu lado, parar aqui? Sabes que és tido como morto. E's: logo que constou, todos o acreditaram. Eu não. Presenti enorme meada de arranjos... Mas convenci-me, depois, porque a sra. d. Delfina m'o garantiu com uma carta que havia recebido da America.

Guilherme, attonito, não responde. Emtanto minutos logo, pergunta—com esforço, anciando:

—Que carta era essa?... Desculpe. Eu não percebi bem. Estou nos meus dias de bronquite.

—Uma, carimbada em Boston, que participava o teu fallecimento repentino, sem deixares haveres de monta, apenas objectos d'importe mediocre, d'uso. Mas queres saber em que me baseava para presentir enorme meada de arranjos? Escuta.

Quando partiste a sra. d. Delfina era a Formosura espraizando-se em toda a sua onda alterosa de viço e contornos, sem duvida, a mais bella senhora que trilhava a nossa parochia. Raro sahia: e isso era, as mais das vezes, para ir á missa do domingo. Mas nessas occasiões, meu caro, é que se lhe alteava a belleza!... De preto—desde que te ausentaste nunca vestiu de outra fórma—, o seu pendor de summa elegancia espargia a admiração d'entontecer, o desejo soffreado a custo. De preto, a sua brancura triumphava, obscurecia os marfins do templo. De preto, era a Seducção do essenio, do abjurador da Carne.

D'ahi, amigo, o accender de muitos corações, a ancia louca de muitos a requestarem, de muitos desejarem possuil-a.

E d'aqui... a necessidade de tu desappareceres d'entre os vivos: desappareceres simplesmente para a esposa e enquanto houvesse conveniencia. Como? Com uma carta naquelle sentido.

Mas falemos do que se deu antes.

A sra. d. Delfina chorava muito a tua ausencia.

E de repente teve de chorar tambem a do Raul: como estava crescido, muito virado para o estudo, mandou internal-o no Campolide. Viviu portanto só, em uma desolação continua. Valiam-lhe, é verdade, um tanto as tuas cartas, no principio a encorajal-a com a esperanza da tua volta em dia perto, no fim, apipadas d'enthusiasmo, a convencel-a da tua riqueza, dos teus milhões no banco... Mas os ousados não arrefeciam e ella pedia-te, para ver se se livrava delles, que viesses.

Como lhe custava ouvir os galanteios de certo deputado, o mais tenaz de todos!... Ge nero chibante, barbas plutonicas, muito dinheiro, muita essencia franceza; delicioso esgremista da phrase que enleia a mulher: é o physico delle. A sua ousadia é meligena, sente-se envencilhada aos liames da graça de Panurgio ao dizer um conto tentador; porém, subitamente, como encontra defenza d'honra immaculada, é feroz, põe em campo toda uma matilha de grande influente de circulo: de pretendentes esqualidos a empregos burocraticos: d'encolcadeiras azevieiras: de servos venaes, finorios. E ella, já se sabe! sempre com decencia, fugindo, soffrendo.

Mas o seu penadouro era d'enlouquecer, já se furtava, imagina, a ir ouvir a sua consoladora missa, a vêr, entre ouros lucilantes, o santo do seu fervor! Pois os da matilha, fragmentando-se, surdiam de todos os cantos das ruelas que levavam á igreja, e eram dictos assucarados de uma boccarra, segredos gorgueantes de outra, reccados humildes de mais outra. Um inferno.

De resto, passa meio anno sem receber cartas tuas. E ao cabo —avalia a dôr— recebe a famigerada carta participando a tua morte!

Ramires cala-se. Mas, logo, resplendente de perspicacia ao palmar com força a testa bem entrada:

—Achei! O auctor daquella carta foi de certo o deputado: elle tinha um primo em Boston e naturalmente o incumbiu de a botar lá á caixa postal.

—Oh! por quem é, Ramires, não fale mais! diz Guilherme, num grito rouquenho, de coração a sangrar.

E levando a mão concava á bocca do boticario insistiu no pedido até rolarem, em fios, as lagrimas pela sua face congestionada.

Estava ao facto de tudo. Aquella urdidura de super-infame se lhe abrija, como por um saccão de bruxo, ás primeiras palavras do amigo. E vira então falsidade na carta que denunciava a esposa. E vira então que as cartas della para elle e delle para ella eram abafadas lá na terra, de conchavo com o da posta, fóra de duvida algum malsim do sr. deputado. E via em tudo o mesmo auctor.

Ramires quer retalhar mais aquella alma:

—E, de resto, queres saber o que praticou o figurão?

(Guilherme, immovel, tem os olhos vidrados, não responde).

Sabedor de que a sra. d. Delfina já havia recebido a carta, procurou-a logo para lhe dar os pesames... pela tua morte. Os pesames!.. Elle o que desejava era ter occasião de a ver, de lhe falar. E vê-a toda em crepe, abatida e dolorosa, e o corvo fala-lhe d'amor. Fala de tal modo—aos seus pés, em genufluxão tam piégas, que mette nojo. Emtanto ella, em passividade de espirito apagado por grandes desgraças, deixa-o rastejar, deixa-o jurar falsidades, e não lhe aponta a soleira para sahir. Vale á pobre a entrada subita de uma vizinha, que ia compungida consolal-a pela má nova; e só assim se livra delle.

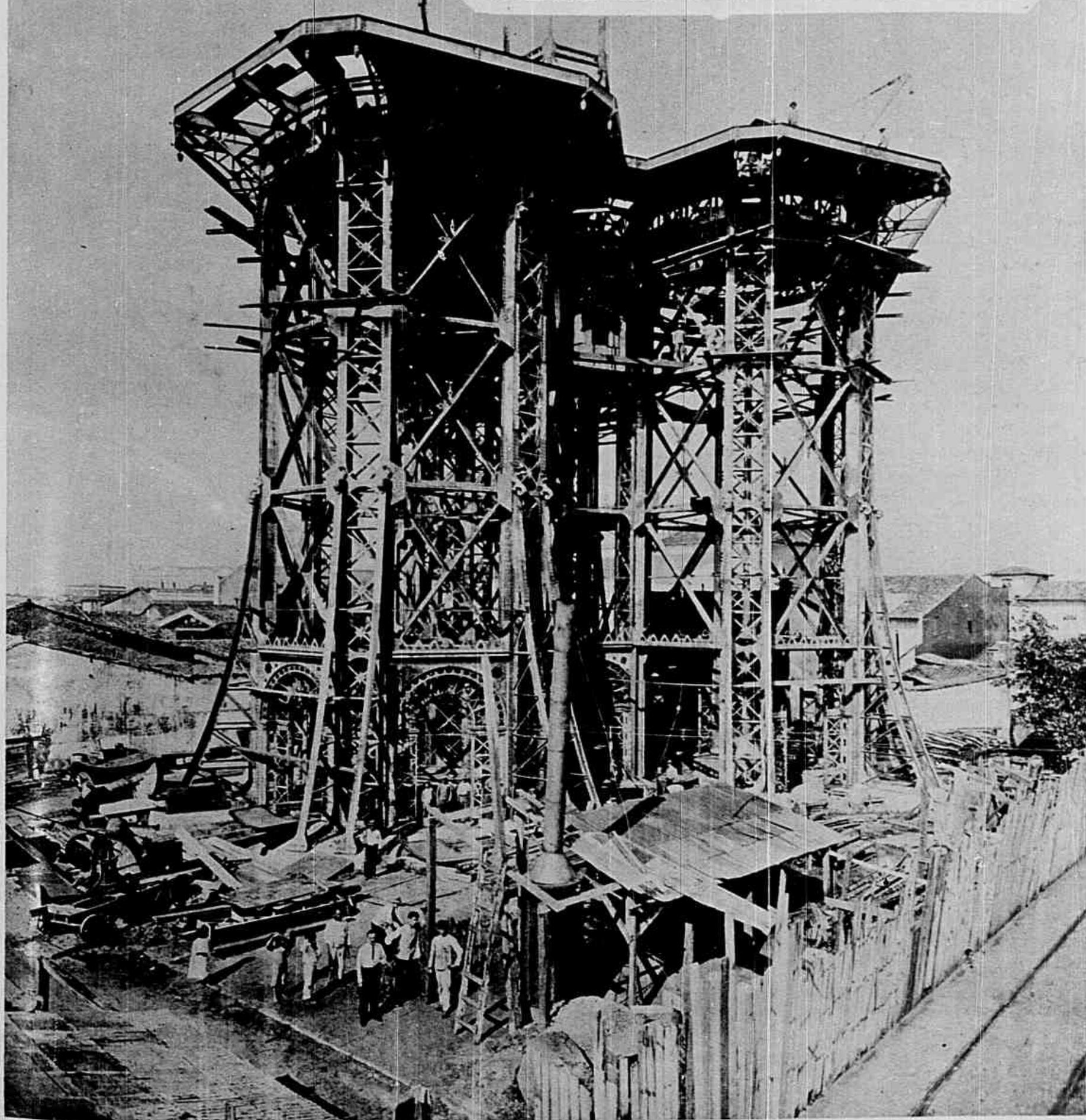
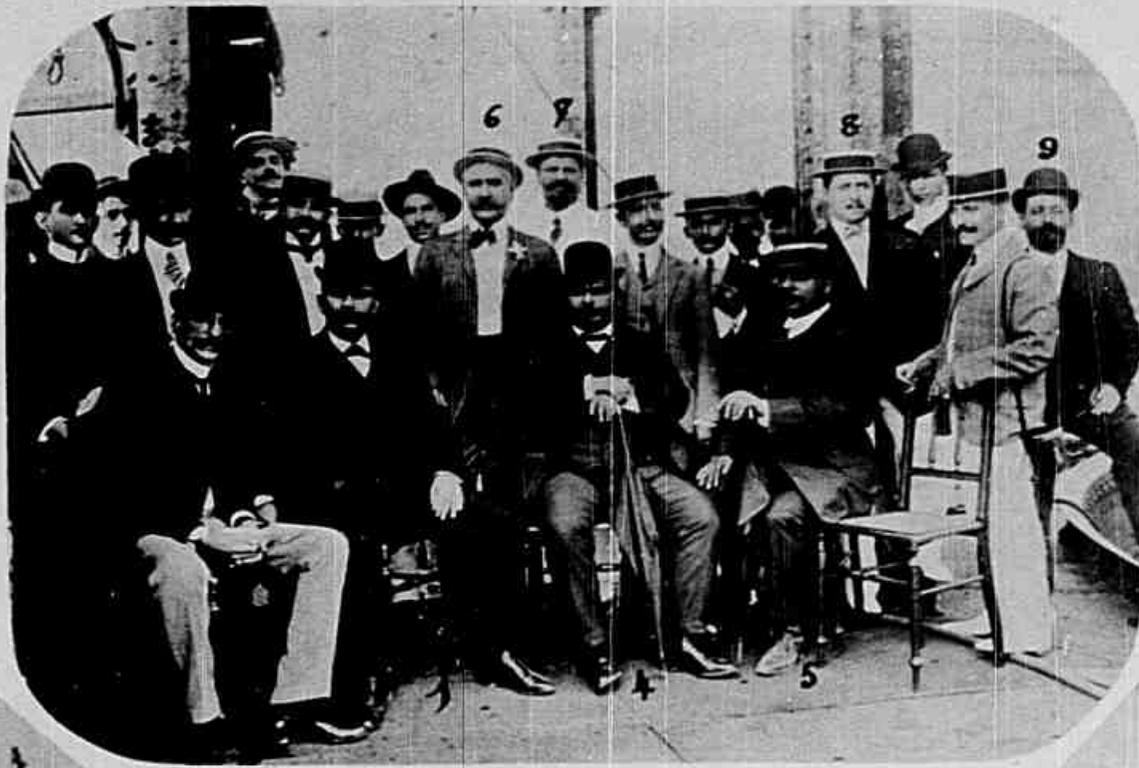
Desde esse dia nunca mais tua esposa desceu á villa, nunca mais gosou, nunca mais teve um vislumbre de jubilo... nem mesmo ao receber cartas do Raul. Porfim, para que ninguem cobiçasse a sua esvelta mão de viuva joven, deu em arruinar-se com trabalhos brutaes, de jornaleiros; em desprazer-se de atavio —lembras-te, como era requintado nella antes de partires?—; em comer mal; em como deformar o corpo, aplanando-lhe as curvas, amarellecendo-lhe a pelle; em conjurar a fulguração dos olhos... E, para nimbar todo esse desmoronamento, vieram em ponco os cabellos brancos, brancos...

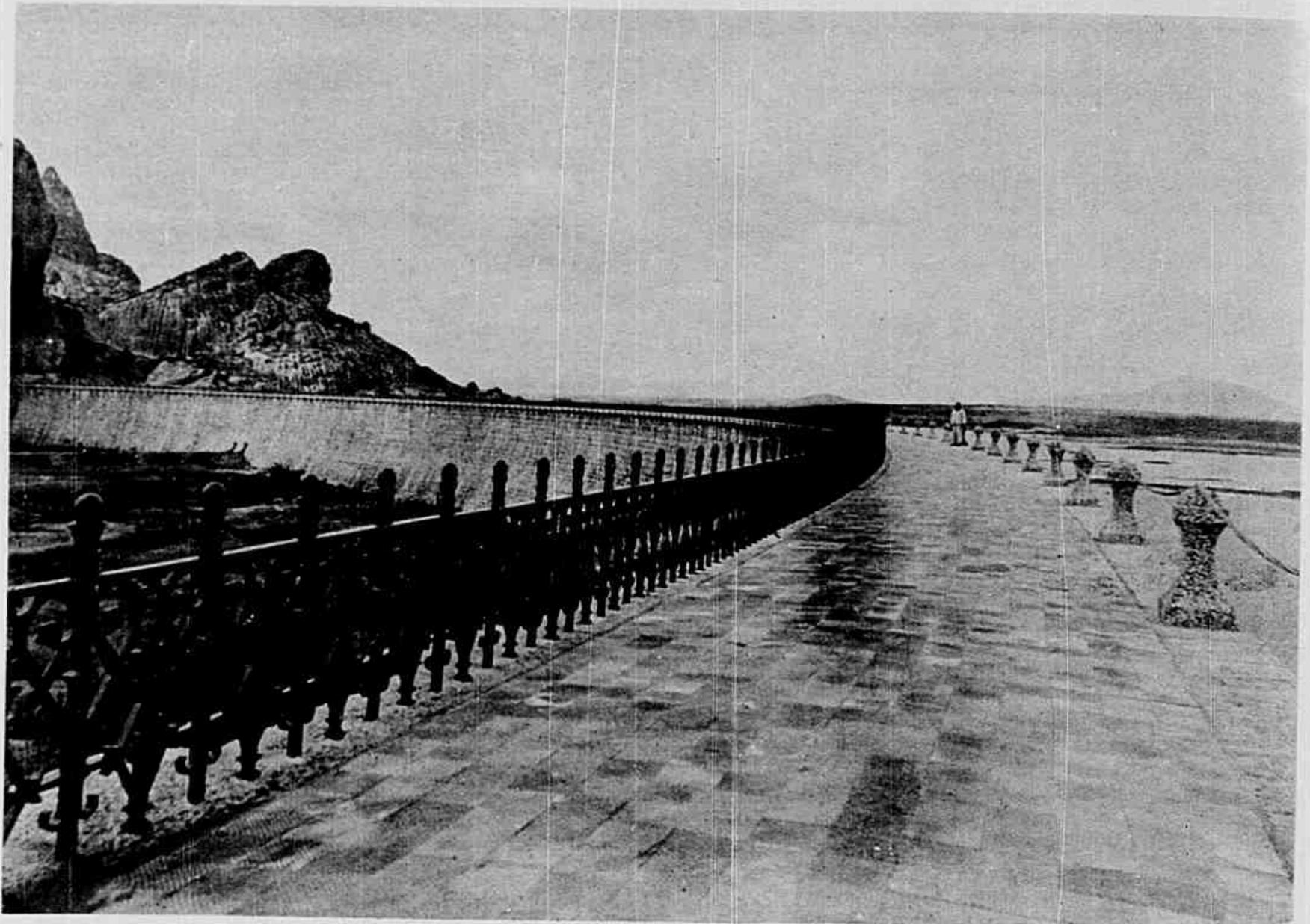
De repente o corpo de Guilherme tomba da cadeira com uma apoplexia. O pharmaceutico, ao procurar amparal-o, pareceu ouvir da sua bocca arroxeadada, da sua bocca em resfolego ruidoso: «Levem-me a Delfina!»

E, a mando de Ramires, quatro pulsos fortes, salidos do magote de pax-vobis que estacionavam á porta, o arrebatam e conduzem, com rapidez d'engenho de magica, á presença de Delfina, cuja casa é agora alli, naquella villasinha ridente do Alto Minho alli perto, muito só e muito triste no seu esconderijo de faias d'alto porte cylindrico com ramaria sedosa a murmurar enigmaticamente para o rio que passa ao lume em ronco eternal.

GRUPO TIRADO NO ALTO DA PLATAFORMA
DO NOVO REZERVATORIO D'AGUA

- 1-Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado.
- 2-Dr. João Coelho, Presidente da Camara dos Deputados.
- 3-Engenheiro Raymundo Vianna, Secretario de Obras Publicas.
- 4-Engenheiro Innocencio Hollanda, Eng. Fiscal da Obra.
- 5-Coronel Theodomiro Martins, Deputado Estadual.
- 6-Engenheiro Francisco Bolonha, Contractante da Obra.
- 7-Engenheiro Louis Bégon, Auxiliar do Eng. Bolonha.
- 8-Engenheiro Guilherme Paiva, " " " "
- 9-Engenheiro Harry Nuding, " " " "





O AÇUDE DE QUIXADÁ

Em fins da passada legislatura um representante do Estado do Rio Grande do Norte, o operoso deputado Dr. Eloy de Souza, traçou em oração memorável o quadro lamentável das perdas causadas á vasta zona que quasi sem interrupção se estende do Maranhão a Pernambuco logo que se afasta um pouco da facha litoral, pela secca terrível que em assolações periodicas devasta, extermina toda vegetação, extingue todo animal vivente e arrasta ao exodo para regiões longinquas populações inteiras.

Era a proposito do orçamento da viação o discurso do joven parlamentar e visava defender emendas consignando creditos para a construção de açudes na zona flagellada. O passado governo do Dr. Rodrigues Alves curou dos interesses das populações do Norte fazendo completar obras que duravam havia dezenas de annos e estudar outras que resolvessem o problema. O actual governo prosegue activamente nesse trabalho que felicitará populações laboriosas e infelizes, enviando para fazer estudos um profissional da competencia de Antonio Olyntho, laureado em successivos trabalhos de engenharia.

Vias ferreas cortam já em parte a zona amaldiçoada, facilitando soccorros ás populações ameaçadas; e a construção dessas estradas é em grande parte entregue ás mesmas gentes de campo que o sol inclemente não deixa se occupar com o lavradio da terra.

Aqui e ali se experimenta o methodo americano de lavouras em territorios que a falta de chuva parece ter esterilizado—e mais adeante alteam-se barragens que

aproveitando as condições topographicas do terreno armazenam o excesso das aguas da estação pluviosa. Destes açudes é o mais importante o do Quixadá, no Estado do Ceará, concluido em parte importante, e que até a presente data tem custado aos cofres da Nação perto de 5.000.000\$000.

E' deste que publicamos a photographia junta para poderem os leitores avaliar a importancia daquella obra colossal, cuja bacia hydrographica constituem os valles dos riachos *Verde*, *Caracol* e *Satiá* com uma area de 21.000.000,200.

A area do açude cheio na cota de 15 é de 21.800.000,200, sua profundidade maxima attingindo a 16 metros sendo a media de 6,30. O perimetro é de 91.000m tendo capacidade de 137.500.000.000 litros. Tem 4 barragens na extensão total de 1338,5 metros e 2 sangradouros, sendo uma das barragens a *Central*, de alvenaria de pedra e as demais de terra.

A barragem *Central*, concluida em 15 de Novembro do anno passado quando deixava o governo o operoso ministro Dr. Lauro Muller que dera tão extraordinario impulso ás obras, tem 412 metros de extensão por 15 de largura e 16,5 de altura maxima, com capacidade de 61.200.000 litros; o vão de sua curvatura é de 249 metros sendo a secção transversal do typo Krantz. Custo: 10 contos.

A barragem do *Norte*, de terra, mas revestida de pedra tem um comprimento de 209 metros, com altura maxima de 5. Largura no coroamento 3,5 metros e o talude 1, 15.

A barragem *Austral* estende-se por 240 metros com altura maxima de 17 metros e largura no coroamento de 4 metros. Talude de 1×125.

E' de terra, revestida de pedra e custou aproximadamente 152 contos.

A barragem dos *Forges* tem de comprimento 464 metros sobre 2 de largura no coroamento, com taludes á montante de 1×2 e á jusante de 1 > 15 e 2,08 metros de altura maxima.

Dos dous sangradouros o primeiro tem 67 metros de comprido em base larga de 5 metros; a cota do coroamento é de 14,5 metros e sua capacidade de 1.323 metros cubicos.

Em alvenaria de pedra sobre rocha descoberta com paramento interno vertical e externo parabolico. Seu custo foi pouco mais ou menos de 21 contos.

O segundo, aberto na rocha viva, custou 3.500\$ e estende-se por 23 metros.

Na torre da tomada d'agua já prompta, as descargas são dadas por meio de 3 comportas externas, existindo no interior outras duas de segurança.

As aguas destinadas á irrigação são conduzidas por um canal unico chamado *Principal* aberto na encosta direita do valle a que serve; em seu inicio é de alvenaria na extensão de cerca de 360 metros ahí tomando a denominação especial de *Canal medidor*, sendo seu fim medir as descargas feitas.

Termina o canal em obra de alvenaria denominada *Partidor* destinada á divisão das aguas em partes proporcionaes ás areas a irrigar. Ahí, elle se divide em dous ramos — *Norte* e *Sul* pelas encostas do valle, cortando em seu curso pequenos riachos e uma serie de contrafortes

de material impermeavel proprio para a construcção dos aterros, outras vezes cobertos de blocos graniticos que obrigam a desenvolver os canaes pela meia encosta.

O systema geral de irrigação é o de descargas de 100 litros por segundo para cada grupo de 80 hectares, feitas nos pontos de travessia dos riachos.

O *Canal Principal* iniciado em 18 de Setembro de 1900 terminou em 20 de Fevereiro de 1901; com os seus ramos tem uma extensão total de cerca de 30 kilometros, abrangendo uma area irrigavel de 1.030 hectares.

Aquelle com 6,9 metros de secção de vasante, declividade de 0^m,2 por kilometro e velocidade de 0^m,51 por segundo; estes, com secção de vasão variavel assim como a declividade, conservam a mesma velocidade.

O volume effectivo para irrigação calcula-se em 125.694.200.000 litros, bastante para irrigar uma superficie de 2.572 hectares durante 5 mezes em 3 annos successivos.

Enorme quantidade de peixes vive nas aguas desse açude, nelle se pescando annualmente cerca de 70.000.

Tal é em ligeiros traços essa obra grandiosa que não tem rival no Brasil. Seu custo avultado compensam bem os beneficios que ella presta ao territorio cearense, tão cruamente castigado pela inclemencia do sol em certas épocas do anno. E' pensamento do governo actual o proseguimento de obras eguaes em outras regiões, em outros Estados.

Que não esmoreça o Dr. Miguel Calmon nessa tarefa meritoria que levará conforto e animação á regiões até hoje entregues á desolação e á miseria — e onde a riqueza agricola poderá grandemente contribuir para a prosperidade nacional.



S. A. D. LUIZ DE BRAGANÇA E ORLEANS

Os sinos de Marianna

NO dia 20 de junho de 1743 grande era o movimento na Villa de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo, hoje cidade arqui-episcopal de Marianna.

Após tres mezes de permanencia, seguia o Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei João da Cruz que viera em correição ás Minas, para Camargos.

Varias providencias haviam sido tomadas pelo prelado nesses tres mezes, afim de regularisar a situação do clero na Villa, sendo uma dellas a demissão do vigario da vara Padre Dr. Francisco Pinheiro da Fonseca que menos curava das almas que dos seus negocios particulares, antes do temporal que do espirital, peccado que era aliás o de todo o clero das Minas, interessado em quanta especulação surgisse para attrahir o ouro que fartamente fluia das catas riquissimas.

Esse Padre, por isso que fazia vista grossa aos peccados dos seus parochianos, era tido e havido na conta de um excellente homem, tendo uma grande roda de amigos aos quaes aggravou a decisão violenta do Bispo, resolvendo-se tirar della uma vingança publica.

E com tal segredo a prepararam que nada transpirou por entre o povo.

A 20, pela manhã, poz-se em marcha a comitiva do Bispo — No momento da partida porém, quando os *sinos se preparavam para saudar o seu pastor com os seus costumados cortejos e repiques* (1) deram os sineiros pela falta de todos os badalos dos quatro sinos da matriz e do da capella de São Gonçalo.

Celere chegou ao Bispo a noticia do acontecido e voltando então outra vez para Marianna mandou tirar os badalos restantes das demais Egrejas, interditando os templos de toda a Freguezia.

O Ouvidor de Villa Rica, Caetano Furtado de Mendonça (2) mandou logo que teve conhecimento do facto, tirar quatro devassas pelas autoridades ecclesiasticas. A primeira pelo proprio Bispo, a segunda pelo Vigario da vara, a terceira pelo Conego Domingos Lopes e a quarta pelo Vigario de Antonio Dias, Padre Felix Simões.

Dessas devassas resultou para o juizo ecclesiastico a convicção de culpa de varias pessoas importantes da Villa e assim, para que não escapassem á pronuncia, o Padre Domingos Lopes reuniu um grande corpo de clerigos armados de clavinas, pistolas e catanas pondo cerco á Villa para effectuar as prisões.

A' frente de um troço armado o Padre Domingos Lopes, cuja casa servia de quartel general, invadiu as residencias dos culpados, prendendo o Bacharel Mannel Ribeiro de Carvalho, advogado nos Auditorios da Villa, Domingos Pinto Coelho, José de Almeida Costa, o Licenciado em pharmacia Manuel Peixoto de Sampaio e Manuel Pinto da Rocha, conseguindo outros fugir á cohorte clerical e refugiar-se em lugar seguro.

Realizada a prisão desses accusados, mandou o Bispo carregar-os de ferros, mettendo-os no tronco da cadeia, *como se costuma fazer aos escravos*, (3).

Emquanto isso se dava, na casa do Juiz de Fóra, José Pereira de Moura, apparecia uma carta anonyma dizendo o local em que se achavam os badalos subtrahidos.

Dirigindo-se com alguns officiaes de justiça a um corrego que atravessava o pasto da Villa, constatou o Juiz de Fóra a presença dos badalos que foram logo restituídos á autoridade ecclesiastica.

Resolveu o Bispo que fossem os presos transportados para o Rio de Janeiro e para isso organisou um corpo de 20 clerigos armados que deveriam vencer o ordenado de 200 oitavas de ouro cada um á custa da fazenda dos culpados.

A isso porém se oppoz o Ouvidor Furtado de Mendonça, dizendo que tendo os presos interposto recurso de sua pronuncia para o juizo da Coroa, deviam permanecer na cadeia da Villa até final decisão.

Animados com as primeiras violencias não se quizeram sujeitar os clerigos á decisão do Ouvidor, e combinaram um assalto á cadeia para arrancando á viva força os presos, seguirem para o Rio, conforme determinara o Prelado.

Animo resolute e decidido não se acobardou o Ouvidor: antes determinou immediatamente ao Juiz de Fóra que fizesse guardar a cadeia por officiaes de justiça bem armados e estabelecesse rondas na Villa, até que se acalmasse *aquella paixão ecclesiastica*.

Não se conteve o Padre Domingos Lopes, generalissimo dos Padres bellicosos.

(1) Consulta do Conselho Ultramarino de 16 de Abril de 1744.

(2) Cartas de 6 e 25 de Agosto de 1743.

(3) Carta do Ouvidor de Villa Rica Caetano Furtado de Mendonça para a Corte.

E taes censuras dirigiu ao Ouvidor que este em carta dirigida á Corte assim se expressava:

«Não soffre demora a satisfação do castigo porque se os juizes da Corôa de Vossa Magestade houverem de ser descompostos nos provimentos dos recursos por esses Padres desavergonhados e enfronhados nas suas ordens, que lhes parece de tudo são isentos nos seus desoforos, não haverá Juiz da Corôa, que com medo de sua venenosa lingua e penna se atreva a valer com a protecção Real aos opprimidos vassallos de Vossa Magestade»...

Essa questão entre o Ouvidor de um lado e o Bispo e Vigario da vara de outro, aggravou-se dentro em pouco por motivo de um conflicto de jurisdição.

Morrera um clérigo que deixando alguns bens e um testamento secular, as justiças ecclesiasticas fizeram o sequestro nesses bens.

Interpuzeram os herdeiros recurso para o Ouvidor que lhes dando razão decidiu em seu favor a causa.

Não cumpriu porem a decisão o Vigario da vara e na replica usando do expressões pelo ouvidor julgadas desrespeitosas, retorquiu, chamando-o atrevido e petulante; não se calou o vigario da vara redarguindo com outras e equivalentes injurias o que lhe valeu ser autoado pelo Ouvidor e condemnado á multa de 200 oitavas de ouro em proveito da Fazenda Real.

A intimação dessa sentença mandou-a fazer o Ouvidor pelo seu escrivão no palacio episcopal.

Seguiu elle a cumprir o mandado e passado algum tempo vieram dizer ao Ouvidor que o Bispo prendera o escrivão em palacio.

Encolerizado, reuniu Furtado de Mendonça os officiaes de justiça e marchou para a residencia do bispo, onde chegado mandou, tendo-lhe previamente posto cerco, uma intimação ao prelado para que desse immediata liberdade ao funcionario de justiça sob pena de ir arrancal-o á força.

Com o cerco começou a juntar-se povo defronte do palacio, chovendo commentarios como sóe sempre acontecer nessas occasiões.

O Bispo, em resposta, mandou dizer ao Ouvidor que em sua casa só entrava quem elle permittisse; que o escrivão não estava constrangido: aguardava somente um outro escrivão ecclesiastico para dar contra fé do seu mandado. Com isso e sahindo o escrivão,

retirou-se o Ouvidor, endereçando o Bispo á Corte longa queixa, contra Furtado de Mendonça.

Informada favoravelmente pelo governador Gomes Freire de Andrade, saiu triumphante o Bispo da questão, sendo removido o Ouvidor.

A questão do furto dos badalos foi commettida então ao Juiz de Fóra que abriu nova devassa, verificando a innocencia de alguns dos que o Bispo prendera anteriormente como culpados.

Provaram as indagações tratar-se de uma simples vingança do Padre Francisco da Costa de Oliveira, já fallecido em 1745 quando se concluiu a devassa, que o Bispo não admittira a exames, talvez por ser intimo do ex-vigario Dr. Francisco Pinheiro da Fonseca.

Tambem concorrera para o furto o Padre Antonio Sarmiento.

Contra Miguel Pinto da Rocha um dos anteriormente presos havia indicios de cumplicidade visto como antes do facto elle assoalhara que os sinos da cidade calar-se-iam no dia da partida do Bispo.

Quanto ao boticario Manuel Peixoto de Sampaio, sabia-se ser amicissimo do ex-vigario, "*ser homem arrogante, insolente*" tendo tido um attricto com o Bispo que o coagira a firmar um termo de deixar o concubinato em que publicamente vivia.

Acerca d'este ultimo era opinião do Juiz de Fora que embora sobre elle não recalhessem mais que vagos indicios, devia ser retirado das Minas e mandado para outra capitania.

E eis ali como terminou essa questão, vencendo em toda a linha o clero, fazendo recuar os representantes da justiça d'El-Rei.

Partiu para o Rio victorioso o Bispo D. Frei João da Cruz; passados annos demittiu-se do cargo e ao retirar-se para o Reino julgou ser conveniente ao serviço de Deus, carregar com todas as alfaias, ornamentos e prataria compradas com a renda do Bispado e ainda com o espolio do seu antecessor D. Frei Antonio de Guadalupe, acção por sem duvida merecedora de que aqui a rememo-remos, (4) arrancando-a a injusto olvido.

Maio—907.

MARIO BEHRING.

(4) Carta do Cabido da Sé do Rio de Janeiro de 6 de Abril de 1751.

DE RELANCE

ESTA civilização mesclada não se constituiu ainda na posse, mesmo symbolica, de todo o seu reino arboral, que por ali frondeja á espera do homem de outras zonas. Este solo ainda recebe da omnisciencia legislativa a sua lei de povoamento e reclama o incessante, laborioso amanho da sua tribu de semeadores... Já possuímos, emtanto, cidades que exhalam a alma a um dobre de finados, na evocação e melancholia das ruínas consagradas pela Historia; cidades que envelhecem, obscuras e estereis como virgens decrepitas, as mais das vezes beatas, com o rosario entre as mãos ao canto da lareira; e até cidades que, por milagre, se aformoseiam, remocam, esplendem para novos destinos.

Olinda é uma triste irmã de Bruges-la-Morte, uma flor de origens colonias a esvaecer e esfolhar-se nostalgicamente sobre as aguas do mar. Por toda a parte escombros, mosteiros desertos, egrejas onde os santos recordam com saudade a ultima prece, lendas heroicas e balladas amorosas, não sei que vaga poesia evolvendo-se d'aquelle infortunio. Outra cidade, S. Luiz do Maranhão, por mais que a enfeitem de jardinsitos, repuchos, estatuetas, guarda o seu ar tranquillo e devoto, como se ainda ouvisse, de joelhos, o Padre Antonio Vieira no sermão dos peixes. Não circula, não vozeia, não atordôa. O seu murmúrio escapa-se ás vezes, religiosamente, da penumbra de um confessionario, onde fulgem dous olhos negros, os lindos olhos das mestiças do Norte. Mas logo retorna o silencio — e toda ella reoccupa o dominio sacro dos versiculos, das genuflexões, dos thuribulos ardendo e fumegando aos pés dos crucifixos.

O Rio é a cidade que triumphna na belleza das metamorphoses inesperadas... Quem lhe insufflou esta vida nova? Quem lhe transmittiu este sopro e esta seiva de primavera? O Tempo, multiplicando-lhe as possibilidades organicas, só agora estimuladas por uma iniciativa duplamente forte, a iniciativa do Ouro e do Poder.

O imperfeito symbolo pagão da fouce que tudo abate, da velhice em que tudo se deforma e perece, apenas considerou a actividade singularmente destruidora do Tempo. Quando

no imperio de Chronos, por sua benigna influencia, a vida se transfigura e ascenciona, damos-lhe o nome de Progresso ou Evolução. Ora, entre os anathemas e os queixumes do egoismo que monologa sombriamente no Ecclesiastes ou abranda e entenece os corações na lyrica dos poetas magnos, elle é com effeito impiedoso e inexoravel. Mas vêde o Tempo no desenvolvimento dos germens e das formas, no passaro que se empluma e na arvore que se enflora, no lavor da obra d'arte, na contextura dos systemas, na resurreição das cidades, e abençoa-o! A propria Egreja negou-lhe aqui o milagre, suppondo um ardente improvisado que era em verdade a eclosão de forças accumuladas. O cardeal brasileiro, ao voltar da Europa, não reconhecendo o ap:isco das suas oitocentas mil ovelhas (quantas dellas insubmissas ou tresmalhadas para desgosto de S. Eminencia!) teve um assombro e uma phrase: «Que mutação de scenario de magica!» E assim desdenhado pelas justicas da terra e do céu, vingase hoje o Tempo deixando inacabada a sua empreza, de sorte que anda a suspirar toda a gente, movendo-se por entre os andaimes de construcções infundaveis: «Quando voltará o Tempo das obras?»

O Rio... Se a França não moirejou senão para gloria de Paris, como disse mais ou menos alguém na tribuna da Camara, sob o governo de S. Magestade imperial, que Deus guarde com a sua corôa entre as pompas da côrte celeste, a acção dynastica foi tambem convergente e centralisadora no Brasil: do Rio esperava-se toda a luz, para elle todo o sonho voava... Com a federação medrou o sentimento regional, sobretudo naquelles estados que, por sua opulencia e por sua vitalidade, são os grandes eleitores e os grandes contribuintes da Republica. Mas o prestigio da capital não decresceu, antes se alargou, com a fulgida perspectiva de outras seducções, e a curiosidade provinciana ainda lampeja, mesmo depois de haver conhecido o tumulto da City, as acacias do Bois, o sorriso das vienenses, a transparencia azul do lago de Como, se a miragem do Rio perpassa numa leitura ou numa palestra.

As bellas cidades, a exemplo das mulheres bellas, provocam e estimam o galanteio. E' de ver como esta recolhe soffregamente o juizo do estrangeiro que a visita, seja o emissario de uma potencia americana, seja um *commis voyageur* a rabiscar impressões no livro de notas commerciaes. A lisonja é o seu pabulo, a caricatura é o seu inferno... Vaidade das vaidades, como saturaste almas e pedras nesta civilização!



Do provinciano a illustre dama não se apercebe senão para encolher os hombros, ironisal-o superiormente, quando elle tem o descaro de opinar e induzir sobre cousas flamantes da vida carioca. Então o provinciano — extremo recurso dos neophytos! — corre aos alfaiates da Moda, se atavia, se apelintra, e vae incorporar-se ao grupo das figuritas de biscuit da rua do Ouvidor. Perderam-se emoções que valeria a pena fixar num instantaneo de *humour* — e a alma exuberante do selvicola afundou-se naquella mesmice dos hyper-civilisados, sobre a qual se arrepellava o Eça.

Antes da sua iniciação nos deleites da vadiagem, pelas esquinas e pelos cafés, sentira o provinciano, todavia, um fremito de puro civismo, quando lhe apparecera, entre a nevoa diffusa dos morros e as limpidas aguas encrespadas, a bandeira da Patria a ondular sobre monitores e fortalezas. Porque as nossas fortalezas esparsas no littoral do Norte apenas desafiam a piedade das almas christãs... Não têm a arrogancia das torres blindadas: têm a ferrugem dos canhões imprestaveis, o desolado aspecto de Job no seu monturo. Vacillam, esborôam-se, desfazem-se, e o inimigo experimentaria ao defrontal-as, não o temor que assalta os corações, mesmo sob as armaduras invulneraveis, mas o desejo de amparal-as e reerguel-as na sua desdita ou no seu abandono.

O deslumbramento incomparavel de quem chega é o amphitheatro de morros que nos circumdam, nos encarceram, nos retêm a alma para todo o sempre. A saudade rustica dos valles e das praias alvejantes, onde ramalham coqueiros desgrenhados, a pouco e pouco se dilue e se esvae á sombra destes morros. Uns verdejam, florescem, pompeiam; outros se recortam desnudos e abruptos, varando o azul distante: uns e outros irradiam sob a gloria do sol nascente, coloram-se de violeta ou de rosa na doçura das tonalidades vesperaes, amortalham-se em brumas pardacentas quando vem aspero o inverno. E atravez do meu pantheismo é delles que baixa sobre nós a victoriosa alegria das manhãs de festa ou a languida tristeza povoada de scismas e de sonhos.

Entre os morros a cidade impera com os seus zimbórios, as suas palmeiras, os seus torreões, e ao penetral-a uma sensação deliciosa de anonymato nos invade o ser. Fundir-se instinctivamente na turba, escoar-se na correnteza humana das grandes vias publicas, ir sobre a onda no cardume, voar nas azas do enxame, restituir aos movimentos da alma collectiva a parcella desintegrada, mas observando e sentindo, que fino goso espirital para

quem não ama o relevo dos pygmeus no microcosmos! Succedem-se as praças e os edificios, numa vertigem; as datas e os nomes relampejam; os bronzes monumentaes emergem dos tufos de verdura onde noivam as primeira-flores de Maio; resaltam á vista luminosos bocados de paizagens, resaltam á memoria, de quando em quando, os factos culminantes da nacionalidade. Assim resvalamos, desconhecidos, por esse mundo que desconhecemos de polo a polo. Salteam-nos lembranças e imagens de outros periodos, tão esfumados como as serranias em tardes de nevoeiro — a avenida heraldica do Mangue onde as palmeiras agonisam, o paço de S. Christovão symbolisando a existencia mediocre e vegetativa de um imperio sem conquistas. Mas logo sossobra, desaparece a tradição na voragem da actualidade tumultuosa. Plena avenida central: os automoveis, os bonds electricos, as carruagens, a elegancia das cocottes a gyrar e a florir sobre o asphalto, os peões que se cruzam, os basbaques deante das vitrines, o dandysmo á porta dos cafés... Depois a avenida á beira-mar, com os seus renques de arvores novas, a sua muralha contra a qual, num reclamo de posse turbada, arremettem e espumejam as vagas. Tenho agora uma synthese espelhante e juridica da patria — nos annexos do Cattete os que mandam, no labyrintho das ruas os que obedecem. E a desdobrar-se da estatua de D. Pedro, o rei soldado, á cupola do Palacio Monroe, toda a nossa historia autonoma, desde o grito do Ypiranga á visita do Sr. Elihu Root.

Nesta primeira semana de atordoamento e iniciação o provinciano mal consegue vincular idéas geraes aos costumes e aspectos do meio que o empolga, o subjuga, o desvaira.

O espaço, a noção urbana do espaço, leva á noção do infinito, mesmo sem guias philosophicos, emquanto não ascendemos ao Corcovado e não olhamos daquellas alturas a *urbs* que serpeia entre os montes.

A circulação é o desespero e a phobia do homem retardatario das aldeias. Para este o planeta accelera a trajectoria, o mundo contemporaneo se automobilisa, confirmando o augurio do Marquez de Dion. Foge o provinciano aos vehiculos, por não ser atropellado, e vae na realidade atropellar quem passa. Mas lhe resta um consolo: é que até os sabios, como Pierre Curie, deixam os miolos debaixo das rodas quando se descuidam. E depois de um passeio á Tijuca, entre plumas e véos, não basta já o automovel: o iniciado quer um idyllio entre as nuvens fugidias e ancia pela aeronave Dumont.

Os jornaes atropellam da mesma sorte, os da manhã e os da tarde, ou politicos, ou imparciaes, ou evangelisadores, ou noticiosos, ou illustrados, ou sem illustrações... Todos elles, innumeraveis, nos requestam e nos atortentam, de sorte que o melhor é atirar-se a gente sobre um delles, ao acaso, e brandil-o contra os demais. Alguem se lastima nesse instante: «O meu tempo consome-se na leitura dos jornaes. Acautele-se.» E a victima remergulha nas gazetas. Desce, porem, a noite e as almas se tranquillizam: o Rio não tem ainda o seu jornal da noite.

Na população bem se vê como não logramos fixar as energias apuradas num cruzamento de raças fortes, as raças competentes de Mahan, porque não basta aos povos o orgulho da sua linhagem. Tambem por aqui a degenerescencia physica do néo-latino, agravada pela inercia, deixou o mesmo globulo de sangue dessorado, em que pullulam os germens das infecções avassalantes, contra as quaes se organisam as ligas e se erigem os sanatorios. Felizmente a propaganda sportiva dos gremios athleticos, sobre a qual já desceu na Italia a benção do Vaticano, a pouco e pouco vae seleccionando typos de cultura muscular, affeiçãoados á hygiene de corpo e de alma em cujo dominio os suecos adquiriram, sob o regimen de Ling, a plenitude, a serenidade, a harmonia vital da Força equilibrada. As mulheres? Não as observemos com os requiebros do lyrismo sertanejo, que trouxesse a viola encordoada para os salões da capital. E' o estrangeiro mesmo quem as destaca, por sua graça flexuosa e estonteante, daquellas outras que só inspiraram á dyspepsia de um *millionario yankee*, em viagem de recreio á Amazonia, estas palavras cariciosas: «Das mulheres não direi... Toda a minha piedade vae para os homens, desditosos animaes a quem a formosura não se revelou naquelle pedaço de terra americana.»

Santo Agostinho, aqui, sobretudo fulminaria os peccados da vista, amaldiçoando os sentidos humanos como portas estreitas, mas abertas, de par de em par aos demonios...

Ajuize tambem o estrangeiro do aspecto funerario de quasi toda essa gente, mesmo nos logares e nas horas em que se diverte. Somos realmente um grande povo de *misanthropos* e de *macambuzios*, dentro da natureza em flor; o povo dos elogios e dos livros negros

mas não póde ser de outro modo, que ainda trazemos na alma a projecção da roupeta dos jesuitas e a nostalgia dos primeiros colonos.

A poeira... Oh! essa detestavel poeira que macula o verniz das botas e gera opthalmias crueis! Desfila a multidão recoberta de pó, nos dias caniculares, e ainda verei por certo empoeirada a brancura dos cysnes do Passeio Publico.

Quanto á vida nocturna, é uma aspiração indecisa para a sumptuosidade e a estridencia dos boulevards. O Rio não flammeja á noite: mal bruxoleia, escassamente illuminado. Afóra a promessa de Coquelin Ainé e Eleonora Duse, ha os clubs, os cafés, os theatros, sempre com os mesmos attractivos e as mesmas tentações, mas de um verdadeiro theatro não ha senão o arcabouço. As formas galantes ou hediondas do Vicio estão aprisionadas numa orbita de severo policiamento. E o jogo encolhe-se, a prostituição escandalosa tranca as janellas, o cafismo abala ao faiscar dos oculos negros do Sr. Dr. Alfredo Pinto.

O Rio tem o supremo encanto e a suprema fealdade. Nas manhãs pluviosas, quando os ares se toldam e os morros se embuçam, é triste rolar, mesmo em automovel, sobre o asphalto pegajoso, lamacento, escorregadio... Tomam relevo as mascaras sinistras e apenas lobrigamos velhotas, de face repollhuda ou corcomida, embrulhadas nas suas mantas escuras, porque as moças não sahem de casa em dias como esses. Sobre a alma enregelada cahe dos espaços o Tédio, a neblina do verso de Corbière:

grain d'ennui qui nous plent de l'ennui des espaces

Mas reapareça gloriosamente o sol, que é o nimbo de oiro das cidades tropicaes, e a rua do Ouvidor illuminar-se-ha, de extremo a extremo, á passagem das oreades captivas destes morros. Somem-se nas profundezas da litteratura, da politica e da sciencia os Immortaes aureolados e barbudos. Nada mais que o roçar de um vestido, o refulgir de um bracelete, a perturbadora, momentanea visão da Graça feminina... E outras almas enraizam-se no velho culto inabalavel da rua do Ouvidor!

Cidade ignota e amada, como a Belleza que passa, quem poderá conhecer o teu mysterio, decifrar o enigma do teu sorriso neste primeiro encontro?

CELSO VIEIRA

PEGA!

NA interessante revista de Lisboa *A nossa Patria*, n. 19, de 1º de outubro de 1905, leio, admirado, as seguintes linhas sob o título: — *Os nossos concursos*:

“Foram assim classificadas as provas do concurso poetico, aberto no nosso n. 17, para a traducção, em verso portuguez, do soneto *Un secret*, de Felix d’Arvers:

“1º premio: n. 8, de Lucio de Mendonça; 2º premio: n. 6, de Azor (não quiz declarar o seu nome); 3º premio: n. 4, Dr. Joaquim Neves.

“Os premios foram já enviados aos concorrentes cujas traducções foram classificadas, á excepção do segundo, que não sabemos quem seja.”

E, em seguida, a publicação das traducções premiadas, na ordem em que o foram.

Occorre logo observar que não é só o segundo laureado que a illustrada radacção não sabe quem seja: é tambem o primeiro, este seu criado, que, até a presente data, não recebeu o premio enviado, nem delle teria tido noticia, se não fôra a obsequiosa informação do seu velho amigo o Sr. Francisco Ramos Paz, que, outro dia, na livraria Garnier, lhe referiu o caso e depois lhe deu o exemplar da revista, de onde fez a transcripção acima.

Esclareceu o Sr. Francisco Paz que se apresentára ao concurso, e depois a receber o premio conferido, um Sr. Lucio de Mendonça, residente em Coimbra, e que o premio recebido fôra um bello livro, que daqui estou a ver com os olhos da imaginação e da inveja.

Em Coimbra, exactamente, no anno de 1896, publicou-se o meu livro *Canções do Outono*, impresso na esplendida typographia França Amado, e editado pelo meu saudoso amigo Manoel Cotta, que depois o distribuiu em premio aos assignantes

do *Paiz*. O livro nunca foi exposto á venda.

Naquelle volume, a pags. 62-63, veiu a traducção dos famosos versos de Felix d’Arvers, em tudo iguaes aos transcriptos na *Nossa Patria* de 1º de outubro de 1905, em tudo, menos no titulo, que no livro é apenas — *Soneto*.

Como hei de entender esta historia? Houve um senhor de Coimbra, que levou ou mandou a Lisboa a minha traducção, e depois lá foi ou mandou receber o premio que em concurso me coube. Até ahí, muito bem, e mui obrigado ao meu amavel gestor de negocio, que em tudo procedeu sem sciencia nem auctorisação minha, mas, evidentemente, em meu proveito. Mas, e aqui começa a entortar-se o caso e a minha percepção delle, o meu homem (nem digo já o meu homonymo) esqueceu-se, no lapso de um anno e oito mezes, de comunicar-me a nossa victoria no concurso poetico.

Ainda mais, e agora a coisa é inteiramente torta, o senhor de Coimbra deixou de completar a gestão do negocio remetendo-me para cá o meu rico premio. Neste ponto, não tenho mão em meus instinctos de defeza que não procure ao alcance da mão e dos labios um estridente apito para chamar a policia.

E daqui apito:

— Ó da policia literaria portugueza! ó da redacção da revista illustrada lisboense *A nossa Patria*! Ó dos poderes publicos do reino irmão! ó do Sr. D. Carlos, nosso futuro visitante! peguem-me em Coimbra esse cavalheiro, revistem-lhe os bolsos e as estantes, e obriguem-no a remetter-me pelo correio, sob registro e com franquia á minha custa, o livro com que fui premiado naquelle concurso de 1905!

E espera das justicas de suas excellencias, o justo deferimento.

LUCIO DE MENDONÇA
Da Academia Brasileira

Rio de Janeiro, travessa do Marquez do Paraná n. 8 (Botafogo).

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia
Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2¹/₂ e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

GRANDE LOTERIA PARA S. JOÃO

EM 3 SORTEIOS (155-1º)

| | | |
|--|---|--|
| 1º sorteio 100:000\$000 <i>Em 22 de Junho, ás 3 horas</i> | 2º sorteio 100:000\$000 <i>Em 24 de Junho, ás 11 horas</i> | 3º sorteio 200:000\$000 <i>Em 24 de Junho, á 1 hora</i> |
|--|---|--|

Preço do inteiro 8\$000, o decimo 800 réis, com direito a 3 sorteios

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes, NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 10



Fabrica : 56, Rue de Bondy, PARIS

Envia-se franco o Catalogo

VENDE-SE EM CASA DOS NOSSOS REPRESENTANTES :
Srs. LEVY IRMAOS & C^a, em *Pelotas*.
Sr. ISIDORO MARX, em *Porto-Alegre*.
E NOS PRINCIPAES BAZARES.

EM PUBLICAÇÃO

Conferencias Litterarias
Medeiros e Albuquerque

No Extremo Oriente
Cap. Moreira Guimarães

Com muitas illustrações.

Edição de grande luxo.

PEDIDOS :

J. SCHMIDT

RUA DA ASSEMBLÉA N. 62

RIO DE JANEIRO